

# mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO



**ARTIGO**

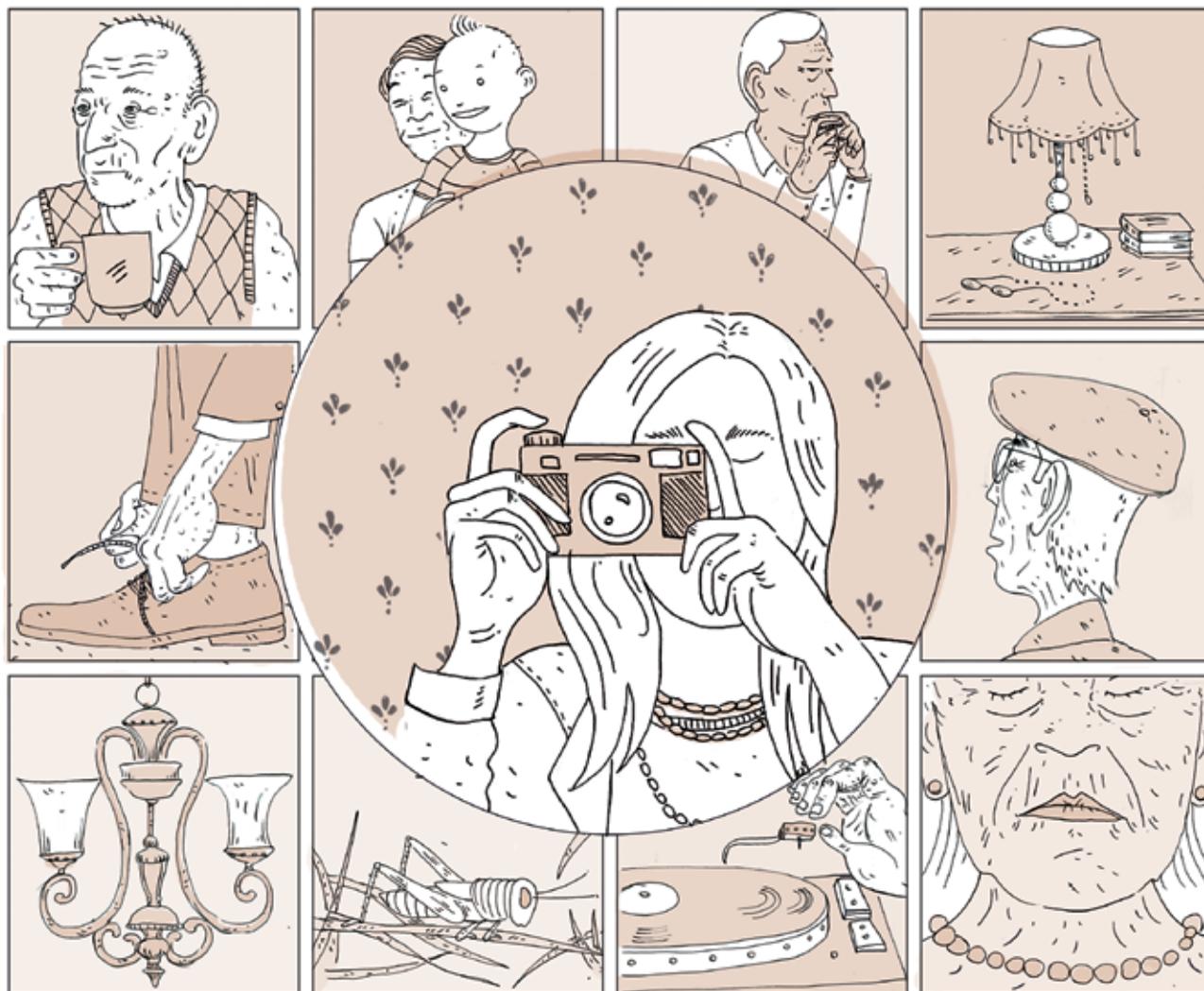
Dificuldades e desafios na busca pela cura da doença de Alzheimer

**ENTREVISTA**

Shoko Suzuki  
Ceramista

**PAINEL DE EXPERIÊNCIAS**

Protagonismos



**Sesc São Paulo**

Av. Álvaro Ramos, 991  
03331-000 São Paulo - SP  
TEL.: +55 11 2607-8000  
[sescsp.org.br](http://sescsp.org.br)

# mais60

**ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO**

VOLUME  
**28**

NÚMERO  
**67**

MAIO  
2017

ISSN  
2358-6362

Produção técnica editada pelo  
Sesc – Serviço Social do Comércio

**SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**  
Administração Regional no Estado de São Paulo

**PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL**

Abram Szajman

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL**

Danilo Santos de Miranda

**SUPERINTENDENTES**

*Técnico-Social* Joel Naimayer Padula

*Comunicação Social* Ivan Giannini

*Administração* Luiz Deoclécio

*Massaro Galina Assessoria Técnica e de Planejamento* Sérgio José Battistelli

**GERENTES**

*Estudos e Programas Sociais* Cristina Riscalla Madi

*Adjunta* Cristiane Ferrari *Artes Gráficas* Hélcio

*Magalhães Adjunta* Karina Musumeci

**COMISSÃO EDITORIAL**

Celina Dias Azevedo (*coordenação*),  
Cristina Fongaro Peres, Danilo Cymrot,  
Denise Collus, Elizabeth Aparecida Guaraldo  
Brasileiro, Fernando Marineli, Flavia Rejane  
Prando, Gabriela da Silva Neves, Jair de  
Souza Moreira Júnior, Kelly Cecília Teixeira,  
Maria Augusta Maia de Araújo Damiani,  
Maria Emília Carminetti, Maria Ivani  
Rezende de Brito Gama, Mariana Barbosa  
Meirelies Ruocco, Marina Herrero, Maria  
José Leandro Tavares, Neide Alessandra  
Périgo Nascimento, Ricardo Silvestre  
Micheli, Rosana Abrunhosa, Sandra Carla  
Sar de Mirabelli, Sandra Regina Feltran, Sílvia  
Eri Hirao, Virginia Baglini Chiavalloti.

*Editoração* Lourdes Teixeira Benedan

*Produção Digital* Ana Paula Fraay  
e Veridiana Piccinini

*Fotografias* Capa e pág. 8, 92, 93, 94, 95 e 97:  
Leandro Cortazzo Lobo; pág. 20, 38 e 56:  
Roger H. Sasaki; pág. 96: Aduino Perin;  
pág. 84, 88, 90 e 100: Alexandre Nunis;  
pág. 100: Matheus José Maria.

*Revisão* Marco Storani

*Projeto Gráfico* Marcio Freitas  
e Renato Essenfelder

**Artigos para publicação podem ser  
enviados para avaliação da comissão  
editorial, no seguinte endereço:**

revistamais60@sescsp.org.br

---

Mais 60: estudos sobre envelhecimento /  
Edição do Serviço Social do Comércio. –  
São Paulo: Sesc São Paulo, v. 28, n. 67, maio.  
2017 –.

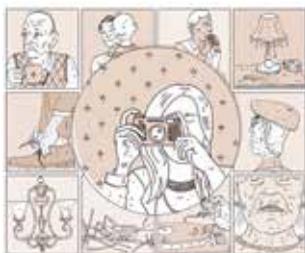
Quadrimestral.

ISSN 2358-6362

Continuação de A Terceira Idade:  
Estudos sobre Envelhecimento, Ano 1, n. 1,  
set. 1988-2014. ISSN 1676-0336.

1. Gerontologia. 2. Terceira idade.  
3. Idosos. 4. Envelhecimento. 4.  
Periódico. I. Título. II. Subtítulo.  
III. Serviço Social do Comércio.  
CDD 362.604

---



## CAPA

### Leandro Cortazzo Lobo

Nasceu em 1985, nascido em São Paulo, criado na pacata Santa Cruz do Rio Pardo

Gradudou-se em Design Gráfico pelo Centro Universitário Senac

Especializado no setor cultural, atua através do Estúdio Diálogo, escritório multidisciplinar fundado em 2007 com parceiros da faculdade.

Entre seus últimos trabalhos estão o projeto visual do Sesc Jazz & Blues e ilustrações para o festival de rock interiorano, Rock Rio Pardo.

## SUMÁRIO

- 1** PÁGINAS DE 8 A 19  
*Destaque da edição*  
**Dificuldades e desafios na busca pela cura da doença de Alzheimer**  
*por Marimelia Porcionatto*
- 2** PÁGINAS DE 20 A 37  
**Percepção estética do envelhecimento feminino**  
*por Gleicimara Araujo Queiroz Klotz*
- 3** PÁGINAS DE 38 A 55  
**Precisamos discutir sobre o idadismo**  
*por Gisela G. S. Castro*
- 4** PÁGINAS DE 56 A 83  
**Revisão bibliográfica da publicação “Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento”**  
*por Cristina Riscalla Madi, Jessica L. Gomes, Thais G. Louzada*
- e** PÁGINAS DE 84 A 91  
**ENTREVISTA: Shoko Suzuki**
- f** PÁGINAS DE 92 A 97  
**ILUSTRAÇÕES: Leandro Lobo**
- p** PÁGINAS DE 98 A 100  
**PAINEL DE EXPERIÊNCIA: Protagonismos**  
*por Ana Luisa Sirota de Azevedo*
- r** PÁGINAS DE 101 A 105  
**RESENHA: Sobre as nossas finitudes.**  
*por Lucy Franco*



# Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos dos Idosos

**Danilo Santos de Miranda**

*Diretor Regional do Sesc São Paulo*



Apesar dos problemas graves que atingem contingentes populacionais inteiros em algumas partes do mundo, e das tensões que ameaçam as condições econômicas e sociais, um dos reflexos da melhoria de condições básicas de existência é o aumento da expectativa de vida.

A investigação na área do envelhecimento é um vasto campo de investimento científico, no entanto, o enfoque interdisciplinar e multifatorial das questões vinculadas a esse processo favorece a percepção da complexidade que é a velhice. Apesar de, na contemporaneidade, as sociedades valorizarem a juventude e a beleza, questões que certamente merecem atenção, o exercício da cidadania em suas múltiplas dimensões e perspectivas, abrem uma diversidade de indagações que devem ser colocadas em questão.

Nas últimas décadas, observamos muitos avanços relacionados tanto às políticas públicas quanto à atuação da sociedade civil na questão do envelhecimento. Mas o agravamento dos problemas econômicos e sociais demanda aporte financeiro e instrumentos políticos que garantam, mais do que nunca, a segurança dos segmentos mais fragilizados da população.

É necessário fortalecer redes de suporte entre os vários agentes que lidam com os idosos, criando momentos de debate sobre o desenvolvimento de políticas públicas, de ações de organizações privadas e de profissionais para que, dentro de suas possibilidades e competências, colaborem para a construção de um senso inclusivo, levando as discussões para seus coletivos e comunidades.

Nesse sentido, a cidade de São Paulo acolheu no mês de maio de 2017 o *Fórum Direitos Humanos das Pessoas Idosas*, realização do Sesc em parceria com o Conselho Nacional de Direitos dos Idosos (CNDI), com objetivo chamar a atenção da sociedade para os temas que serão debatidos na *Reunión Regional de la Sociedad Civil Madrid +15*, no Paraguai, e cujos resultados serão apresentados como contribuições à subseqüente *IV Conferência Intergovernamental Madrid + 15*, no mesmo país.

O *Fórum* soma-se a uma série de encontros realizados após a edição do *Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento*, em 2002, quando se seguiram iniciativas de âmbito regional para organizar a sociedade civil, com o intuito de implementar as recomendações e, também, de promover discussões em torno da ratificação pelo Brasil da *Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos dos Idosos*.

Assim como em outras áreas, existe uma grande quantidade de documentos orientadores ou normativos sendo desenvolvidos por órgãos nacionais e internacionais. No caso da *Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos das Pessoas Idosas*, seu valor é garantido pela necessidade de mitigar os efeitos negativos dos problemas sociais que pesam sobre os idosos. A importância da ratificação da *Convenção Interamericana* pelo Brasil reside na possibilidade de compartilhar a responsabilidade pela concretização das ações, garantindo que a sociedade civil acompanhe e fiscalize as ações governamentais.

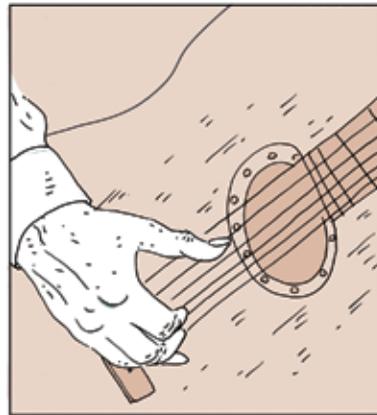
Ao longo de mais de meio século de trabalho com idosos, as ações do Sesc São Paulo voltam-se não apenas para o oferecimento de serviços, mas também para o fomento de debates públicos, atualizando permanentemente as discussões em torno da velhice e do envelhecimento. Nessa perspectiva, a instituição atua como observadora atenta das dinâmicas em torno de documentos e regulamentações, fundamentais para a leitura do contexto e para a prospecção de suas ações. ➔



*Artigo  
da capa*

# Dificuldades e desafios na busca pela cura da doença de Alzheimer

[Artigo 1, páginas de 8 a 19]





### **Marimelia Porcionatto**

*Professora associada livre-docente da disciplina de Biologia Molecular, da Escola Paulista de Medicina (EPM), com formação em Biomédica pela EPM, mestrado e doutorado em Biologia Molecular pela EPM, pós-doutorado em Neurobiologia pela Harvard Medical School; é membro da Rede Nacional de Terapia Celular (RNTC) e do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Medicina Regenerativa (INCT Regenera).*

*marimelia.porcionatto@gmail.com*



**RESUMO**

O aumento da expectativa de vida da população eleva a prevalência de doenças crônicas. Estima-se que em 2050 haverá cerca de 130 milhões de pessoas no mundo com demência. A doença de Alzheimer (DA) é a principal causa de demência, caracterizada por neurodegeneração crônica progressiva. Procura-se discutir aspectos biológicos e fisiológicos da DA, para conhecer e entender os mecanismos celulares e moleculares normais, e como os elementos envolvidos no funcionamento normal do Sistema Nervoso Central (SNC) eventualmente apresentam um comportamento anormal sob a DA. Em razão disso, apresenta-se uma revisão de trabalhos publicados com vistas a reavaliar os métodos diagnósticos disponíveis e propor algumas estratégias terapêuticas.

**Palavras-chave:** demência; neurodegeneração; imunoterapia; terapia gênica; terapia celular.

**ABSTRACT**

*The increase in the population's life expectancy raises the prevalence of chronic diseases. It is estimated that by 2050 there will be around 130 million people in the world with dementia. Alzheimer's Disease (AD) is the main cause of dementia, it is characterized by chronic progressive degeneration. Here we have tried to discuss the biological and physiological aspects of AD, to get to know and understand the standard cellular and molecular mechanisms, and how the elements involved with the normal operation of the Central Nervous System (CNS) eventually present an abnormal behavior when under AD. Because of this, we present a review of papers published in order to reassess the available diagnostic methods and propose some therapeutic strategies.*

**Keywords:** dementia; neurodegeneration; immunotherapy; gene therapy; cell therapy.

## INTRODUÇÃO

Atualmente, mais de 900 milhões de pessoas no mundo têm mais de 60 anos. O aumento da expectativa de vida da população aumenta também a prevalência de doenças crônicas, entre elas aquelas que afetam o Sistema Nervoso Central (SNC). De acordo com o relatório anual da *Alzheimer's Disease International (ADI) – World Alzheimer Report 2015*, o número estimado de pessoas vivendo com demência em 2050 será de cerca de 130 milhões ao redor do mundo, sendo 2 milhões na América do Sul (PRINCE et al., 2015). Esse número representará um aumento de mais de 170% no número de pessoas com mais de 60 anos vivendo com demência em 2050.

A doença de Alzheimer (DA) é considerada a principal causa de demência e, no momento, é uma doença sem cura. A DA é caracterizada por neurodegeneração crônica progressiva, associada com idade avançada, embora não exclusivamente, pois pode acometer indivíduos com menos de 65 anos, quando é denominada DA de início precoce. A incidência da doença é de 15% em indivíduos acima de 65 anos e de 50% naqueles acima de 85 (SMITH, 1998). Como consequência do desenvolvimento da DA, o indivíduo apresenta comprometimento neurológico gradual que envolve perda de memória recente, dificuldade de resolver problemas, dificuldades na fala e alterações na personalidade.

Com relação aos aspectos biológicos, a DA é caracterizada pelo depósito anormal do peptídeo amiloide  $\beta$  ( $A\beta$ ) na matriz extracelular do SNC, formando placas amiloides (ou placas senis), e por hiperfosforilação da proteína tau, proteína associada a microtúbulos, que leva à formação de agregados insolúveis dentro dos neurônios. Essas duas condições – depósito de  $A\beta$  fora das células do SNC e formação de estruturas anormais de tau dentro dos neurônios – levam, progressivamente, à morte neuronal, acompanhada de um quadro inflamatório (GUALTIEROTTI et al., 2017).

Para compreender os desafios e as dificuldades para o desenvolvimento de estratégias terapêuticas que levem à cura da DA, com reversão dos sintomas e dos danos estabelecidos, é necessário conhecer e entender os mecanismos celulares e moleculares normais, e como os elementos envolvidos no funcionamento normal do SNC eventualmente passam a ter um comportamento anormal.

A incidência da doença é de

**15%**

em indivíduos acima de 65  
anos e de

**50%**

naqueles acima de 85  
(SMITH, 1998)

**Artigo 1**Dificuldades e desafios na busca pela cura da  
doença de Alzheimer**GERAÇÃO DO PEPTÍDEO A $\beta$  E DESENVOLVIMENTO DA DA**

O peptídeo A $\beta$  é gerado a partir da degradação parcial de uma proteína maior que faz parte da membrana celular dos neurônios, a proteína precursora amiloide (APP), por três enzimas,  $\alpha$ ,  $\beta$  e  $\gamma$ -secretases (CIRRITO et al., 2008). Em condições fisiológicas, APP é clivada pela  $\alpha$ -secretase, gerando um fragmento solúvel, sAPP $\alpha$ , que é secretado para o meio extracelular. O restante da molécula APP sofre uma segunda clivagem enzimática, dessa vez pela enzima  $\gamma$ -secretase, gerando dois peptídeos, AICD (APP *intracelular domain*) e p3, ainda com função desconhecida (PLUMMER et al., 2016). Esta via é denominada como via não amiloidogênica, por não causar a formação de placas amiloides. Acredita-se que o peptídeo sAPP $\alpha$  seja neuroprotetor e apresente pelo menos duas funções fisiológicas: modular a excitabilidade dos neurônios e estimular o crescimento de neuritos, ambas fundamentais para que os neurônios exerçam suas funções (CHOW et al., 2010).

A degradação de APP pode seguir outra via. Isso ocorre quando, em vez de ser inicialmente clivada pela  $\alpha$ -secretase, APP é clivada pela  $\beta$ -secretase, seguida de uma clivagem por  $\gamma$ -secretase, gerando o peptídeo A $\beta$ , que é liberado no meio extracelular. Esta via é denominada amiloidogênica, pois A $\beta$  secretado pode acumular-se fora da célula e formar agregados insolúveis que culminam na formação das placas amiloides (SHANKAR et al., 2008). Evidências mostram que os agregados, ou oligômeros de A $\beta$ , inibem a atividade e reduzem a densidade das espículas dendríticas de neurônios e, no longo prazo, induzem à morte neuronal.

Dados da literatura mostram que a degradação de APP por  $\alpha$ -secretase na via não amiloidogênica previne contra a produção de A $\beta$ , porém ainda pouco se sabe sobre os mecanismos de sinalização que estimulam a via da  $\alpha$ -secretase em detrimento da via da  $\beta$ -secretase, a via amiloidogênica.

Diversas mutações no gene que codifica para APP e favorecem a degradação por  $\beta$ -secretase, levando ao aumento da produção do peptídeo A $\beta$ , já foram identificadas em pacientes com DA de início precoce (ROGER et al., 2016). Nos indivíduos com DA após os 65 anos, mutações em outros genes foram identificadas e, entre essas mutações, destaca-se a mutação no gene da apolipoproteína E (APOE), proteína que participa do transporte de lipídeos e que vem sendo relacionada com a remoção do peptídeo A $\beta$  do cérebro (ROGER et al., 2016).



**Em razão da complexidade do desenvolvimento da DA e dos diferentes mecanismos celulares e moleculares que podem estar afetados, é de se esperar que ainda não seja possível reverter o quadro completamente.**

Um dos mecanismos de remoção de A $\beta$  é pelo transporte através da barreira hematoencefálica, mediado por APOE e clusterin (CLU). Após cruzar a barreira hematoencefálica, o complexo A $\beta$ -CLU-APOE é reconhecido pela proteína relacionada ao receptor de LDL (LRP1) e pode ser endocitado, ou seja, transportado para dentro da célula e degradado. Alternativamente, A $\beta$  presente na circulação sanguínea se liga à forma solúvel de LRP1, sendo que cerca de 70-90% de A $\beta$  circulante no sangue está ligado à LRP1 (SAGARE et al., 2007). Modelos animais e pacientes de DA apresentam menor quantidade de LRP1 na barreira hematoencefálica (DEANE et al., 2008a, 2008b), indicando que a deficiência na remoção de A $\beta$  contribuiria para seu acúmulo e consequente agregação no tecido nervoso. Uma via alternativa de remoção de A $\beta$  envolve a fagocitose dos oligômeros pela micróglia, e mutações nos genes que codificam moléculas-chave nesse processo também estão relacionadas com o desenvolvimento de DA (ROGER et al., 2016).

Em resumo, pelo menos dois mecanismos de acúmulo de A $\beta$  são propostos atualmente: a) produção excessiva do peptídeo A $\beta$  pela ação da enzima b-secretase e b) diminuição da remoção de A $\beta$  por meio da barreira hematoencefálica por deficiência no mecanismo de transcitose mediado por LRP1. Independentemente do mecanismo afetado, a consequência é a mesma: acúmulo de peptídeo A $\beta$  no tecido nervoso e formação de agregados tóxicos que causam a morte neuronal, por mecanismos que ainda são pouco conhecidos.

#### **ESTRATÉGIAS TERAPÊUTICAS PARA DA**

Em razão da complexidade do desenvolvimento da DA e dos diferentes mecanismos celulares e moleculares que podem estar afetados, é de se esperar que ainda não seja possível reverter o quadro completamente. Além da complexidade da fisiopatologia, um dos fatores

**Artigo 1**Dificuldades e desafios na busca pela cura da  
doença de Alzheimer

complicadores do desenvolvimento de tratamentos eficientes é que o diagnóstico se dá quando a doença já está instalada, ou seja, quando os sintomas cognitivos são perceptíveis, e as placas amiloides causadas pelo depósito de oligômeros do peptídeo A $\beta$  estão instaladas no cérebro do paciente. Já foi demonstrado que os depósitos de A $\beta$  podem preceder os sintomas por pelos menos 20 anos (BATEMAN et al., 2012). Além das estratégias terapêuticas que serão discutidas a seguir, o desenvolvimento de métodos de diagnóstico que possam antecipar a confirmação da DA em indivíduos sem manifestações cognitivas tem sido alvo de muitos estudos. Tanto a detecção de biomarcadores no sangue ou no líquido cefalorraquidiano quanto exames de imagem são de grande valor para a detecção precoce. Uma revisão recente de mais de 450 trabalhos publicados (WEINER et al., 2017) chegou a importantes conclusões referentes ao uso dos métodos diagnósticos disponíveis atualmente e ao curso da DA:

- 1 Mudanças conformacionais e funcionais, incluindo mudanças sutis no formato e na textura do hipocampo, atrofia de áreas fora do hipocampo e interrupção de circuitos funcionais, são detectáveis em indivíduos pré-sintomáticos, antes da ocorrência de atrofia hipocampal;
- 2 Em indivíduos com depósito anormal de A $\beta$ , biomarcadores tornam-se anormais na ordem predita pela hipótese da mudança na degradação de APP por  $\beta$ -secretase (via amiloidogênica) em detrimento da degradação por  $\alpha$ -secretase (via não amiloidogênica);
- 3 O declínio cognitivo está mais intimamente relacionado com a hiperfosforilação de tau que com o acúmulo de A $\beta$ ;
- 4 Os fatores de risco de doenças cerebrovasculares podem interagir com A $\beta$ , aumentando as anormalidades da substância branca e podendo acelerar a progressão da DA, em conjunto com anormalidades relacionadas com a proteína tau;
- 5 Diferentes padrões de atrofia estão associados com perda de memória e perda de funções executivas, e podem estar na base dos sintomas psiquiátricos;
- 6 As conexões entre fatores estruturais, funcionais e metabólicos são perturbadas com a progressão da DA. O modelo de espalhamento da patologia causada pelo acúmulo de A $\beta$ , similar ao que ocorre com o prion, pelos circuitos neurais pode prever o padrão de depósito de A $\beta$ , bem como o declínio no metabolismo de glicose;
- 7 Novos fatores de risco bem como mutações protetoras foram identificados utilizando uma abordagem biologicamente informativa.

A busca por novas abordagens terapêuticas soma-se aos estudos para melhor compreender os eventos biológicos envolvidos no aparecimento e desenvolvimento da DA, bem como na melhoria dos métodos diagnósticos. Essas estratégias incluem imunoterapia, terapia gênica e terapia celular. Segundo o banco de registros de ensaios clínicos *Clinical Trials* ([www.clinicaltrials.gov](http://www.clinicaltrials.gov)), atualmente estão cadastrados 2.143 ensaios, sendo 1.085 nos Estados Unidos e 64 na América do Sul, e desses, 28 são no Brasil como parte de estudos multicêntricos. Alguns desses ensaios têm como objetivo buscar tratamentos para melhoria dos sintomas, outros buscam determinar a segurança da estratégia terapêutica pretendida e alguns já têm resultados, porém nenhum ensaio já concluído relatou resultados positivos.

#### IMUNOTERAPIA

De acordo com a hipótese amiloidogênica, na qual o acúmulo de peptídeo A $\beta$  é a causa inicial da DA, estratégias de vacinação na tentativa de instruir o sistema imunológico para remover o excesso de A $\beta$  parecem promissoras. Ensaios clínicos com enfoque na imunoterapia têm sido realizados desde o ano 2000, porém ainda com resultados negativos. Um ensaio clínico cujo objetivo foi imunizar pacientes portadores de DA utilizando um peptídeo similar ao A $\beta$  levou ao desenvolvimento de meningoencefalite com infiltração de células T (células do sistema imunológico) no cérebro dos pacientes vacinados e foi interrompido (GILMAN et al., 2005). A análise *post-mortem* dos cérebros de pacientes que participaram desse estudo indicou que placas senis foram desfeitas, porém houve uma aceleração da degeneração neuronal (PAQUET et al., 2015).

Ensaios clínicos utilizando o anticorpo monoclonal anti-A $\beta$  mostraram que o anticorpo reduziu o acúmulo de A $\beta$  porém sem melhoras clínicas nos pacientes. Mais importante, porém, é que uma meta-análise realizada recentemente mostra mais resultados



**Alguns desses ensaios têm como objetivo buscar tratamentos para melhoria dos sintomas, outros buscam determinar a segurança da estratégia terapêutica pretendida e alguns já têm resultados, porém nenhum ensaio já concluído relatou resultados positivos.**



## Poucos ensaios clínicos estão descritos nos quais a terapia gênica ou a terapia celular é utilizada para tratamento da DA.

adversos que positivos no longo prazo e os autores sugerem que essa imunoterapia não deva ser utilizada em pacientes com DA (ABUSHOUK et al., 2017).

Finalmente, a imunização utilizando vacinas de DNA está em estudo, porém no momento só existem estudos realizados em animais, nos quais foi mostrada redução de mais de 50% nos depósitos de A $\beta$  (ROSENBERG et al., 2016). Embora os resultados pareçam motivadores, os ensaios clínicos que mostraram redução de placas senis pelo uso de anticorpos monoclonais não mostraram melhora no quadro clínico, ao contrário, estudos foram suspensos por piora nos pacientes submetidos aos tratamentos.

### TERAPIA GÊNICA E TERAPIA CELULAR

Poucos ensaios clínicos estão descritos nos quais a terapia gênica ou a terapia celular é utilizada para tratamento da DA. O uso de terapia gênica, modalidade de terapia na qual um vírus contendo o gene que codifica a proteína que se quer expressar é injetado no paciente, para tratamento de DA ainda é experimental e são poucos os estudos registrados. Um desses estudos propõe a injeção intracerebral de um adenovírus contendo o gene que codifica para NGF (*nerve growth factor*), um importante fator neurotrófico, cuja principal função no cérebro adulto é promover a sobrevivência de neurônios<sup>1</sup>.

Outro estudo faz uma combinação de terapia celular e terapia gênica, num modelo denominado *ex vivo*. Resumidamente, na terapia *ex vivo* células do indivíduo são isoladas e manipuladas *in vitro* e são, posteriormente, devolvidas ao paciente. Esse estudo prevê a retirada de uma biópsia de pele dos pacientes portadores de DA, isolamento e cultivo de fibroblastos que serão posteriormente infectados com vírus contendo o gene que codifica o fator neurotrófico NGF. Os fibroblastos que passarem a produzir e secretar NGF serão transplantados no cérebro dos pacientes<sup>2</sup>.

Em ambos os casos, o papel de NGF seria o de proteger neurônios colinérgicos da degeneração, que é parte da progressão da DA, e aumentar a função dos neurônios colinérgicos sobreviventes.

**1** ClinicalTrials.gov Identifier: NCT00087789 – Randomized, Controlled Study Evaluating CERE-110 in Subjects With Mild to Moderate Alzheimer’s Disease.

**2** ClinicalTrials.gov Identifier: NCT00017940 – Gene Therapy for Alzheimer’s Disease Clinical Trial.

## **CONCLUSÃO**

Apesar de todo o investimento mundial, tanto dos fundos de pesquisa governamentais quanto de companhias farmacêuticas, nenhum tratamento, seja com drogas, anticorpos, vacinas, terapias celular e gênica, mostrou-se eficiente na reversão da neurodegeneração causada pela DA. Uma característica das estratégias terapêuticas utilizadas tem sido a de focar em uma parte do processo, como, por exemplo, desfazer as placas amiloides, aumentar a remoção de A $\beta$  ou inibir a ação da  $\beta$ -secretase. Possivelmente uma abordagem mais ampla, combinando diferentes terapias, será necessária para frear o desenvolvimento dessa doença tão terrível para os pacientes e seus familiares e amigos. ☹

**Artigo 1**Dificuldades e desafios na busca pela cura da  
doença de Alzheimer**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- 1 Prince M, Wimo A, Guerchet M, Ali G-C, Wu Y-T, Prina M. (2015) World Alzheimer Report 2015. The Global Impact of Dementia. An Analysis of Prevalence, Incidence, Cost and Trends. <https://www.alz.co.uk/research/worldalzheimerreport2015summary.pdf>
- 2 Smith MA. (1998) Alzheimer disease. *Int Rev Neurobiol.* 42:1-54.
- 3 Gualtierotti R, Guarnaccia L, Beretta M, Navone SE, Campanella R, Riboni L, Rampini P, Marfia G. (2017) Modulation of neuroinflammation in the central nervous system: role of chemokines and sphingolipids. *Adv Ther.* Epub 4/jan/17 DOI: 10.1007/s12325-016-0474-7.
- 4 Cirrito JR, Kang J-E, Lee J, Stewart FR, Verges DK, Silverio LM, Bu G, Mennerick S, Holtzman DM. (2008) Endocytosis is required for synaptic activity-dependent release of amyloid-beta in vivo. *Neuron* 58:42-51.
- 5 Plummer S, Van den Heuvel C, Thornton E, Corrigan F, Cappai R. (2016) The neuroprotective properties of the amyloid precursor protein following traumatic brain injury. *Aging Dis.* 7(2):163-179.
- 6 Chow VW, Mattson MP, Wong PC, Gleichmann M. (2010) An overview of APP processing enzymes and products. *Neuromolecular Med.* 12:1-12.
- 7 Shankar GM, Li S, Mehta TH, Garcia-Munoz A, Shepardson NE, Smith I, Brett FM, Farrell MA, Rowan MJ, Lemere CA, Regan CM, Walsh DM, Sabatini BL, Selkoe DJ. (2008) Amyloid-beta protein dimers isolated directly from Alzheimer's brains impair synaptic plasticity and memory. *Nat Med.* 14:837-842.
- 8 Roger N, Rosenberg MD, Lambracht-Washington D, Yu G, Xia W. (2016) Genomics of Alzheimer disease *JAMA Neurol.* Epub DOI:10.1001/jamaneurol.2016.0301.
- 9 Sagare A, Deane R, Bell RD, Johnson B, Hamm K, Pendu R, Marky A, Lenting PJ, Wu Z, Zarcone T, Goate A, Mayo K, Perlmutter D, Coma M, Zhong Z, Zlokovic BV. (2007) Clearance of amyloid-beta by circulating lipoprotein receptors. *Nat Med.* 13:1029-1031.
- 10 Deane R, Sagare A, Zlokovic BV. (2008a) The role of the cell surface LRP and soluble LRP in blood-brain barrier Abeta clearance in Alzheimer's disease. *Curr Pharm Des.* 14:1601-1605.
- 11 Deane R, Sagare A, Hamm K, Parisi M, Lane S, Finn MB, Holtzman DM, Zlokovic BV. (2008b) apoE isoform-specific disruption of amyloid beta peptide clearance from mouse brain. *J Clin Invest.* 118:4002-4013.
- 12 Bateman RJ, Xiong C, Benzinger TL, Fagan AM, Goate A, Fox NC, Marcus DS, Cairns NJ, Xie X, Blazey TM, Holtzman DM, Santacruz A, Buckles V, Oliver A, Moulder K, Aisen PS, Ghetti B, Klunk WE, McDade E, Martins RN, Masters CL, Mayeux R, Ringman JM, Rossor MN, Schofield PR, Sperling RA, Salloway S, Morris JC. (2012) Dominantly inherited Alzheimer network. Clinical and biomarker changes in dominantly inherited Alzheimer's disease. *N Engl J Med.* 367(9):795-804.

- 13 Weiner MW, Veitch DP, Aisen PS, Laurel A, Beckett LA, Cairns NJ, Green RC, Harvey D, Jack CR Jr, Jagust W, Morris JC, Peterson RC, Saykin AJ, Shaw LM, Toga AW, Trojanowski JQ, and Alzheimer's Disease Neuroimaging Initiative. (2017) Recent publications from the Alzheimer's Disease Neuroimaging Initiative: Reviewing progress toward improved AD clinical trials. *Alzheimer's Dement.* e1-e85
- 14 Gilman S, Koller M, Black RS, Jenkins L, Griffith SG, Fox NC, Eisner L, Kirby L, Rovira MB, Forette F, Orgogozo JM, AN1792(QS-21)-201 Study Team. (2005) Clinical effects of Abeta immunization (AN1792) in patients with AD in an interrupted trial. *Neurology.* 64(9):1553-1562.
- 15 Paquet C, Amin J, Mouton-Liger F, Nasser M, Love S, Gray F, Pickering RM, Nicoll JA, Holmes C, Hugon J, Boche D. (2015) Effect of active A immunotherapy on neurons in human Alzheimer's disease. *J Pathol.* 235(5):721-730.
- 16 Abushouk AI, Elmaraezy A, Aglan A, Salama R, Fouda S, Fouda R, Al Safadi AM. (2017) *Bapineuzumab for mild to moderate Alzheimer's disease: a meta-analysis of randomized controlled trials.* *BMC Neurol.* 4;17(1):66. .



## Percepção estética do envelhecimento feminino

[Artigo 2, páginas de 20 a 37]

O presente artigo é derivado da tese de doutorado em Psicologia Social defendida em 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-08082016-140517/pt-br.php>>





**Gleicimara Araujo  
Queiroz Klotz**

*Psicóloga e doutora em  
Psicologia Social pelo IP  
(USP).*

*gleicimara@usp.br*



**RESUMO**

O corpo como corporeidade é a existência subjetiva do sujeito, pois por meio dele que é possível perceber o mundo e relacionar-se com os outros. Ao envelhecer, o corpo sofre inúmeras transformações que envolvem a integridade física, social e psicológica, sendo que para as mulheres as mudanças estéticas são carregadas de sofrimento. Esta pesquisa tem como objetivo analisar como as mulheres percebem esteticamente seus corpos ao longo do processo de envelhecimento. Foi realizada uma pesquisa qualitativa a fim de analisar o discurso de 15 mulheres idosas da cidade de São Paulo. O método de coleta de dados foi por entrevistas de história de vida. A análise dos dados foi feita a partir da análise do discurso. Foi possível perceber que as mulheres formam a representação do corpo-próprio por meio de uma tríplice relação: reconhecimento do outro, reconhecimento pelo outro e autorreconhecimento; na última parte do processo o espelho e as fotografias possuem grande importância. O processo de percepção estética dos objetos estéticos socialmente partilhados dá-se por meio da análise do sujeito a partir de seus padrões estéticos e representação do corpo-próprio; em síntese o sujeito poderá ter quatro respostas possíveis que retornarão em forma de novos objetos estéticos.

**Palavras-chave:** percepção; corpo; envelhecimento; estética; gênero.

**ABSTRACT**

*The body as corporeality is the subjective existence of the subject, through it it's possible to perceive the world and relate to others. As you get older the body undergoes many changes that involve the physical, social and psychological integrity, and for women the aesthetic changes are fraught with suffering. Therefore this research aims to analyze how women perceive their bodies aesthetically throughout the aging process. A survey was conducted with qualitative bases in order to analyze the discourse of 15 elderly women in the city of São Paulo. Data collection methods were life history interviews. The data analysis was made from the discourse analysis. From the survey results it was revealed that women form the representation of their own body through a threefold relationship: recognition from others, recognition from others and self-recognition; and in the last part of the process the mirror and the photographs are of great importance. The process of aesthetic perception of socially shared aesthetic objects is through the analysis of the subject from their aesthetic standards and representation of their own body: in short the person can have four possible responses that will return in the form of new aesthetic objects.*

**Keywords:** perception; body; aging; aesthetics; gender.

## **INTRODUÇÃO**

O processo de envelhecimento acarreta diversas mudanças que marcam os corpos e exteriorizam a passagem do tempo. Na contemporaneidade essas mudanças são vivenciadas com uma forte carga de sofrimento, há um mal-estar com o corpo envelhecido. Tal processo, em geral tomado a partir de um discurso biológico e medicalizante, teve como consequência a medicalização da velhice, que em última instância visa afastar a doença, promover o controle dos comportamentos e, conseqüentemente, alcançar a longevidade. Esses discursos naturalizam a velhice e propõem uma batalha contra seus efeitos como sendo de ordem individual e acessível a todos. No entanto é preciso destacar que a definição do processo de envelhecimento é complexa, é um processo multideterminado que envolve mudanças biológicas, psicológicas e sociais.

Se o envelhecimento é um processo penoso para os velhos, ele ainda tende a ser mais cruel com as mulheres. Os padrões de exigência são diferentes entre homens e mulheres, sendo mais altos para elas. Daí vem a experiência de desqualificação feminina no envelhecimento. Sontag (1972) afirma que para as mulheres não é permitido envelhecer. A experiência do envelhecimento para a mulher é marcada pela negação da beleza, da sexualidade e do próprio corpo. Decorrente disso, ficam elucidadas tais características nas falas das mulheres entrevistadas que experimentam a solidão e o mal-estar com o corpo. Os discursos sobre os corpos femininos incidem nas falas de forma tirânica, principalmente quanto à vigilância do peso: ser bela é um dos imperativos postos às mulheres. Mas o que é a beleza nos dias de hoje? Ser bela é, acima de todas as características, ser jovem e magra, assim envelhecer não está contemplado nos padrões de beleza atuais.

Dessa forma a relação com o corpo envelhecido é fonte de intenso sofrimento. Mas, para entender esta relação profunda entre mente e corpo, é preciso em primeiro lugar operar um retorno ao corpo, entender o corpo como condição humana: “O homem é indiscernível do corpo que lhe dá espessura e a sensibilidade de seu mundo” (LE BRETON, 2013, p. 11). Por isso o corpo é mais que um aparato, também é mais do que muitas vezes a Psicologia costuma assentá-lo, no lugar do sintoma. É preciso entender que o sujeito é seu corpo e que suas transformações possuem um impacto real em sua subjetividade, bem como em suas relações sociais.



## O homem moderno é senhor do seu corpo e o molda como assim o desejar.

O homem moderno é senhor do seu corpo e o molda como assim o desejar. Este imperativo convida a todos a apresentarem a melhor imagem de si; este *self-made man*, ao invés de sentir-se no controle, encontra apenas respostas solitárias para lidar com seu corpo. Daí podemos compreender a corrida a academias, centros de estética, cirurgias plásticas, superexposição em fotografias e redes sociais. Dentro desta nova organização dos corpos proposta pela modernidade, na qual ainda temos as mulheres mais sujeitas aos padrões estéticos, resta nos perguntarmos como se constrói a percepção estética do envelhecimento feminino e quais os impactos em suas identidades.

### **CORPO**

O corpo físico é o sustentáculo dos processos básicos do homem como a percepção e a memória, no entanto, mesmo esses processos possuem um componente social. Em sua teoria da percepção Bergson (1990) afirma que ela está relacionada à noção de espaço, pois uma imagem será percebida na medida em que há a possibilidade de ação sobre ela. Existem também imagens que estão fora do esquema percepção-ação, assim não evocam a ação do sujeito, fazendo parte do Esquema Perceptivo que gera uma representação da coisa. Dessa forma, destacam-se duas memórias: a primeira é a memória hábito proveniente da repetição, do esforço, dos movimentos automáticos, utilitários, um hábito do corpo. A segunda é a memória imagem, que é uma representação, registro na forma de imagens, que se ligam à memória e preservam seu efeito até o presente. No momento em que reconhecemos algo estamos associando uma imagem atual a uma imagem anterior.

A partir do entendimento da relação entre matéria e memória, Ec-léa Bosi (1994) realiza um salto no entendimento da substância social da memória ao esclarecer os quadros sociais da memória, nos quais há um atravessamento da memória individual pelas instituições sociais, assim a memória do indivíduo está relacionada, também, às suas instituições de referência. A lembrança não é autônoma, nem descomprometida, mas sim evocada. “A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI,

1994, p. 55). A lembrança também sofre influência do ambiente, uma vez que a memória individual está ligada à memória do grupo e em um nível acima da memória coletiva.

Para Merleau-Ponty (1945), o corpo-próprio abarca a existência do sujeito no mundo, que se relaciona com objetos, é palco da realidade objetiva e subjetiva de cada um, é a base do conhecimento sobre o mundo, é por intermédio dele que o sujeito apreende a realidade. Quando o sujeito se relaciona com objetos ele se abre para a alteridade, e neste abrir-se para o mundo o corpo se relaciona com outros corpos. Há uma relação intrínseca entre corpo e movimento, pois movimento é a ação do sujeito no mundo (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 195).

Há de se considerar aqui a vivência do homem moderno com o corpo, principalmente entre os homens das sociedades ocidentais, nas quais há uma subutilização do corpo, que não é mais consumido fisicamente, pois agora o corpo sofre o consumo nervoso, por estresse. O acesso às tecnologias, às máquinas e à organização do trabalho diminuíram a quantidade de movimentos realizados pelo corpo. Este empobrecimento da ação “desmantela sua visão de mundo, limita seu campo de iniciativas sobre o real, diminui o sentimento de constância do eu, debilita seu conhecimento direto das coisas e é um móvel permanente de mal-estar” (LE BRETON, 2003, p. 21).

Além de perceber o ambiente e compreender o outro, é por meio do corpo que os sujeitos se expressam, seja pela fala propriamente dita, que é um gesto que dá significado ao mundo, ou pelo próprio corpo. Nesse momento fica evidente a interpenetração da cultura no corpo, não é possível encontrar signos ou reações naturais. “Os sentimentos e as condutas passionais são inventados, assim como as palavras. Mesmo aqueles sentimentos que, como a paternidade, parecem inscritos no corpo humano são, na realidade, instituições” (MERLEAU-PONTY, 1945, p. 257). Pela sua habilidade expressiva, o corpo pode ser comparado à obra de arte; para Merleau-Ponty (1945), a obra de arte tal qual o corpo possuem como características a impossibilidade de separação entre o expresso e a expressão, são um nó de significantes. Se o corpo



**A lembrança também sofre influência do ambiente, uma vez que a memória individual está ligada à memória do grupo e em um nível acima da memória coletiva.**

e a obra de arte coincidem, não só a obra de arte é passível da experiência estética, mas o corpo também. O corpo percebe sensivelmente outros objetos estéticos, sendo o corpo-próprio mais um desses objetos estéticos.

Na modernidade, com o advento da imagem, as relações de forma e conteúdo são extrapoladas para os corpos, a estetização da vida e o ideal de beleza passam a ser estruturantes do sujeito. A relação do sujeito com o seu corpo passa a ser guiada pelo olhar do Outro: a imagem do corpo torna-se signo primordial que medeia as relações sociais; assim, para manter relacionamentos satisfatórios, os sujeitos subordinam seus corpos às normas estéticas.

No cenário moderno, que tem como consequência a crise de sentido assinalada por Bauman (2005), ao mesmo tempo em que a imagem ganha força, os sujeitos cada vez mais tomam os corpos e sua aparência como lugar privilegiado para a construção da identidade. Le Breton (2013) associa esta relação privilegiada do sujeito com o seu corpo como consequência da estrutura social individualista, pois o corpo é a instância máxima de distinção. Neste sentido, o jogo entre igualdade e diferenciação próprio da identidade pende mais para diferenciação que para igualdade. Em uma sociedade volátil, o corpo é tido como um ponto de apoio no qual o sujeito pode realizar trocas simbólicas e relacionar-se socialmente.

O corpo não é mais um destino imutável, ele é modelável conforme os ditames sociais, o corpo é subordinável à vontade (LE BRETON, 2013). Substituto da pessoa, o corpo é tomado como sinônimo do sujeito, e aqui a forma do corpo passa a ser revestida de conteúdos morais. O sujeito capaz de moldar seu corpo dentro do padrão estético é associado a conteúdos como belo, bom, força, caráter e virtudes não presentes nos que falham nesta tarefa, assim é resultado de seu trabalho e de sua determinação.

Os modelos imagéticos para lapidar o corpo são dados pela mídia. São imperativos estéticos que acabam por controlar, em grande escala, as identificações dos sujeitos. As imagens fornecidas pelas mídias, em sua maior parte, são femininas, o que reflete em um controle maior



**Na modernidade, com o advento da imagem, as relações de forma e conteúdo são extrapoladas para os corpos, a estetização da vida e o ideal de beleza passam a ser estruturantes do sujeito.**

sobre o corpo da mulher. Houve uma construção do sentido do corpo das mulheres em que, segundo Novaes (2007), na modernidade a feminilidade e a beleza da mulher passam a ser naturalizadas. No século XX, com sua nova ordem moral e de mercado, a mulher torna-se sujeito, porém o trabalho na fábrica desgasta os corpos, que passam a ser substituídos pelas máquinas. Assim, esse corpo que não produz mais passa a ter outra função na cadeia produtiva, a função de suporte para os produtos e torna-se o corpo-consumidor.

O corpo é gerido pelo sujeito, precisa ser transformado, domado. Mas esses modelos sociais são flutuantes uma vez que são baseados nos sentidos e valores do homem moderno, e também não são estáveis, pois a identidade provisória é representada pelo corpo provisório (LE BRETON, 2013). Esta nova forma de se relacionar com o corpo, de controlar, mutilar, modificar e negar sua natureza, nada mais é que uma negação do corpo, que fica evidente na ocultação de tudo que é feio, velho, disfuncional da sociedade. “A imagem da mulher na cultura confunde-se com a da beleza. Este é um dos pontos mais enfatizados no discurso sobre a mulher – a mulher pode ser bonita, deve ser bonita –, do contrário não será totalmente mulher” (NOVAES, 2007, p. 127).

## MÉTODO

A presente pesquisa pretendeu captar os sentidos dos fenômenos dos sujeitos implicados por meio de metodologia qualitativa na perspectiva da Psicologia Social, que possui um olhar sobre o indivíduo contextualizado em suas relações sociais, levando em consideração os contextos históricos e culturais. Neste sentido, foi utilizado o método da História de Vida<sup>1</sup>, com o objetivo de compreender o fenômeno a partir de um olhar aprofundado em histórias individuais de sujeitos emblemáticos, ou seja, que são capazes de revelar a consciência coletiva de um determinado fenômeno (CIAMPA, 1987). Foram realizadas entrevistas individuais nas casas das idosas a partir de um roteiro semiestruturado, e as perguntas versaram sobre como elas se percebiam na infância, na adolescência, na vida adulta e atualmente. As entrevistas foram gravadas após o consentimento das entrevistadas, e logo em seguida transcritas na íntegra.

A amostra foi composta por grupo de 15 mulheres idosas (acima de 60 anos) moradoras da cidade de São Paulo, escolhidas por meio de amostragem não probabilística do tipo intencional, na qual foram selecionados elementos-chave da população para compreender o objeto de estudo.

**1** O artigo é um recorte da tese de doutorado “Percepção estética do envelhecimento feminino” (KLOTZ, 2016, IP/USP) e também teve como método de coleta de dados as fotografias das idosas, que pela limitação do artigo foram suprimidas.



## **A percepção do corpo é formada por uma construção imaginária, que se dá por meio de um processo contínuo de representações e identificações ao longo da vida, necessitando ser reatualizada.**

A análise dos dados foi realizada por meio de análise do discurso, que visa analisar os textos produzidos socialmente que são “enunciados a partir de posições determinadas, inscritos em um contexto interdiscursivo específico e reveladores de condições históricas, sociais e intelectuais” (IÑIGUEZ, 2004, p. 129).

### **CONSTRUINDO A REPRESENTAÇÃO DO CORPO-PRÓPRIO**

A percepção do corpo é formada por uma construção imaginária, que se dá por meio de um processo contínuo de representações e identificações ao longo da vida, necessitando ser reatualizada. Esse processo de reconhecimento se dá por meio de uma tríade: autorreconhecimento, reconhecimento do outro e reconhecimento pelo outro. Essa tríade faz ser o corpo fundamentalmente social. Construir a representação do corpo é um “trabalho psíquico de o sujeito: reconhecer-se nos seus próprios desejos, discriminando o que é seu e o que é do outro e, ainda, buscando meios de satisfação, embora jamais vá alcançá-la plenamente” (PY, 2004, p. 115).

O reconhecimento do corpo-próprio e a criação de uma imagem de si é um processo relacional que depende do contato com o Outro. O Outro como alteridade é aquele que nas relações inclui e exclui, que lança um olhar e esquadrinha o sujeito, e seu olhar nunca é neutro, tem o poder de objetificar o sujeito uma vez que o nomeia. O olhar, o sentido privilegiado na modernidade, sentido capaz de promover um contato e ao mesmo tempo o distanciamento dos corpos, separa o sujeito do objeto e promove a criação do indivíduo (FERREIRA & HAMLIN, 2010; LE BRETON, 2013). Le Breton (2013) ressalta que é o Outro que faz juízo de valor dos corpos, que atribui o significado tanto positivo quanto negativo, mas este é um valor que reflete a influência do ambiente e a história pessoal do sujeito, daí a importância de se analisar a biografia dos sujeitos para compreender a forma com que lidam com seus corpos.

As entrevistadas relataram momentos marcantes em que o Olhar do Outro foi categórico sobre seus corpos desde as primeiras experiências na infância. Como Monica, que chega a dizer que não se sentia

bonita, não tinha liberdade para deixar os cabelos crescerem, ouvia que tinha os dentes tortos e ainda recebia muitas críticas da família. Ao contrário de Suzete, que desde a infância se sentia bonita pois sempre teve avaliações positivas quanto ao seu corpo, como disse: “Eu era daquelas loirinhas que chamavam atenção”. A necessidade de ser bem-vista pelo Outro também é um fator que leva o sujeito a cuidar e às vezes intervir em sua imagem corporal, como quando Esmeralda cuida para não bronzear a pele enquanto trabalha na olaria, para não ser vista como pobre ou negra; neste sentido verifica-se que o corpo contém em si signos de classe e raça/etnia. A mesma questão do padrão estético branco se apresenta nos cabelos: as mulheres entrevistadas que possuem cabelos crespos e cacheados utilizam-se de artifícios químicos (produtos alisantes e relaxantes) ou mecânicos (técnicas de escova e touca) a fim de terem os cabelos lisos, como fica evidente nas falas de Nildéia e Maria Helena.

Também fica manifesto nos relacionamentos afetivos o lugar do olhar do Outro sobre o corpo. O sobrepeso passa a ser um problema para Nildéia quando, depois de viúva, decide relacionar-se novamente. Nesse momento questiona: “*Quem vai desejar um corpo gordo?*”. A partir daí a entrevistada opera mudanças em seu próprio corpo por meio de dietas, exercícios e cirurgias plásticas. Na qualidade de *locus* do desejo, o corpo também pode ser um objeto de vergonha, quando o corpo é percebido de forma negativa, como desajustado, diferente dos padrões. O medo do julgamento, a vergonha fazem com que algumas mulheres evitem se expor. Como no caso de Dirce, que parou de frequentar piscinas e praias por vergonha de usar biquíni; diz que só nadaria novamente se colocasse uma burca para esconder seu corpo. Há também o controle do corpo como no exposto por Nildéia, que engravida na adolescência e precisa escondê-la, ou no caso de Marly, que também sofreu críticas em sua segunda gravidez, não planejada, aos 45 anos, pois já com os cabelos brancos era frequentemente questionada sobre se era avó do bebê. As entrevistadas ainda relatam momentos em que o Outro se posiciona como o detentor do saber sobre os corpos, como por exemplo na situação em que a vendedora afirma que Dirce veste número 52, o que vem atestar seu sobrepeso, uma vez que a vendedora é considerada *expert* no assunto.

A partir dos depoimentos fica evidente a força do reconhecimento pelo Outro na formação da percepção do corpo-próprio, e este discurso age por reificar os corpos, alterando não somente a percepção mas a materialidade destes. As expressões do discurso do Outro sobre

os corpos femininos puderam ser percebidas a partir das seguintes práticas: o Outro é aquele que cria um discurso estético sobre o que é belo e o que é feio; é o Outro quem julga os corpos dos sujeitos; o Outro é que classifica os sujeitos dentro dos padrões estéticos; o Outro é que determina formas de se relacionar a partir dos corpos; o Outro é quem exerce controle sobre os corpos nas dimensões de tempo e espaço; o discurso do Outro detém o saber sobre os corpos.

A segunda parte do processo de formação da imagem de si é o reconhecimento do Outro: por meio da comparação com o Outro ou com as imagens produzidas pela sociedade, o sujeito pode demarcar seu lugar na família e na sociedade. Desde a infância os sujeitos já são capazes de se confrontar com a imagem do Outro e é no ambiente familiar, o primeiro grupo de socialização, que se tem a possibilidade de instaurar o reconhecimento. Como no caso de Denise, que foi marcada pelas comparações com a irmã, a quem a família sempre atribuiu a posição de bela, e conseqüentemente Denise era tida como a desajeitada, a gordinha, de cabelo crespo, a criança difícil. Essas comparações continuam ao longo da vida, como Anita expressa em sua angústia ao ver outras mulheres idosas, às vezes até mais novas que ela, que têm os corpos deformados pelo tempo, como os pés tortos, por exemplo.

Além dos pares, realizamos comparações com modelos midiáticos, como as atrizes e modelos que se tornam parâmetros estéticos, corpos que ocupam o lugar do desejo tanto para homens quanto para mulheres, mesmo sendo corpos forjados para criar uma imagem de consumo. As atrizes que conseguem manter uma aparência jovial, continuam ativas e tornam-se um exemplo de bom envelhecimento. Como um exemplo de mulher que envelheceu bem, Dirce recorda de Hebe Camargo, que segundo ela tinha pernas maravilhosas, lisas, e se entristece ao comparar com as suas. Em seguida contrasta com a atriz Elizabeth Taylor, que segundo ela era uma mulher deslumbrante e hoje ficou “velha, gorda e papuda”. As imagens das atrizes podem ter a seguinte repercussão na vida das mulheres: regulam a relação com seus próprios



**... parte do processo de formação da imagem de si é o reconhecimento do Outro: por meio da comparação com o Outro ou com as imagens produzidas pela sociedade, o sujeito pode demarcar seu lugar na família e na sociedade.**

corpos, uma vez que representam um ideal a ser alcançado e sinônimo de sucesso, e em geral são fonte de sofrimento; regulam as relações dos outros com os corpos das mulheres, uma vez que essas imagens são analisadas a partir deste parâmetro dificilmente alcançável; estabelecem um modelo de beleza alcançável desde que sejam consumidos os produtos capazes de promover a beleza; quando não representam mais o ideal de beleza mostram que a velhice é inexorável e ao mesmo tempo aproximam a atriz da mulher comum, com suas imperfeições.

E, por fim, o sujeito precisa formar uma imagem de si a partir de um autorreconhecimento, processo que se dá de forma mais lenta e pode sofrer deturpações. O autorreconhecimento pode ser dificultado por alguns fatores como tabu com o corpo, a doença e o trabalho. Presente desde a infância até a velhice, o trabalho marca profundamente os discursos de Cleusa e Lourdes; fica evidente a alienação do corpo pelo trabalho, um empobrecimento dos movimentos e, conseqüentemente, das percepções pelos movimentos repetitivos do trabalho na fábrica e na confecção. Hoje, ainda trabalhando, Cleusa diz não se sentir envelhecendo; mesmo sentindo as mudanças do corpo ela afirma que não tem tempo para se preocupar com isso, pois ainda precisa pagar as contas.

De fato, mesmo que de forma prejudicada, a autopercepção desenvolve-se e ao longo da vida precisa ser constantemente reatualizada pelas mudanças do corpo, sendo que para as mulheres alguns marcos podem trazer mudanças mais difíceis, como a gravidez, a menopausa e o envelhecimento. A imagem idealizada do corpo dificilmente coincide com a real, e mesmo com esta defasagem é importante que, como componente da identidade, a imagem necessite ser sempre reatualizada.

A partir do século XX dois instrumentos vão ser fortes auxiliares no processo de reconhecimento de si; são eles o espelho e a fotografia. As discussões sobre a relação do espelho com o corpo feminino estabelecidas por Nahoum (1979) abrem-nos caminhos para pensar a relação do espelho com o corpo envelhecido. A sensação de que o espelho denuncia a velhice é expressa por Maria Helena, que há dez anos, quando estava com uma amiga, ao se olhar no espelho se assustou, pois viu-se velha e exclamou: “Já começou!”. O espelho traz um novo componente para a imagem corporal: a imagem refletida do corpo, fiel, instantânea e em movimento. A formação da imagem de si mediada pelo espelho ao longo do processo de envelhecimento dá-se por meio das seguintes formas: pelo espelho o sujeito pode ter uma imagem atualizada de si, e no dia a dia pode notar o processo do envelhecimento; a corrente ideia

de que o espelho revela o corpo real do sujeito, com suas qualidades e imperfeições; a relação confessional que os sujeitos estabelecem com o espelho, pois com ele é possível ver aquilo que se quer esconder dos outros, admirar o corpo nu; ele proporciona também a possibilidade do jogo de atuação, na frente dele o sujeito pode se moldar e observar, murchar e inflar a barriga, esticar as rugas com as mãos, prender os cabelos, alterar a postura, a tez da testa, ensaiar posturas.

O segundo instrumento, a fotografia, é considerado uma prática social e cultural popular que possui uma função normatizadora, pois por meio dos álbuns de família constrói narrativas da classe média, compartilha os valores e o estilo de vida burguês. Ela também constrói, no nível individual, uma narrativa biográfica do indivíduo inserido no contexto familiar. É notória a relação da fotografia com a identidade, que por meio da representação imagética exprime a relação dual de pertencimento e exclusão. Olhar as fotografias atuais é processo penoso para as entrevistadas, uma vez que as fotografias consolidam uma imagem de si. Em meio a uma grande quantidade de fotografias, elas diziam não ter ou não gostar de nenhuma; o número de fotografias atuais já era perceptivelmente menor que antes.

Ao olhar as fotos em que estava muito acima do peso, Dirce parece não se reconhecer, chega a afirmar que não é ela; afirma que odeia ver-se assim, que está velha, gorda, feia e se recusa a aceitar. O mesmo ocorre com Monica, que agora não gosta mais de ser retratada; diz que foge pois a fotografia é pior, uma vez que mostra mais detalhes indesejáveis, que seriam imperceptíveis de outra forma. A fotografia materializa a imagem, retrata um presente desconfortável; há aqui um mal-estar da imagem pois ela representa justamente aquilo que quer ser negado, a velhice. Le Breton (2003) nomeia o ódio ao corpo, uma vez que este remete à fragilidade humana trazendo consigo o signo da morte.

### **OS SIGNOS DO ENVELHECIMENTO**

O padrão ideal de beleza da mulher vigente é da mulher jovem e magra. No entanto é preciso questionar o que faz a mulher se perceber fora deste padrão, quais são os sinais do corpo que caracterizam o envelhecimento feminino e que conseqüentemente a colocam fora do ideário estético vigente. Ser feia para uma mulher é ser menos mulher, é perder a característica mais essencial atribuída pela sociedade, é perder o capital corporal que facilita o acesso ao matrimônio, à vida sexual e até mesmo à carreira (WOLF, 1992; GOLDENBERG,

2005). Ao longo das entrevistas três características do corpo envelhecido foram as mais recorrentes entre as mulheres: os cabelos brancos, as rugas e o ganho de peso.

A maior parte das mulheres entrevistadas tingem os cabelos brancos como uma forma de negar o envelhecimento, pois a eles está associada também uma carga de sofrimento. Algumas das entrevistadas gostariam de deixar os cabelos brancos naturais, no entanto foram desencorajadas pelas famílias por meio de críticas, como no caso de Lourdes, que tingem o cabelo por causa das críticas dos filhos. Elca acredita que usar cabelos brancos é um indicador da aceitação do envelhecimento, além disso é uma atitude libertadora. Usar os cabelos brancos também possui um sentido político: são sinal de empoderamento das mulheres idosas. A noção de empoderamento é baseada na transformação social pelos próprios agentes, assim ele é uma construção dos próprios sujeitos (KLEBA & WENDHAUSEN, 2009).

As rugas são um sinal de envelhecimento da pele; das rugas faciais, as que mais foram fonte de descontentamento foram as da região dos olhos. A quase totalidade das entrevistadas usa cremes antirrugos para evitar envelhecer. Dessa forma, é admissível então aferir que a relação das mulheres com as rugas é da seguinte ordem: as mudanças no rosto são sentidas como mais negativas, uma vez que o rosto é a marca da identidade; os olhos possuem lugar privilegiado na expressão, assim suas rugas acentuam ainda mais o envelhecimento; as práticas para evitar o envelhecimento da pele são acessíveis a todas por meio do uso de cremes e plásticas, sendo o envelhecimento do rosto visto como resultado da responsabilidade pessoal; o rosto é mais sensível aos danos causados por comportamentos tidos como prejudiciais à pele (fumo, dormir mal, não praticar exercícios); as práticas para impedir o surgimento de rugas não são aplicáveis às mulheres que não se enquadram no padrão estético de beleza, uma vez que elas apenas param a ação do tempo.

O último signo do envelhecimento é o peso. Ao fim da entrevista, quando pergunto para Anita como ela se percebe hoje, escuto uma resposta categórica: “Gorda!”. Assim como Monica, Dirce, Denise, Marly, Maria Helena, Catarina, Solange, Yara e Suzete estão insatisfeitas com o peso. É perceptível a preocupação das mulheres com relação ao peso visto que, dos critérios estéticos que compõem a beleza na modernidade, este é o que ainda pode ser controlado pelas mulheres idosas, já que a juventude não lhes é mais garantida. A insatisfação com o peso atual, o desejo de emagrecer e a insatisfação com o corpo são constan-

tes. Obter sucesso neste aspecto é passível de orgulho e exposição; ao contrário, o fracasso resulta em afastamento social, dificuldade de relacionamentos afetivo e sexual, sentimento de inaptidão, ocultamento e mal-estar com o corpo.

### **PERCEPÇÃO ESTÉTICA DO CORPO-PRÓPRIO**

A formação da consciência do corpo-próprio não é tarefa fácil, é preciso que o sujeito elabore continuamente uma síntese das percepções do Outro, se compare com o Outro e ainda se autorreconheça. A formação da consciência do corpo é promovida pela via da ação, pois a experiência corporal é mediada pelos movimentos, sempre atualizada conforme se relaciona com o mundo. No entanto, o empobrecimento das experiências do corpo pode encobrir a tomada de consciência do corpo-próprio, assim ela se daria de forma parcial e levaria em conta apenas aspectos externos: seria pela via do reconhecimento pelo Outro e do reconhecimento do Outro, bem como por seus significados no jogo de símbolos sociais.

É possível explicar a percepção estética do corpo por meio de Circuito de Percepção Estética. Nesse circuito existem os Objetos Estéticos, que são os conjuntos de imagens e objetos sociais com que nos relacionamos diariamente (outros corpos, fotografias, imagens midiáticas, discursos sobre os corpos) e que serão chamados de O. Tais Objetos Estéticos O se encontram em fluxo constante em nossa sociedade e entram em contato com o sujeito denominado S. Esse sujeito S percebe esse Objeto Estético O e realiza uma operação individual que ocorrerá a partir de dois fatores: 1º) sua representação ou consciência do corpo-próprio, que tanto mais será desenvolvida quanto mais ação e consciência ele tiver do corpo de forma física e intelectual; 2º) a partir dos padrões estéticos que o sujeito considerar Internos ou Externos. Os padrões estéticos internos são aqueles forjados pelos sujeitos a partir de seu referencial social correlacionado com suas vivências e conhecimento de seu próprio corpo. Os padrões estéticos externos são aqueles que, embora também sejam socialmente compartilhados, são tomados de forma acrítica por incorporação, são padrões em geral criados e difundidos midiaticamente como respostas prontas para alcançar a satisfação.

Desta elaboração individual a partir das quatro variáveis: padrão estético interno ou externo e consciência corporal ou falta de consciência corporal, o Sujeito poderá apresentar quatro possíveis respostas: 1) Assimilação – pela qual absorve os padrões estéticos sociais: o su-

jeito recebe os objetos sociais e os aceita como ideais, uma vez que ele não possui consciência do corpo-próprio e se orienta a partir de padrões estéticos externos sem questionamento. 2) Negação dos padrões – o sujeito nega os padrões estéticos vigentes, uma vez que não possui consciência do corpo-próprio e possui referencial estético interno, ou em alguns casos pode não formular padrão estético nem interno nem externo, portanto não estabelece relações conscientes com o corpo e com a estética. 3) Síntese dos padrões estéticos – na qual o sujeito recebe e elabora os padrões estéticos dentro de suas expectativas de forma adaptada. Aqui o sujeito possui uma consciência do corpo-próprio desenvolvida, mas ancora seu padrão estético em parâmetros externos. 4) Subversão dos padrões – o sujeito rejeita os padrões estéticos estabelecidos e cria, dentro de suas possibilidades, uma estética própria. Nesta postura mais extrema o sujeito entra em contato com os objetos estéticos socialmente partilhados e não os incorpora, uma vez que ele possui consciência do corpo-próprio e se guia por padrões estéticos internos. No entanto essa subversão não pode ser radical, uma vez que o homem não consegue escapar da cultura.

A resposta dada pelo sujeito retorna como um novo objeto estético para a sociedade, que será percebido por outros sujeitos em sistema de circuito de fluxo constante. Mesmo sem consciência, o sujeito é responsável também pela criação de novos objetos estéticos ou pela reafirmação dos objetos estéticos vigentes.

Propõe-se aqui, então, uma terceira via da percepção, que é a via da percepção estética, uma vez que possui um componente estético e social. Seu resultado não é uma lembrança ou uma ação motora (como em BERGSON, 1990), mas sim um objeto estético, a depender do grau de consciência do corpo-próprio do sujeito e do seu referencial estético (interno ou externo). Neste sentido, aqui também o corpo é mediador da percepção, ele é tanto produto como produtor, ele é também ao mesmo tempo uma realidade tanto subjetiva como social.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O padrão estético de beleza da modernidade associa os corpos das mulheres às características de magreza e juventude. Entretanto, ao envelhecer, as mulheres precisarão lidar com signos físicos do envelhecimento, que nesta pesquisa foram apontados como sendo os cabelos brancos, as rugas no rosto e o ganho de peso. A partir desta dissonância entre o que é considerado socialmente belo e a realidade corpórea, estas mulheres elaboram percepções estéticas diversas sobre o envelhe-

cimento. O processo de envelhecimento pode ser vivenciado de forma negativa, no qual as mulheres se sentem insatisfeitas com seus corpos e a partir daí assumem a postura de aceitá-los ou então de buscar intervir para alterá-los, ou até mesmo negar o corpo. Outra possibilidade é perceber o corpo envelhecido de forma positiva, mas realizando procedimentos para se aproximar dos padrões estéticos, aceitá-lo positivamente sem operar alterações.

Dessa forma o processo de formação da percepção estética foi entendido como um circuito fechado, no qual as imagens sociais chegam até o sujeito que efetua uma elaboração a partir de seus referenciais internos de consciência do corpo-próprio, consciência que é promovida também pela via da ação, uma vez que a percepção se dá no espaço/tempo. A subutilização do corpo na modernidade produz um amortecimento da percepção e, conseqüentemente, um empobrecimento da consciência corporal. O segundo fator que atua na percepção estética é o referencial estético no qual o sujeito se apoia, que pode ser interno (formado a partir de suas experiências e arcabouço cultural) ou externo (pela apropriação das imagens midiáticas). A partir desta elaboração ele pode reagir às imagens recebidas de quatro possíveis formas: absorvendo os padrões estéticos, realizando uma síntese destes, negando-os ou subvertendo-os. Todas estas respostas retornam à sociedade como forma de imagens que podem atuar como reforçadores dos estereótipos do corpo ou como novas formas de expressão.

Apesar de vivermos em uma sociedade que produz uma grande diversidade de imagens, sendo principalmente imagens de corpos femininos sexualizados, observamos que é possível estabelecer uma relação consciente com o corpo-próprio e criar imagens estéticas mais autênticas. A dimensão estética do corpo pode ser então utilizada como forma de empoderamento feminino e resistência perante o discurso do corpo como objeto de consumo na modernidade. As mulheres idosas têm assumido um protagonismo na produção de uma nova estética do envelhecimento feminino, criando espaços de divulgação de imagens que as representem. Desse modo, as imagens criadas por essas mulheres possibilitam um empoderamento feminino e uma produção de novos discursos sobre os corpos a partir de um posicionamento crítico. Neste sentido, as fotografias são usadas, muito além da representação do individualismo moderno, como meio de expressão de novas formas de se relacionar com os corpos. Superando o sentido de corpo como um sustentáculo do indivíduo, o corpo agora se abre para a possibilidade de uma ação política e questionadora da ordem social. ☺

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BERGSON, H. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CIAMPA, A. C. *A estória do Severino e a história da Severina*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FERREIRA, J.; HAMLIN, C. Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre os corpos não civilizados. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 3, p. 811-836, set./dez. 2010.
- GOLDENBERG, M. Gênero e corpo na cultura brasileira. *Revista Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 65-85, 2005.
- IÑIGUEZ, L. *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Trad. Joscelyne, V. L. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- KLEBA, M. E.; WENDHAUSEN, D. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. *Saúde e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, p. 733-743, 2009.
- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. 6. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2003.
- *Antropologia do corpo e modernidade*. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- NAHOUM, J. A. La belle femme ou le stade du miroir en histoire. In: *Jornada de Psiquiatria do Vale do Loire*, 23., Abbay de Fontevraud, 2003.
- NOVAES, J. V. "Auto-retrato" falado: construções e desconstruções de si. *Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line*, v. 7, n. 2, p. 131-147, 2007.
- ORY, P. O corpo ordinário. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (orgs.). *História do corpo: as mutações do olhar – o século XX*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1945.
- PY, L. Envelhecimento e subjetividade. In Py, L., Pacheco, J. L., Sá, J. L. M., Goldman, S. N. (Orgs.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau Editôra, 2004.
- SONTAG, S. The double standard of ageing. *The Saturday review*, n. 23, p. 29-38, sept. 1972.
- WOLF, N. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.



## Precisamos discutir sobre o idadismo

[Artigo 3, páginas de 38 a 55]

A versão original desse artigo foi publicada na revista *Comunicação & Educação*, v. 20, n. 2, São Paulo: USP, 2015, p. 101-114.





**Gisela G. S. Castro**

*Psicóloga, Mestre e Doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ), com pós-doutorado em Sociologia na University of London. Docente e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM, São Paulo. Coordena o GRUSCCO: Grupo CNPq de pesquisa em subjetividade, comunicação e consumo.*

*gcastro@espm.br*



**RESUMO**

Considerado por longo tempo um país de jovens, o Brasil apresenta hoje percentuais crescentes de idosos. Nesse contexto, é indispensável o debate a respeito do idadismo (*ageism*). Esta é uma forma ainda pouco discutida de preconceito baseado na idade, que ocasiona a discriminação e contribui para a marginalização e eventual exclusão social dos mais velhos. Diante desse cenário, este artigo traz uma reflexão sobre o envelhecimento, promovendo uma discussão sobre o preconceito motivado pelos estereótipos associados à figura do velho em nossos meios de comunicação, destacando sua importante função social.

**Palavras-chave:** comunicação; idadismo; envelhecimento; velhice; preconceito.

**ABSTRACT**

*Brazil, for a long time considered a young country, displays increasing percentages of older people. Within this context, it is important to debate ageism. This little discussed form of prejudice based on age leads to discrimination against older people, their marginalization and social exclusion. In this scenario of changes, this paper presents a reflection on ageing, promoting a discussion about prejudice motivated by the stereotypes associated with older people in the media, highlighting their important social role.*

**Keywords:** *ageism; ageing; prejudice; communication.*

### **PARA COMEÇAR**

O envelhecimento da população mundial torna imperioso o debate sobre a velhice e coloca em questão o idadismo (*ageism*), uma forma ainda muito pouco discutida de preconceito baseado na idade que ocasiona a discriminação contra as pessoas vistas como idosas e contribui para a sua marginalização e eventual exclusão social. Conforme já acontece em outras partes do mundo, mesmo no Brasil que por longo tempo foi considerado um país jovem, a representação gráfica da distribuição da população por idade já não configura uma pirâmide com ampla base de recém-nascidos, crianças e jovens e percentuais decrescente de adultos e idosos.

Diante deste cenário em transformação, não podemos deixar de refletir sobre a velhice e promover uma discussão sobre o preconceito motivado pelos estereótipos associados à figura do velho em nosso meio social.

### **A VELHICE COMO FATO CULTURAL**

Em obra que se tornou referência, Simone de Beauvoir (1976) relata ter entreouvido no comentário de uma aluna norte-americana a palavra *velha* pela primeira vez associada à sua pessoa. Instigada pelo efeito perturbador da associação que considerou incômoda no vigor dos seus cinquenta anos à época, Beauvoir empreendeu minucioso estudo no qual põe em questão a naturalização da velhice como fato biológico, denuncia a ambiguidade do termo e constata ser “impossível encerrar esta pluralidade de experiências num conceito ou numa noção” (1976, p. 5). Ao defender que a velhice deve ser entendida como um “fato cultural”, a autora conclamou os leitores à luta contra a “conspiração do silêncio” usada para escamotear o descaso de nossas sociedades em relação aos mais velhos.

A antropóloga Guita Debert (1999) reconhece a influência das reflexões da intelectual francesa em seu trabalho. Ao analisar as mudanças culturais em andamento no Brasil, a autora percebe que em parte devido ao envelhecimento populacional com o qual nos deparamos neste país, o idoso não está mais ausente dos discursos públicos. Entretanto, segundo argumenta:

explicar por razões de ordem demográfica a aparente quebra da ‘conspiração do silêncio’ em relação à velhice é perder a oportunidade de descrever os processos por meio dos quais o envelhecimento se transforma em um problema que ganha expressão e legitimidade, no campo das preocupações sociais do momento. (Debert, 1999, p. 12)

Mirian Goldenberg (2011) também admite a influência de Beauvoir em seus estudos empíricos junto a homens e mulheres da classe média carioca para conhecer os modos pelos quais a sociedade brasileira confere sentido ao processo de envelhecimento. Sua argumentação sobre os imperativos, sofrimentos e significados relacionados com esta fase da vida privilegia a investigação das questões de gênero, do corpo como capital e os diferentes modos de perceber e experimentar a velhice em nossos dias.

Juntamente com o pensamento crítico, a complexidade do processo de envelhecimento demanda o aguçamento da sensibilidade de modo a detectar zonas negativas de conflito e angústia, ao mesmo tempo em que se possa evidenciar a positividade nas transformações operadas pelo amadurecimento e a crescente experiência de vida.

Segundo Debert (1999), levar em consideração os modos vigentes de gestão da velhice implica em procurar compreender, por exemplo, de que maneira as representações sobre o envelhecimento “rearticulam projetos de vida, trabalho e lazer de grupos em diferentes faixas etárias” (Debert, 1999, p. 12). Na crescente socialização da questão da velhice por meio de intervenções das políticas públicas e com o desenvolvimento de um campo de conhecimento especializado como a gerontologia, instaura-se de modo paradoxal o que a estudiosa denomina como a ‘reprivatização da velhice’, transformada em uma questão de responsabilidade individual. Para Goes (2013, p. 43) “se o indivíduo goza de saúde física, mental e financeira (...), tende a prolongar seu processo de envelhecimento com bem-estar e em paz.” Para Leal (2013, p. 44),

A velhice não é só biológica, é biográfica, cada pessoa tem a sua história de desenvolvimento que deve ser levada em consideração e ‘envelhecer bem’ é subjetivo, nunca será igual para todos.

Na resignificação em curso nos modos de vivenciar e representar a velhice, os estereótipos negativos associados a esta fase da vida – os quais entre nós deram origem à expressão ‘terceira idade’ e eufemismos como ‘melhor’, ‘maior’ ou mesmo ‘feliz’ idade – são crescentemente desafiados pelo modelo positivo da velhice ativa, gratificante e jovial frequentemente associada a estilos de vida e padrões de consumo considerados adequados e que se tornaram uma exigência.

“Meia-idade”, “terceira idade”, “aposentadoria ativa” são categorias empenhadas na produção de novos estilos de vida e na criação de mercados de consumo específicos. Rompendo com as expectativas tradicionalmente associadas aos estágios mais avançados da vida, cada uma destas etapas passa a indicar, a sua maneira, fases propícias para o prazer e para a realização de sonhos adiados em momentos anteriores. (Debert, 1999, p. 45)

Consoante com os ensinamentos destes estudiosos, entendemos ser a velhice uma experiência multifacetada e uma categoria de referência imprecisa e dúbia. É um equívoco supor que esteja atrelada a uma suposta cronologia fixa de marcadores etários. De modo semelhante, é ingênuo tomá-la como um fenômeno natural decorrente apenas da inexorável passagem dos anos de vida.

Para além de suas determinações cronológicas, demográficas e biológicas, a velhice é uma construção sociocultural marcada por uma ampla série de fatores de ordem econômica, familiar, de gênero, de estilo de vida, para citar apenas algumas variáveis desta delicada construção. É mais do que necessário reconhecer a dimensão sociocultural da velhice. Featherstone e Hepworth (1995), chamam a atenção para os modos como os discursos sobre o envelhecimento passaram a fazer parte significativa das culturas popular e de consumo. Nesse contexto, os autores enxergam a preocupação latente na proposta do envelhecimento positivo (*positive aging*), que seria um contraponto à constatação de que nossa sociedade discrimina o velho por meio do preconceito do idadismo que aciona atitudes nas quais se mesclam condescendência e negligência em relação aos mais velhos.

#### **A VELHICE COMO CATEGORIA IMPRECISA**

Não há consenso sobre quando exatamente devemos começar a ser classificados como velhos. O Estatuto do Idoso em vigor trata dos direitos dos brasileiros em idade igual ou superior a 60 anos. Nossa Previdência Social concede aposentadoria para homens a partir 65 anos e para as mulheres com 60 anos ou mais; porém é sabido que tais parâmetros estão em permanente contestação e são alvos de renhidas



**Não há consenso sobre quando exatamente devemos começar a ser classificados como velhos.**



## **No senso comum a progressiva fragilidade que acompanha a senescência assusta mais do que a morte propriamente dita, apesar do horror que nos provoca acercar-nos de nossa própria finitude.**

disputas entre instâncias diversas de nossa sociedade e governo. Evidentemente, a idade cronológica se articula com outras categorias de classificação e normatização social. Não se trata de um conceito estático, está sujeito a variadas definições de acordo com o contexto. Compreende-se assim a dificuldade de precisar, de modo definitivo, em que idade se atinge o patamar da velhice.

Aliada à imprecisão do conceito, no conjunto de signos sociais em circulação a velhice costuma ser mais comumente definida em termos de seu contrário como perda do vigor da juventude. Assim, configura-se no imaginário como um estágio de decadência, vulnerabilidade e risco. No senso comum a progressiva fragilidade que acompanha a senescência assusta mais do que a morte propriamente dita, apesar do horror que nos provoca acercar-nos de nossa própria finitude.

Sendo o valor social atribuído ao velho que se mantém jovem e ativo, a velhice raramente comparece como uma categoria de auto-identificação. Para Beauvoir, a velhice é o outro. Guita Grin Debert também chama a atenção para este fato ao constatar em suas pesquisas de cunho etnográfico que “velho é sempre o outro” (Debert, 1999, p. 29). É provável que isso se deva a uma percepção de que ao negarmos a nossa própria velhice, evitaríamos o estigma negativo e a dose de ostracismo social que estaria implícita nesta categorização.

### **A TERCEIRA IDADE, A MEDIAÇÃO DO CONSUMO E A JUVENTUDE COMO VALOR**

Em obra influente dos anos 1980, Peter Laslett advoga a necessidade de uma compreensão mais refinada do envelhecimento – e notadamente da aposentadoria, que passa a ser ressignificada como o momento privilegiado em que se teria conquistado o direito de se dedicar a atividades voltadas mais exclusivamente para o desfrute da vida na chamada terceira idade. Nesse estudo empreendido pelo autor aos sessenta e poucos anos, Laslett propõe decompor a categoria ‘idade’ em seus diferentes componentes de análise. Como resultado desta operação, temos a idade cronológica, a idade biológica, a idade social, a idade pessoal e, finalmente, a idade subjetiva.

Reconhecemos que as relações entre a idade social e a idade biológica costumam ser complexas e fazem parte das disputas simbólicas que caracterizam nossas sociedades. Em relação ao descompasso por vezes experimentado pelos mais velhos entre as idades pessoal e subjetiva, recorremos aos estudos de Featherstone (1995) para quem a ‘máscara da idade’ é vivenciada como uma perturbadora espécie de ‘traição’ do corpo que se torna incapaz de corroborar a imagem mental do *self* que foi cristalizada subjetivamente como juvenil. Esse argumento nos remete à discussão mencionada anteriormente sobre a vivência do velho como outro, mesmo que este outro o seja em relação a si próprio.

Críticas feitas às análises de Laslett sintetizadas acima destacam que o autor toma como universais os padrões e costumes da classe média. Hoje se entende a terceira idade como uma categoria construída de modo mais evidente pela mediação do consumo, instância que nomeia o nosso tempo como a era do consumo (Alonso, 2005). As múltiplas inter-relações entre comunicação e consumo caracterizam a experiência contemporânea constituem um instigante e vigoroso campo de estudos.

Nesta prevalência das dinâmicas do consumo na esfera social, tem-se o esfumaçamento dos limites que tradicionalmente separavam e, simultaneamente, caracterizavam as etapas da vida e fixavam padrões identitários e de comportamento que seriam apropriados para cada etapa. Hoje temos uma situação na qual predominam os estilos de vida selecionados segundo padrões e preferências de consumo. Neste ideário, a juventude se apresenta como um valor a ser mantido e exibido – em qualquer idade. No ordenamento social promovido pelas lógicas de consumo, constata-se que “a promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo” (Debert, 1999, p. 33).

Na segmentação operada por estes mercados de consumo, utiliza os 50 ou 55 anos como idade de corte para classificar o consumidor como idoso. Parece problemático pretender englobar em um só estrato a enorme diversidade de perfis de comportamento entre indivíduos de 50, 60, 70, 80, 90 anos – incluindo-se ainda os centenários, que já não são tão raros entre nós. Na resignificação dos modos de viver e representar a velhice como ‘melhor’, ‘maior’ ou mesmo ‘feliz’ idade, sugere-se o modelo da velhice ativa e gratificante contra os arraigados estereótipos negativos comumente associados à velhice. Este modelo positivo é associado a estilos de vida baseados no consumo de certos bens e serviços.

**Artigo 3**

Precisamos discutir sobre o idadismo

Nas individualizadas e flexíveis formações identitárias que caracterizam a atualidade, prevalece de um modo geral o ideário do “envelhecer bem” associado ao manter-se ativo, bem disposto – e jovem. No binarismo normativo e hierárquico entre velhos e não-velhos que permeia a construção social da juventude como padrão desejável, os jovens estão associados a atributos como saúde, jovialidade e beleza. Para os mais velhos, reservam-se as conotações desagradáveis como a fragilidade física e/ou mental na senescência e a incapacidade de cuidar de si próprio.

Nesta concepção hipertrofiada de juventude como valor, este é um atributo a ser preservado em qualquer idade. O envelhecimento passa a ser visto como algo contra o qual se torna imperioso lutar. Saúde, boa forma física (*fitness*) e beleza formam um todo indissociável que fundamenta a noção de bem-estar e movimenta sobremaneira as dinâmicas do consumo. Especialmente no que diz respeito à aparência, e mais diretamente em relação às mulheres, não combater os efeitos do tempo e ‘deixar-se envelhecer’ se confunde com lassidão moral. Apesar de frequentemente serem bem-intencionados, os esforços para manter o envelhecimento ‘bem-sucedido’ podem se transformar em insensatez e tirania.

Mais recentemente, o interesse no potencial de consumo do público mais velho enseja certa profusão na mídia de imagens positivas da velhice. Como se viu, essa fase da vida é frequentemente alardeada como um período gratificante, a “terceira” e “melhor” idade. Por estarem livres do trabalho e da criação dos filhos, poderiam enfim dedicar-se aos cuidados pessoais – comumente relacionados às diversas tecnologias do rejuvenescimento, aliadas ao vestuário e acessórios da moda – e a projetos longamente adiados tais como viajar ou aprender sobre vinhos, por exemplo. Em geral essas imagens apresentam indivíduos de meia idade em excelente forma física, aparentando desfrutar de um estado perpétuo de puro deleite.

Nesse tipo de estratégia criativa das narrativas do consumo, são frequentes as alusões às gratificações e prazeres da socialização, o que não raro inclui os relacionamentos amorosos entre pessoas maduras. Entra em cena o que Debert e Brigueiro (2012, p. 37) denominam como a “erotização da velhice”, sendo a sexualidade “um dos pilares do *envelhecimento ativo*, modelo de gestão do envelhecimento mais generalizado no mundo contemporâneo” (grifo no original).

### **OS BABY BOOMERS ESTÃO ENVELHECENDO**

Nascida no pós-Segunda Grande Guerra, a geração *baby boomer* compreende contingentes de indivíduos hoje septuagenários e sexagenários. O estudo da construção social dos modos de ser e de doar sentido às diferentes etapas do ciclo da vida adquire especial significado quando se focaliza uma geração que de certa forma fundou um modelo de juventude até hoje considerado emblemático. Trata-se de uma geração que protagonizou transformações históricas em nossa sociedade. Goldenberg (2011) descreve esta geração como sendo composta por

[...] homens e mulheres que passaram por importantes mudanças na sociedade ou mesmo tiveram participação ativa nelas, tais como o movimento feminista, as mudanças no comportamento sexual, os novos modelos de casamento e de família, a entrada maciça das mulheres nas universidades e no mercado de trabalho, o uso da pílula anticoncepcional, a vivência de terapias psicológicas e psicanalíticas, o movimento da contracultura, a lei do divórcio, entre tantas transformações que ocorreram nos anos 1960 e nas décadas seguintes.

Alinhados com esta perspectiva, Featherstone e Hepworth (1995) salientam que não seria razoável que os jovens frutos destas intensas transformações envelhecessem segundo os mesmos padrões das gerações que os antecederam. Os protagonistas da cultura jovem – dos movimentos de contracultura e também contemporâneos da massificação do consumo – trariam para a maturidade estilos de vida marcados pelo presenteísmo e individualismo que de certo modo caracterizam o contemporâneo.

Como ressaltam os autores, trata-se de

[...] uma crescente sensibilidade por parte dos negociantes acerca dos potenciais novos mercados constituídos pela vida na meia idade e além. [...] Na sociedade contemporânea, não são apenas os mais jovens que são encorajados a desenvolverem um interesse na moda, nos modos de apresentação de si e na construção e reconstrução das expressões do *self* por meio de estilos de vida individualistas através dos bens de consumo, mas também aqueles acima dos 50 anos (Featherstone e Hepworth, 1995, p. 32-33, tradução livre)<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> No original: *An important force behind the emergence of popular images of positive aging, the 'ageing industry' (...) is a growing sensitivity on the part of merchandisers to the potential new market in middle and later life. (...) In contemporary society it is not only the young who are encouraged to develop an interest in fashion, presentation of self and the continuous construction and reconstruction of an individualistic self-expressive lifestyle through consumer goods (...), but over-50s as well. (Featherstone e Hepworth, 1995, p. 32-33)*

**Artigo 3**

Precisamos discutir sobre o idadismo

Evidentemente, esta afirmação deve ser aqui relativizada de modo a se evitar incorrer em generalizações equivocadas e injustificadas. O próprio uso da categoria geração precisa ser posto em questão de modo a se enfatizar não apenas a diversidade de estilos e modos de ser entre co-etários, como também para chamar a atenção para o estreitamento desta categoria nas atuais configurações de família que passam a coexistir com a tradicional família nuclear. A passagem de avô para pai e deste para filho e neto não é mais necessariamente tão claramente demarcada quando se pensa nos arranjos familiares em que se promove a convivência entre proles de diferentes casamentos de genitores e progenitores.

Convivemos com diferentes modelos de jovens, adultos, velhos e idosos. Ao lado do vovô austero de cabelos brancos, temos o motoqueiro tatuado que já é avô e vira pai novamente. É justamente nesta riqueza simbólica encontramos elementos para constituir a atribuição de sentidos para o envelhecimento. Conforme discutiremos a seguir, o preconceito do idadismo nem sempre comparece de modo explícito nas atitudes e discursos em relação aos mais velhos. Pode estar presente, mesmo que de modo velado, tanto na esfera cotidiana das interações interpessoais quanto nas produções midiáticas que circulam nas diversas telas.

**O INSIDIOSO IDADISMO**

A desvalorização do velho em nossas sociedades está diretamente relacionada com os pre(con)ceitos do idadismo. O idadismo é uma das formas insidiosas de preconceito que acarreta a discriminação por idade. Apesar de disseminado, é ainda muito pouco discutido tanto no meio acadêmico quanto nos meios de comunicação.

No rol das questões sociais que merecem atenção e apoio, a luta contra o idadismo por meio da promoção de imagens positivas dos mais velhos na mídia faz parte da agenda de recomendações da ONU para o conturbado cenário do envelhecimento da população mundial.



**Ao lado do vovô austero de cabelos brancos, temos o motoqueiro tatuado que já é avô e vira pai novamente. É justamente nesta riqueza simbólica encontramos elementos para constituir a atribuição de sentidos para o envelhecimento.**

Dentre as dez ‘ações prioritárias’ para maximizar as oportunidades para as populações que estão envelhecendo no mundo todo, o Relatório do Fundo de Populações das Nações Unidas (UNFPA)<sup>2</sup>, documento elaborado em 2012, recomenda o

Desenvolvimento de uma nova cultura do envelhecimento baseada em direitos humanos, com uma mudança de mentalidade e atitudes sociais relacionadas ao envelhecimento e às pessoas idosas [...]. Isto requer [...] medidas afirmativas que contestem a discriminação por idade e reconheçam os idosos e idosas como indivíduos autônomos.

As recomendações da ONU dizem respeito à luta contra o idadismo por meio da promoção de imagens positivas dos mais velhos nos meios de comunicação. Estereótipos negativos associados ao idadismo acionam atitudes nas quais se mesclam de modo inconsciente graus variados de condescendência e negligência em relação aos mais velhos – incluindo a problemática infantilização do idoso. Travestida de carinho diante da fragilidade da situação de dependência, esta forma de tratamento frequentemente dispensado por cuidadores e profissionais de saúde atinge a dignidade do mais velho ao destituir-lhe do *status* de pessoa adulta. O paternalismo condescendente frequentemente dispensado aos mais velhos pode ter como pressuposto implícito o estereótipo que realça a dependência dos mais velhos. Anita Neri argumenta que

[...] longe de ajudar os idosos, os estereótipos compassivos podem contribuir para a criação e o fortalecimento de novas avaliações negativas e de novos estereótipos, prejudiciais aos seus interesses” (Neri, 2007, p. 38).

O desrespeito ao idoso pode ser constatado ainda em certas produções midiáticas onde sua imagem é acionada na tênue fronteira entre o humor e o escárnio. Não é incomum que o humor autodepreciativo revele o preconceito do idadismo entre os próprios idosos, que não estão imunes às mesmas pressões sociais que constituem significados negativos em relação à velhice.

Quando todos são instados a querer ser e parecer jovens, o envelhecimento se torna um problema e seus sinais passam a ser encarados como inconvenientes. São abundantes os *reality shows* de transformação da imagem pessoal que promovem a pedagogia social do rejuvenescimento. Tampouco é infrequente nas cintilantes imagens digitais de celebridades, intervenções estéticas que desafiam a prudência e o bom senso.

<sup>2</sup> Disponível online em [http://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Portuguese-Exec-Summary\\_0.pdf](http://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Portuguese-Exec-Summary_0.pdf). (acesso em agosto/2015).

Combater o preconceito significa desafiar estereótipos e visões arraigadas que nos impedem de celebrar a diversidade e as diferenças que nos caracterizam como seres humanos. Combatendo a discriminação fomentamos novas formas de convívio social, incluindo as interações baseadas no respeito e na solidariedade entre gerações.

#### **A LONGEVIDADE E AS PROPOSTAS DA ONU PARA OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO**

A chamada revolução da longevidade diz respeito não apenas à comprovação de que um maior número de pessoas está vivendo mais, como também está relacionada à diminuição das taxas de natalidade vigentes. A combinação desses fatores resulta numa expansão sem precedentes das faixas etárias mais avançadas, redesenhando de modo contundente a pirâmide demográfica mundial.

Os dados projetados pela Organização das Nações Unidas revelam que a proporção de pessoas com 60 anos ou mais em todo o mundo irá duplicar nas próximas décadas, devendo alcançar a marca de dois bilhões até 2050. Dentre os idosos, a faixa populacional que mais cresce é aquela que compreende os indivíduos acima de 80 anos. Tendo sido contabilizados em 70 milhões no ano 2000, estima-se que venham a quintuplicar ao longo da primeira metade deste século.

Frente aos enormes desafios representados por essas projeções, no intuito de chamar a atenção para a temática e auxiliar na elaboração de políticas públicas para as populações idosas em todo o mundo, a Primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento foi convocada pela ONU em 1982. O Plano de Ação produzido neste evento elencava 62 pontos de atenção tais como saúde e nutrição, proteção de consumidores idosos, habitação e meio ambiente, família, bem-estar social, segurança de renda e emprego, educação etc.

Em 1991, adotou-se o Princípio das Nações Unidas em Favor das Pessoas Idosas. Este documento enumerava 18 direitos básicos que dizem respeito a independência, participação, cuidado, realização pessoal e dignidade do idoso em nossas sociedades. No ano seguinte, a Conferência Internacional sobre o Envelhecimento consolidou o Plano de Ação e recomendou que a Assembleia Geral da ONU declarasse 1999 como o Ano Internacional do Idoso.

Com o tema 'Sociedade para Todas as Idades', o Ano Internacional do Idoso gerou reflexões em torno de quatro áreas principais: a) desenvolvimento pessoal ao longo da vida; b) relacionamentos entre gerações; c) as inter-relações entre envelhecimento populacional e desenvolvimento; d) a situação dos idosos.

Em 2002, a Segunda Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento ocorreu em Madri. Neste encontro foi produzida uma Declaração Política e um Plano Internacional de Ação sobre o Envelhecimento, que ficou conhecido como o ‘Plano de Madri’ e funcionou como um marco para todas as diretrizes subsequentes. Em 2013, o Secretário Geral das Nações Unidas renovou o apelo para “garantir a integração social das pessoas mais velhas e que a promoção e proteção de seus direitos forme parte integral da agenda de desenvolvimento em nível nacional e global”<sup>3</sup>.

O Plano de Madri<sup>4</sup> entende o envelhecimento populacional como base para o desenvolvimento social no futuro. Chamando a atenção para a necessidade de se fomentar a pesquisa sobre esta temática, recomenda-se a elaboração políticas públicas voltadas para a inclusão social do idoso e a promoção oportunidades para o desenvolvimento de um mundo menos desigual no que tange ao respeito aos mais velhos. O objetivo é articular a questão do envelhecimento nas iniciativas de promoção do desenvolvimento econômico e social, bem como na agenda dos direitos humanos. A dimensão pública da velhice demanda uma série de orientações e intervenções por parte dos aparelhos de Estado e organizações públicas e privadas. As recomendações priorizam três aspectos: a) a participação dos mais velhos no processo de desenvolvimento; b) a promoção da saúde e bem-estar na velhice; c) a criação de ambiente propício e favorável.

Nesse último quesito, as recomendações se voltam para a participação do idoso no desenvolvimento social e propõem uma maior cooperação entre países desenvolvidos e em desenvolvimento com o objetivo de garantir que possam ser cumpridas as metas estabelecidas na ‘Declaração do Milênio’<sup>5</sup> em relação à erradicação da pobreza no mundo globalizado. Reconhece-se ainda, neste aspecto, a necessidade de promover uma sociedade mais inclusiva e coesa para homens e mulheres; crianças, jovens e pessoas mais velhas.

O Plano de Madri enfatiza a luta contra a discriminação e o preconceito em relação ao idoso. Dentro da Orientação Prioritária Três (‘Promoção de ambiente favorável e propício’), interessa mais de perto à pesquisa o Tema IV – ‘Imagens do Envelhecimento’. No conjunto de Medidas propostas para promover o reconhecimento público das contribuições e atributos dos mais velhos, o Plano confere aos meios de comunicação um papel de destaque conforme pode ser constatado na seleção apresentada a seguir:

**3** Trecho citado no documento World Population Ageing 2013, ONU. <http://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/ageing/WorldPopulationAgeing2013.pdf> (acesso em fev/2017).

**4** Versão em português disponível em [http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/\\_manual/5.pdf](http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_manual/5.pdf) (acesso em fev/2017).

**5** Fruto de Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas assinada no ano 2000, esta Declaração estabelece um pacto de cooperação internacional em torno dos seguintes valores fundamentais: liberdade, igualdade, solidariedade, tolerância, respeito à natureza, responsabilidade compartilhada. Disponível em <http://www.un.org/millennium/declaration/ares552e.htm> (acesso em fev/2017).

**Artigo 3**

Precisamos discutir sobre o idadismo

- d) estimular os meios de comunicação a transcender a apresentação de estereótipos e ilustrar a diversidade plena da humanidade;
- e) reconhecer que os meios de comunicação são precursores da mudança e podem atuar como fatores de orientação na promoção do papel que toca aos idosos nas estratégias de desenvolvimento, (...);
- f) facilitar as contribuições de homens e mulheres idosos na apresentação de suas atividades e preocupações por parte dos meios de comunicação;
- g) estimular os meios de comunicação (...) a evitar a discriminação por razão da idade (...) e apresentar imagens positivas de pessoas mais velhas”<sup>6</sup>.

6 Plano de Madri, p. 71

As transformações em curso na composição populacional e a consolidação da gerontologia contribuem para situar a velhice no debate público e promover a disseminação de novas imagens positivas do envelhecimento no campo social.

Produtos de complexos processos afetivos e social-cognitivos, “as atitudes em relação à velhice são socialmente aprendidas ao longo de toda a vida” (Neri, 2007, p. 35). Esta aprendizagem se dá pela experiência direta da vivência da própria velhice e/ou de modo indireto por meio da convivência com idosos nas diversas esferas sociais. Variadas modalidades de experiência simbólica também concorrem para este tipo de aprendizagem – daí o papel importante dos meios de comunicação na produção de sentidos.

Sem descurar do viés ideológico, compreende-se que o discurso midiático participa da constituição do imaginário social ao produzir uma carga afetiva que matiza nossas interações no mundo. Reconhecendo o papel ativo do receptor da comunicação, e o caráter dialético da conformação social dos discursos, entendemos que os discursos sobre o envelhecimento acionados pelos meios de comunicação participam da construção social dos padrões identitários e estilos de vida no contemporâneo.

#### **PARA CONCLUIR**

Diferente de outras épocas em que rígidas normas sociais ditavam os modos de ser em cada idade, o embaralhamento de referências resulta hoje em arranjos identitários diversos e por vezes transitórios. Entretanto, como vimos, para ser socialmente aceito, o velho é instado a manter mesma disposição e a aparência da sua juventude. Não há mal algum em cuidar da aparência e é louvável o engajamento em atividades que proporcionem bem-estar físico e mental. O problema começa quando a velhice passa a ser encarada como aquilo que deve ser combatido a qualquer custo. Quando a guerra contra o envelhecimento se torna um imperativo de ordem moral, fica comprometida a dignidade na velhice.

A ideia da autonomia individual para constituir a própria trajetória de vida pode ser celebrada como uma benfazeja mudança em relação aos draconianos imperativos que submetiam nossos antepassados a uma vida social marcada pelo peso da tradição. Na nova cara da terceira idade, os 70 são alardeados como os novos 50. Na cena midiática, a imagem da clássica vovozinha convive com a vovó que tem namorado – ou mesmo namorada.

Pensando nas diversas narrativas sobre o envelhecimento que nos circundam, caberia indagar até que ponto têm sido acionadas, com propriedade, outras imagens – mais diversas, menos convencionais e não obstante dignas – compatíveis com o envelhecimento em nossos dias.

A velhice é e sempre foi diversa em termos de como se dão suas vivências e expressões. Como se procurou demonstrar, são múltiplos os atravessamentos que contribuem para modular o processo de envelhecimento que, a rigor, nos acompanha ao longo de toda a vida. Vetores como gênero, classe socioeconômica, raça ou etnia, orientação sexual, afiliação religiosa, cultura familiar, regional e afins tornam problemático o estabelecimento do velho jovem como único – e paradoxal – modelo socialmente aceito como adequado e bem-sucedido.



**A velhice é e sempre foi diversa em termos de como se dão suas vivências e expressões.**

**Artigo 3**

Precisamos discutir sobre o idadismo

De modo inquietante, especula-se que em grande medida as imagens em circulação ainda se fundam nos estereótipos e contribuem para consolidar o preconceito contra os mais velhos. É preciso nuançar nossa compreensão sobre os pressupostos e preconceitos associados ao envelhecimento para que os processos de atribuição de sentidos sejam fecundados por visões que desafiam os estereótipos e associações vigentes.

Ao atentarmos nesta discussão para a dimensão sociocultural da velhice, é indispensável destacar a importância dos meios de comunicação na constituição das identidades culturais dos mais velhos e nas variadas formas de lidar com a velhice, tanto por parte dos idosos, quanto por suas famílias e outras instâncias da sociedade. Com base nesta inquietação, espera-se ter contribuído para colocar em questão essa forma disseminada e sutil de preconceito que necessita ser discutida e combatida de modo incisivo, persistente e criativo. ↻

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, L. E. *La era del consumo*. Madri: Siglo XXI, 2005.
- BEAUVOIR, S. *A velhice: a realidade incômoda*. S. Paulo: Difel, 1976.
- BORGES, G. M.; CAMPOS, M. B.; SILVA, L. G. C. Transição da estrutura etária no Brasil: oportunidades e desafios para a sociedade nas próximas décadas  
In: ERVATTI, L. G.; BORGES, G. M.; JARDIM, A. P. *Mudança demográfica no Brasil no início do século XXI: subsídios para as projeções da população*. IBGE, 2015, p. 138 – 151.
- BYTHEWAY, B. *Ageism*. Buckingham: Open University Press, 2001.
- DEBERT, G. e BRIGUEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira das Ciências Sociais*. vol.27, n. 80, 2012.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. S. Paulo: Edusp, 1999.
- FEATHERSTONE, M. e HEPWORTH, M. Images of positive ageing: a case study of Retirement Choice magazine. In: FEATHERSTONE, M.; WERNICK, A. (Eds.). *Images of aging: cultural representations of later life*. London: Routledge, 1995, p. 29 – 47.
- FUNDO DE POPULAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS (UNFPA) e HELPAGE INTERNATIONAL. *Envelhecimento no século XXI: celebração e desafio*. ONU, 2012.
- GILLEARD, C. e HIGGS, P. *Cultures of ageing: self, citizen and the body*. London: Pearson, 2000.
- GOES, T. A velhice em novos tempos. *Revista E. SESC-SP*. Vol. 20, n. 1, 2013, p. 42-43.
- GOLDENBERG, M. (Org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- LASLETT, P. *A fresh map of life: the emergence of the Third Age*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1989.
- LEAL, M. G. S. Aspectos psicológicos do envelhecimento. Entrevista à *Revista E. SESC-SP*. Vol. 20, n. 1, 2013, p. 44-46.
- NERI, A. L. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. IN: NERI, A. L. (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. S. Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, Ed. SESC SP, 2007, p. 33 – 46.

4

## **Revisão bibliográfica da publicação “Mais 60 - Estudos sobre envelhecimento”**

[Artigo 4, páginas de 56 a 83]





**Cristina Riscalla Madi**

*Graduada em Educação Física pela FEFISA - Faculdades Integradas de Santo André. Graduanda em Psicologia pela Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e MBA em Gestão Empresarial pela Fundação Dom Cabral. Gerente da GEPROS - Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc São Paulo.*  
[crismadi@sescsp.org.br](mailto:crismadi@sescsp.org.br)

**Jessica L. Gomes**

*Graduada em Psicologia pela Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Especialização "Sexualidade em Freud", pela Escola Paulista de Psicanálise - EPP e "Sexualidade" Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - FMUSP. Projeto de Sexualidade do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo.*  
[jessica.lcrd@gmail.com](mailto:jessica.lcrd@gmail.com)

**Thais G. Louzada**

*Graduada em Psicologia pela Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) e Marketing pela Universidade Anhembi Morumbi.*  
[thaisglouzada@gmail.com](mailto:thaisglouzada@gmail.com).



**Artigo 1**

Revisão bibliográfica da publicação sobre o envelhecimento:  
“Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento”

**RESUMO**

Por meio da revisão bibliográfica dos artigos publicados pela revista especializada em gerontologia social, editada pelo Serviço Social do Comércio no Estado de São Paulo (Sesc SP): “Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento”, buscou-se analisar como a sexualidade e a velhice têm sido abordadas – desde sua primeira edição em 1977 até o primeiro semestre de 2016. A análise dos artigos ressaltou como o tema a respeito da sexualidade na velhice tem sido abordado durante os 27 anos de existência da publicação, levando em consideração o contexto social de cada época. A proposta deste trabalho é apresentar uma leitura sintética dos artigos, destacando o tema da sexualidade na velhice e utilizando como base teórica a psicanálise.

**Palavras-chave:** velhice; sexualidade; comportamento; idoso; psicanálise; preconceito.

**ABSTRACT**

*Through literature review of articles published by the journal in social gerontology, published by the Social Service of Commerce in São Paulo (Sesc SP): “Mais 60 – Studies on Aging”, he sought to analyze how sexuality and old age has been addressed since its first edition in 1977 until the first half of 2016. The analysis of the articles pointed out as the theme about sexuality in old age has been approached over the twenty-seven years of the publication, taking into account the social context of the time. The purpose of this paper is to present a synthetic reading of the articles chosen to highlight the theme of sexuality in old age, using as a theoretical basis psychoanalysis.*

**Keywords:** old age; sexuality; behavior; old; psychoanalysis; prejudice.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como principal objetivo, por meio de revisão bibliográfica da publicação “Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento”, editada pelo Serviço Social do Comércio no Estado de São Paulo, o levantamento dos artigos que tratam dos temas envelhecimento e sexualidade, e analisar como foram tratados nos últimos 27 anos de veiculação da revista.

Partiu-se do princípio de que uma publicação, contínua e longa, que aborda o processo de envelhecimento nas últimas três décadas, deve retratar os principais aspectos sobre o comportamento relacionado ao tema.

Examinou-se desde a primeira edição até o número 64 – publicado no primeiro semestre de 2016 –, com o propósito de identificar a forma como a sexualidade na velhice foi abordada; os termos relativos ao gênero utilizados; os conceitos utilizados; a formação dos autores; a relação com a saúde e indicativos da repressão sexual sobre a pessoa idosa.

Alguns fatores, diante dos preconceitos e estereótipos que cercam as dinâmicas sociais e psicológicas da velhice, foram avaliados com vistas à reflexão sobre preservação do direito de escolha dos estilos de vida na etapa mais avançada do desenvolvimento humano.

## PUBLICAÇÃO

A revista “Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento” foi lançada em 1977 com o objetivo de apoiar o *Programa Trabalho Social com Idosos*, do Sesc São Paulo, que prevê o atendimento de pessoas idosas que frequentam as Unidades Operacionais no Estado de São Paulo, por meio da oferta de ações socioculturais. Consideram-se os estudos e as pesquisas sobre o envelhecimento, dirigidos a profissionais e pessoas interessadas na temática, outro importante pilar do programa TSI.

A revista “Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento” nasce com o nome “Cadernos da Terceira Idade”, com o objetivo de divulgar os estudos e as experiências do programa, realizados pela entidade e por outros estudiosos no assunto. Em 1988, passa a ser chamada de “A Terceira Idade” e, além de disseminar e estimular pesquisas, acompanhou as evoluções de políticas públicas para esta camada da população, a exemplo da revisão da Constituição Brasileira e da criação do Estatuto do Idoso.

**Artigo 4**

Revisão bibliográfica da publicação sobre o envelhecimento:  
“Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento”

O periódico passa por outra revisão em 1993 quando o programa comemora 30 anos de existência e enfatiza, como estratégia, o resgate do verdadeiro sentido da velhice, auxiliando a ampliação da conscientização dos cuidados integrais aos idosos e possibilitando a difusão de estudos e pesquisas inéditos nas mais diversas áreas de estudo, como comunicação e gênero. A mais recente revisão pela qual a publicação passou foi em 2014, quando percebeu-se a necessidade de ampliar o alcance do periódico.

“Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento” traz em sua estrutura: *Artigo de capa* que apresenta e discute conceitos que abordam a questão do envelhecimento sob diversos aspectos; *Ensaio fotográfico* que dialoga com o artigo de capa; *Resenha de obras* que trazem o envelhecimento como tema; *Painel de Experiência*, que apresenta, por meio de atividades realizadas para as pessoas idosas, a metodologia das ações do Sesc São Paulo. O periódico publica, ainda, estudos de pesquisadores nacionais e internacionais, além de contar em suas seções com entrevista de uma pessoa idosa, que pode ser uma figura pública ou não; o objetivo desta seção é compartilhar com o leitor seu percurso de vida.

Com tiragem de 2.400 exemplares físicos, distribuídos para universidades, bibliotecas e instituições de pesquisa, a versão digital do periódico pode ser acessada gratuitamente no Portal Sesc São Paulo<sup>1</sup> ou pelo aplicativo.

**1** Portal Sesc São Paulo –  
[https://www.sescsp.org.br/  
online/revistas/4\\_MAI+60](https://www.sescsp.org.br/online/revistas/4_MAI+60)

**SESC**

O Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e de serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural de seu público prioritário – o comerciário –, mas também da comunidade em geral. Desenvolve atividades em cinco eixos de atuação: assistência, saúde, lazer, cultura e educação. Atende a todas as faixas etárias, por meio de projetos e atividades que estimulam a participação, o aprendizado constante e a cidadania.

Dentro desse universo, o Programa Trabalho Social com Idosos tem início em 1963, a partir da percepção das necessidades dos trabalhadores que se aposentavam e não possuíam alternativa de convívio social. O Programa TSI, por seu pioneirismo e protagonismo, influenciou as principais conquistas sociais dos idosos, a exemplo do Estatuto do Idoso e de algumas das políticas públicas implantadas no Brasil.

Atualmente, o programa possui como *parâmetros*: o atendimento a pessoas com 60 anos ou mais e ao público especializado, e a interesses na temática do envelhecimento. Ações com base nos conceitos da educação permanente, do atendimento qualificado e da democratização da cultura. Suas *diretrizes* apoiam-se em ações baseadas em diagnósticos; na promoção da cultura do envelhecimento, por meio da valorização da pessoa idosa; no incentivo à prática da autonomia e da alteridade; enfatizam ações humanizadas e humanizadoras; preveem a transversalidade de campos de trabalho e o atendimento preferencial do público prioritário (trabalhadores do comércio e de serviços e seus dependentes).

As ofertas direcionadas ao público contemplam sempre pelo menos um dos *objetivos*: refletir e provocar ações sobre projetos de vida; incentivar a sociabilização; construir conhecimentos; refletir sobre o envelhecimento e a longevidade; desconstruir estereótipos e preconceitos; promover a saúde; incentivar o protagonismo e incentivar as relações intergeracionais.

#### **SEXUALIDADE E VELHICE NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA**

A sexualidade na velhice é um tema que gradativamente tem sido mais abertamente discutido, porém ainda é tratado com certa rejeição e preconceito pela maior parte da sociedade, que pressupõe o indivíduo idoso como não apto para se relacionar sexualmente. Pressume-se que além da ausência da libido, nessa fase, o sujeito direcionaria sua energia para cuidados com a saúde, levando em consideração a finitude da vida.

De acordo com Mucida (2006, p. 56), não se deve ignorar a realidade do envelhecimento, porém isso não significa o término da vida da pessoa:

Podemos dizer, de forma mais simples, que a velhice existe, as pessoas idosas existem; e mesmo que o sujeito do inconsciente não envelheça, há um real do corpo que envelhece, e isso não implica um encontro com o cadáver ou com a morte. Há o real do corpo traçado por uma imagem que pode horrorizar o sujeito, há um real de várias perdas que se agudizam a partir de uma determinada idade. Perdemos mais pessoas à medida que envelhecemos, bem como diferentes laços sociais, exigindo mais trabalho de luto, mais inscrições simbólicas. Então, a velhice, enquanto um dos nomes do real, impõe o luto, bem como novas formas de atualização.

**Artigo 4**

Revisão bibliográfica da publicação sobre o envelhecimento:  
“Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento”

A teoria do desenvolvimento, por meio de uma classificação cronológica baseada na idade do indivíduo, prevê comportamentos-padrão para cada etapa da vida. Conforme Mucida (2006, p. 26), para Freud, o conceito de envelhecimento está aquém do corpo físico que sofre as alterações do real que o tempo traz. Freud considera que o tempo psíquico do sujeito está relacionado “com base nos conceitos de inconsciente, pulsão e repetição”. É a partir desta perspectiva que a psicanálise lida com a velhice, baseada nas marcas psíquicas que foram instituídas na infância.

Para melhor compreensão deste conceito, é necessário referenciar os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, nos quais Sigmund Freud (1996) admitiu e descreveu a existência de uma sexualidade infantil, indicando que a sexualidade se inicia na infância e não na puberdade como reconhecido pela sociedade. Dessa maneira, ele conclui que não há regras sexuais, mas existem comportamentos que são estabelecidos conforme a demanda social, e que a expressão da sexualidade não significa necessariamente o início de sua formação.

Corroborando a concepção de que é na infância que o sujeito adquire as marcas psíquicas, estas se referem à experiência de satisfação que o bebê experimenta a partir do laço com o outro, o qual permanecerá ao longo da sua trajetória como marca psíquica em seu inconsciente.

Assim, se a sexualidade do adulto guarda os significantes da sexualidade infantil, as marcas psíquicas não se apagam com o tempo, indicando que nem a libido, tampouco o desejo desaparecem na maturidade. Contradizendo o senso comum, é possível admitir que a velhice não é apenas uma fase na qual o indivíduo se prepara para a morte, mas um período pleno de desenvolvimento, construção, aprendizado e vínculos.

**METODOLOGIA**

Para a revisão bibliográfica foram analisadas 64 edições da revista “Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento”, e selecionados 13 artigos que a própria revista classificou como contendo referências sobre o assunto sexualidade. Os artigos foram selecionados por meio da classificação proposta no índice onomástico e remissivo, publicado juntamente com a edição especial, de número 57 e, por meio, da leitura das outras edições que não faziam parte do índice.

A partir da leitura desses artigos, foram destacadas as visões sobre a sexualidade e o envelhecimento, por diferentes autores desde a

década de 1970 até 2016. A análise foi feita a partir de uma tabela que indica a formação dos autores dos artigos, as palavras que identificam as questões de gênero, as relações com a área da saúde, os preconceitos, as indicações de repressão sexual na velhice e os conceitos de sexualidade considerados.

#### **ARTIGOS**

Os artigos analisados trataram a sexualidade e seus aspectos como tema central. Na análise foram considerados: o que cada autor citou em relação ao assunto; como nomeou as indicações de gênero; os indícios de preconceito que apareceram nos textos demonstrados por parte do autor, ou ressaltados pelas conclusões dos estudos; quais os conceitos sobre sexualidade apontados; a presença ou não de indícios de repressão sexual na velhice; as relações entre sexualidade e saúde e a formação dos autores.

#### **Comportamentos sexuais alternativos do jovem e do velho - Naumi Antonio de Vasconcelos - 1994**

Vasconcelos aborda as diferenças dos comportamentos sexuais alternativos tanto de jovens como de pessoas idosas. Para tal compreensão, o autor cita a importância do significado do conceito alternativo, a qual se refere às diversas perspectivas que uma pessoa tem sob uma determinada situação, e quando associado à sexualidade, estas possibilidades tornam-se diversas. No entanto, a maioria das pessoas limitam suas experiências sexuais, baseadas em um modelo normativo construído que ocorre em razão de fatores como falta de imaginação, medo ou preocupação em relação ao preconceito social.

Geralmente a rigidez da sexualidade normativa está instalada no indivíduo adulto, uma vez que os jovens ainda estão descobrindo a sua sexualidade e os mais velhos, em contrapartida, não sentem necessidade de corresponder a uma demanda social instituída pelo casamento de reprodução.

Dessa forma, Vasconcelos (1994, p. 47) sintetiza a situação da sexualidade atual como:

A fixidez da visão pela qual o sexo é algo circunscrito e bem definido, de modo que, se alguém não estiver de acordo com essa definição e essa circunscrição, estará fora do terreno sexual, é uma visão nefasta que a cultura nos passa e que, no entanto, os mais jovens e os mais velhos têm mais facilidade de superar do que os adultos.

**Artigo 4**

Revisão bibliográfica da publicação sobre o envelhecimento:  
“Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento”

Segundo o artigo, é necessário repensar o que a sexualidade representa na maturidade ao se questionar sobre padrões sociais pre-determinados, levando-se em conta que é possível existir sexualidade na maturidade e que o idoso tem tanto direito ao prazer quanto o adulto, pois este é um resultado da manifestação natural da libido. Considera que a libido não tem sexo, que pode ser expressa de diversas formas, seja por meio do autoerotismo, da heterossexualidade ou até mesmo por intermédio da homoafetividade.

**Sexualidade da mulher na maturidade – Stella Pupo Nogueira – 1996**

A autora aborda a sexualidade da mulher ressaltando que muitas vezes esta só é vista para fins de procriação e aponta que na atualidade ainda se vive isso. “É uma visão dicotômica da mulher... De um lado a valorização da mulher-mãe, a mulher santa e mulher-esposa e do outro lado a mulher sensual, sensualizada, objeto de desejo.” Hoje em dia a tendência é sempre romper com essa divisão para que então a mulher viva com mais liberdade a sua sexualidade (p. 14).

Afirma que ao chegar a maturidade todas essas preocupações já se acabaram, porém a mulher não se vê mais nos padrões sociais de valorização da sexualidade, acreditando que esse fato se dá porque não é mais jovem e não procria mais. No entanto a expectativa de vida, em crescimento considerável, faz com que apareçam questões como: o que se fará com todo esse tempo a mais, como vivenciar a sexualidade?

Entende-se que sexualidade não é atribuída apenas aos aspectos genitais, é “a libido, é o impulso, a força da vida, a energia da qual se pode dispor e que envolve nossa vida psicológica, emocional e mesmo ideológica. A sexualidade se refere ao corpo todo, aos prazeres de todos os sentidos” (p. 17).

O fato de vivermos em uma sociedade mais castradora não deve impedir o desenvolvimento de nossa sexualidade... Nossa cultura ridiculariza a sexualidade das pessoas com mais idade... Os jovens podem viver muito bem sua sexualidade, mas só o exercício dessa aptidão, dessa capacidade é que nos torna cada vez mais donos dessa força que nos envolve totalmente (p. 18).

### **A importância do corpo na terceira idade - Regina Favre - 1996**

O corpo do velho é o mesmo desde o nascimento que, com o tempo, vai se modificando. Com o passar do tempo o indivíduo aprende a ler e entender seu corpo, julgar o que pode ser bom ou ruim e fazer escolhas. Porém, aponta que o corpo vivido, na verdade, não condiz com o que o indivíduo é, pois, em algum momento na vida, precisou se posicionar da forma como se encontra e se “acostuma” com essa postura, essa forma de se apresentar ao mundo.

A autora propõe a importância de se conhecer e se reconhecer sempre, sendo a autoavaliação um excelente meio para conscientizar-se das limitações, das mudanças inevitáveis que o passar do tempo submete ao corpo. A primeira grande mudança dá-se na puberdade quando o corpo se modifica por completo, os hormônios estão aflorados e é nesse momento que se inicia a procura de parceiros. Com o passar do tempo, na fase adulta, as relações tendem a ser mais duradouras, a maternidade e a paternidade podem ser experienciadas e o corpo se encaminha para a vivência da fase de maturidade. O texto apresenta o dissabor que a mulher vive nesta fase e atribui à menopausa a formação de um pensamento de que está numa fase irreversível, de perda, e a ideia central é a de que “não pode mais”.

Para finalizar, a autora recomenda que se respeite, se cuide e se tire o máximo proveito do corpo porque este é único e será o companheiro de toda a vida do indivíduo.

### **Por uma pedagogia do adequado envelhecimento - Marcelo Antonio Salgado - 1999**

“Somos protagonistas da nossa própria vida e a cada sinal de tempo em nós, deveria ser visto como orgulho, glória. Porém, a nossa sociedade não vê dessa forma.”

O texto apresenta a constatação da dificuldade de aceitação do envelhecimento e a grande procura por intervenções estéticas. Destaca a importância dos cuidados que deveriam ser priorizados para a construção de um envelhecimento saudável. Além da questão estética, aponta para o preconceito contra o idoso tendo em vista sua relação com a fragilidade física: “Isso é um preconceito, porque fragilidade e doença não são prerrogativas do velho e sim do ser humano de qualquer idade” (p. 17).

As questões físicas, também são apresentadas como elementos de preconceito para com o idoso, uma vez que o senso comum apresenta o jovem como belo. O autor indica que cada idade apresenta

**Artigo 4**

Revisão bibliográfica da publicação sobre o envelhecimento:  
“Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento”

suas belezas particulares, embora a beleza que se apresenta na velhice não seja a da silhueta rígida, com “todas as coisas no lugar, a alta idade, tem outras maneiras de realçar a sua própria beleza” (p. 17).

Aliado às questões físicas, o artigo apresenta as considerações sobre a percepção cultural a respeito da sexualidade do idoso, e que a sexualidade está presente em todas as fases do desenvolvimento humano, inclusive na terceira idade. O preconceito mostra-se na ideia de que a atividade sexual não combina com idosos. Quem mais sofre com esse preconceito são as mulheres que, ao longo de sua vida, se deparam com diversas questões relativas à sua sexualidade, desde a puberdade, na preocupação com a reprodução, até a velhice, com a menopausa.

O que pode ser entendido por uma pedagogia da velhice? Trata-se da luta contra todos os preconceitos, fazendo com que o indivíduo entenda que, ao longo do seu ciclo da vida, ele tem que vivenciar cada etapa de seu tempo, cada fase do seu corpo e de sua mente. É o cultivo de hábitos saudáveis ao longo de toda a existência, de forma a facilitar o replanejamento da vida no momento da velhice e parada profissional (p. 19).

**Terceira idade, família e relacionamento de gerações - Maria Aparecida Ribeiro - 1999**

A autora ressalta que “o estudo do idoso tem sido pouco explorado [...] poucos aprofundam as relações dentro do âmbito familiar e social, fato que favorece a discriminação contra as pessoas idosas no Brasil” (p. 48). Admite uma visão errônea e limitada da velhice, que percebe o desenvolvimento humano até determinada etapa e, posteriormente, há apenas a estagnação ou regressão.

No Brasil, o indivíduo com 50 anos é considerado velho e deve seguir padrões, que determinam, entre outras coisas, a maneira adequada de vestir-se. Percebe-se, ainda, a diminuição da produtividade, a inibição de sentimentos, a maior permanência em casa. Esses “padrões culturais preconceituosos e ultrapassados pela realidade” podem ocasionar um quadro depressivo (p. 48 e 49).

Para um envelhecimento saudável o apoio familiar é fundamental: não excluir o idoso das atividades familiares, pelo contrário, envolvê-lo nas atividades que gerem novas funções e demandas contribui, certamente, para um envelhecimento de qualidade e saudável.



## **É importante as pessoas iniciem a preparação da velhice no meio da fase adulta, considerando que um bom planejamento será vital para vivenciar a etapa que se segue.**

Abordar a sexualidade das pessoas idosas é de crucial importância; sabemos, no entanto, ser este tema evitado de preconceitos, até mesmo pelos próprios velhos. É notório que com o envelhecimento o indivíduo pode diminuir as suas atividades sexuais, “fato que, todavia, não impede uma vida sexual gratificante” (p. 52). “Talvez a premissa maior, para a configuração de uma sexualidade prazerosa, seja um bom nível de satisfação para consigo mesmo e para com a própria vida” (p. 52).

### **Barreiras à integração social do idoso – José Ramos Queiroz – 1999**

Nesse artigo o autor abordou questões referentes aos obstáculos encontrados pelos idosos na fase do envelhecimento. Os idosos podem ser caracterizados em três classes diferentes, segundo Queiroz (1999, p. 47): “Os que envelhecem normalmente, sem maiores alterações orgânicas e mentais; os que manifestam precocemente modificações somato-psíquicas; e os que crescem à marcha regressiva um estado patológico”.

É importante que as pessoas iniciem a preparação da velhice no meio da fase adulta, considerando que um bom planejamento será vital para vivenciar a etapa que se segue. O artigo recomenda que os cuidados com o corpo e a saúde devem ser iniciados por volta dos 40 anos, assim as chances de detectar doenças precocemente serão maiores, além de poder evitar um envelhecimento prematuro.

O autor levanta ainda alguns fatores primordiais para que esse cuidado prévio aconteça, levando em consideração que esses aspectos podem tornar-se barreiras para o envelhecimento positivo. As barreiras encontradas pelos idosos vão desde o funcionamento das funções vitais até o seu desempenho psíquico, porém outras questões que afetam o bem-estar do idoso estão relacionadas ao corpo físico. Percebe-se a lentificação das atividades e, em alguns casos, algumas doenças crônicas podem ser desenvolvidas, resultando uma maior limitação na inserção do idoso no contexto social.

**Artigo 4**

Revisão bibliográfica da publicação sobre o envelhecimento:  
“Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento”

Conforme sua personalidade, o indivíduo pode apresentar maior ou menor aceitação em relação à chegada da velhice com o agravante de que a existência da sexualidade do idoso é negada pela sociedade. Existem muitas informações distorcidas a respeito da sexualidade na maturidade, e mesmo na atualidade este tema ainda é tratado como um tabu. Alguns pressupõem que os mais velhos não possuem libido e que, portanto, sua sexualidade é inexistente.

Para desmistificar essas fantasias determinadas pelo senso comum, é necessário desconstruir esses estereótipos, começando pelo próprio idoso. Por intermédio de palestras, grupos e materiais de apoio como livros, é possível empoderar esses idosos com as informações corretas, para que possam entender quão natural são todas as mudanças que ocorrem no corpo durante a velhice, sobretudo no que diz respeito ao declínio do aparelho reprodutor. Porém esse fato não significa que a libido deixa de existir na velhice, pelo contrário, é possível descobrir novas formas de encontrar prazer, não sendo esta apenas pelo ato sexual da penetração, como se supõe.

Quando se refere aos cuidados dos corpos, o autor discorre sobre como homens e mulheres tendem a se preocupar com isso de forma diferente e destaca que há uma atenção maior para os estágios pré-velhice das mulheres que dos homens. Como é esperado que as mulheres vivam a fase da menopausa, costumam acompanhar as modificações de seus corpos por meio de consultas e exames médicos de rotina. Em contrapartida, nos homens esse cuidado é secundário e, mesmo que o sistema reprodutor do homem funcione por mais tempo que o das mulheres, é necessário que a questão da andropausa seja discutida, para que os homens possam ter consciência das providências a serem tomadas nessa etapa de vida.

A aposentadoria pode ser outro fator estressante: a possibilidade de solidão e a sensação de inutilidade podem ser disparadores para o desenvolvimento de depressão. O autor destaca a necessidade de os governos investirem em políticas públicas que prevejam a inclusão dos idosos nos meios sociais, dando visibilidade aos velhos e ao envelhecimento. Em muitos países desenvolvidos há programas que auxiliam no cuidado do bem-estar do idoso. Com esta finalidade, no Brasil, o Sesc São Paulo é um dos precursores a tratar dessa questão.

### **Dançando com a terceira idade - Adriano Volnei Zago e Aline Soares Silva - 2003**

O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa antropológica realizada em dois salões de baile para idosos na cidade de São Paulo, a partir das expectativas dos participantes, de suas buscas e ideários relacionais na maturidade. Os pesquisadores puderam rever muitos de seus preconceitos em relação ao processo de envelhecimento e às suposições de que existe apenas uma maneira de o velho se apresentar, ressaltando em várias passagens a existência do estereótipo do idoso acomodado, doente, inativo, deprimido, sem perspectivas ou planos de vida. Em vários momentos da pesquisa demonstraram suas crenças de que, ao falarem sobre sexualidade, os idosos se mostrariam constrangidos. Porém essa crença não só não se confirmou como puderam constatar um grande interesse por falar dessas questões e derrubarem os mitos existentes.

As idas aos bailes serviram para abandonarmos algumas pré-noções e para a construção de novos alicerces de entendimento deste grupo: pessoas felizes e saudáveis buscando novas formas de sociabilidade – amizades e/ou relacionamentos amorosos – com objetivo de vencer a solidão, a depressão, as doenças e o medo da morte; pessoas que valorizam e têm orgulho da sua experiência de vida, mas que não vivem numa redoma de nostalgia e saudade; pessoas ativas que seguem tendências atuais, seguem modas e têm preocupações com o corpo e a aparência física (p. 56).

O estudo apresenta algumas diferenciações entre as expectativas masculinas e femininas, baseando-se exclusivamente nos relacionamentos heterossexuais. Um ponto comum é o esmero na apresentação pessoal e a revelação do preparo na autoimagem para os bailes. O ambiente é descrito como familiar, porém a busca de parceiros é incentivada pelo contato realizado a partir da dança, que exerce uma função aproximativa entre os casais. As dinâmicas descritas são bem convencionais do ponto de vista dos códigos de aproximação dos casais; na sua maioria, quem toma a atitude de convidar para a dança é o homem em relação à mulher, com apenas uma exceção que é a “Valsa das Rosas”. Nesse momento do baile, a mulher tem permissão para pedir que uma funcionária do salão entregue uma rosa para o homem com quem ela quer dançar.

**Artigo 4**

Revisão bibliográfica da publicação sobre o envelhecimento:  
“Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento”

Destacam ainda que a aceitação da sexualidade na velhice é relativamente um fato novo, tendo como base as questões morais que nortearam a crença de que não existe sexo nessa etapa da vida. Assim, conclui-se que é possível viver uma vida sexual ativa na velhice, pois, de acordo com Butler e Lewis (1985, p. 117):

O sexo na idade madura é o sexo por si mesmo: prazer, liberação da tensão, comunicação, intimidade compartilhada. Sentir que o parceiro, apesar da idade, ainda o considera sexualmente atraente pode estimular a manutenção da sexualidade. A depressão e a solidão podem fazer com que os idosos desistam, por completo, de sua sexualidade.

**A importância do toque nas atividades físicas para a terceira idade – Laura Machado da Silva – 2004**

O processo natural do envelhecimento prevê que a pessoa comece a passar por uma fase de perdas que podem afetar sua capacidade de adaptação, diminuir sua vitalidade e aumentar sua vulnerabilidade, além de maior expressão de angústia, depressão e perdas psicológicas. Nessa etapa da vida, há uma grande dificuldade de se inter-relacionar por meio de contato físico, deduz a autora, quer seja por conta de um “sistema rígido de educação ou até mesmo por conceitos ou pré-conceitos religiosos” (p. 68).

Com o passar do tempo as terminações nervosas táteis apresentam uma mudança significativa e pode-se considerar que a melhoria de algumas doenças pode ser atribuída à qualidade e à quantidade do toque que o idoso esteja recebendo, antes ou durante a enfermidade.

A atividade física, em minha experiência com os alunos, proporcionou a educação de um corpo consciente, de gestualidade cotidiana no trabalho, no lazer, na vida social, com uma compreensão e comunicação mais eficientes de suas emoções, afetividade, erotismo e ludicidade (p. 69).

A autora mostra a importância do toque desde o nascimento até a velhice. A criança que recebe esses toques enquanto pequena tem maior capacidade de aproveitar os benefícios do toque com qualidade em suas futuras relações amorosas. Em períodos de estresse a necessidade de contato corporal aumenta significativamente, porém algumas pessoas podem substituir a saciedade sexual pela saciedade oral, tendo assim a ilusão de satisfação por meio da comida ou de cigarros.

A carência afetiva e a solidão, peculiares a esta faixa etária, fazem com que o idoso se feche em seu mundo, não se sentindo no direito de ter uma vida plena de prazeres e alegria. Para mim ficou provado que o toque pode contribuir para que a condição de senilidade e os processos de somatização sejam amenizados, ou até sanados através do trabalho de atividade física, tendo o toque e o contato como conteúdos principais dentro de um programa de atividade corporal (p. 81).

### **Sexualidade e amor no homem idoso - Ângela Mucida - 2009**

“O sujeito não envelhece, apesar da velhice”; este é o título de obra de Ângela Mucida, que a partir da sua experiência clínica com idosos pôde observar que, mesmo a velhice sendo um caminho que todos inevitavelmente encontrarão, há um sujeito presente no indivíduo que não envelhece e este pode ser chamado de inconsciente.

Para entender melhor esta premissa, a autora fez uma avaliação do aparelho psíquico formulado por Freud em sua 52ª carta. Nessa carta, Freud cita três tempos vivenciados pelo sujeito. O primeiro tempo diz respeito às primeiras experiências, as quais se transformarão em traços de percepção, experiências estas muito primitivas, que uma vez experimentadas não se modificarão, não envelhecerão, nem tampouco cessarão. O segundo tempo está relacionado ao que Freud nomeou de recalque. E é somente no terceiro tempo que a manifestação da simbolização verbal surge, isto é, o indivíduo, antes de adquirir a fala e entender o que esta representa para alguém, provavelmente seu cuidador já fez isso por ele; somente após este estágio o sujeito adquire a linguagem e seus significantes. No decorrer da vida do sujeito, estas primeiras marcas inscritas no indivíduo podem ser atualizadas e até formar novos significados, porém nunca deixarão de existir como significante. Desse modo, os traços, as memórias, as experiências de cada indivíduo correspondem a características peculiares de cada um, concebendo uma velhice única.

Para Mucida, mesmo que na atualidade o tema da sexualidade na velhice esteja sendo debatido de maneira mais ampla, o assunto ainda é tratado como tabu ou mito. Freud (1917) apud Mucida (2009) destaca que “o homem primitivo institui um tabu quando teme algum perigo”. Esta ameaça referente à sexualidade na velhice estaria relacionada com a sexualidade dos pais. A partir do momento em que a criança se dá conta de que é possível um envolvimento sexual entre os pais, sua primeira reação é negar que tal fato possa ser concebido.

**Artigo 4**

Revisão bibliográfica da publicação sobre o envelhecimento:  
“Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento”

Então, os neuróticos conscientemente reprimem este conteúdo negando a realidade e, quando envelhecem, em seu inconsciente o papel que lhes cabe é apenas o papel parental, no qual não há espaço para manifestações sexuais.

Em relação à sexualidade do homem idoso, a autora afirma que é na infância que as crianças diferenciam um indivíduo do outro por meio do órgão genital. De acordo com Freud, o indivíduo que possui o pênis é um indivíduo completo. Na sociedade o pênis é considerado um símbolo fálico, de potência e de poder, onde não há espaço para que os homens falhem, assim precisam ser completos o tempo todo, seja na família, no trabalho, nos relacionamentos e, principalmente, em relação ao sexo. A velhice vem acompanhada pelas inevitáveis marcas que o tempo deixa no corpo, e no caso do homem, que a princípio seria um ser completo, a velhice pode significar o fracasso da vida sexual, em decorrência do mito da impotência, assim o homem é destituído do lugar de soberania que socialmente é colocado desde o seu nascimento.

Em um mundo em que ser velho é sinônimo de fracasso, a indústria farmacêutica vende a ilusão da solução mágica para os efeitos da velhice sob a sexualidade masculina. O Viagra, remédio mais conhecido para disfunção erétil, foi criado com o objetivo de anular essa disfunção, mas ele se limita à função biológica imediata, pois a medicação não pode despertar a libido, o desejo, tampouco tem o poder de estimular a fantasia e a imaginação do sujeito. O conceito de que o Viagra pode ser uma solução mágica para todos, de uma suposta sexualidade sem limites e feliz, está totalmente deturpado.

O artigo coloca em evidência o quão saudável e natural esta fase deve ser encarada, pois não será em função das mudanças corporais que o indivíduo abdicará do seu prazer sexual, até mesmo porque é possível encontrar novas formas de expressão sexual para atingir o prazer.

**Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo - Júlio Assis Simões - 2011**

O artigo analisa as experiências dos homens maduros gays que vivem na cidade de São Paulo. É comum a presença de homens homossexuais maduros em grandes metrópoles do Brasil e, segundo Simões, há uma concentração de homossexuais mais velhos no centro de São Paulo e na região do ABC, inclusive com a presença de muitas casas noturnas e festas dirigidas ao público gay. Apesar de esses encontros entre gays mais velhos na região do centro de São Paulo acontecerem

desde os anos de 1980, há maior visibilidade na atualidade. Segundo a pesquisa de Simões, conhecidos como “coroas” e “tiozão”, esses homens têm uma caracterização bem definida e se comportam de modo discreto, desvinculando-se da imagem do homossexual afeminado. Costumam exibir uma boa forma física e frequentam lugares de encontros sociais para homossexuais com diferentes objetivos, seja para formar círculos de amizades, por descontração ou até mesmo em busca de novos relacionamentos.

A velhice dos homossexuais tem sido considerada por muitos como uma das fases mais ativas na vida desses homens. A imagem incorporada socialmente em torno de um envelhecimento difícil, com perspectivas nada promissoras relacionadas a doenças, sem apoio familiar, depressão e queda do desempenho sexual, nada se assemelha à realidade deste público na atualidade. Os “coroas” focam mais nas questões positivas que essa fase pode proporcionar, aproveitam o máximo as oportunidades, estão mais abertos a se redescobrirem e cuidar do seu corpo.

A gerontologia tem sido fundamental para a desconstrução dos mitos que cercam a vida sexual dos idosos, procurando mostrar a importância do indivíduo no cuidado com sua saúde física, mental e emocional, tendo em vista seu reconhecimento e inserção social. As explicações a respeito do declínio sexual dessa fase vão além das conclusões biológicas, ao levar em consideração que as questões psicológicas têm tanta influência no corpo do indivíduo quanto as questões orgânicas, fato este que evidencia a necessidade de intervenções terapêuticas.

Todavia, os possíveis resultados positivos que poderão ser alcançados por intermédio das intervenções terapêuticas, para uma vida sexual saudável na velhice, estão diretamente relacionados aos cuidados que a fase do envelhecimento exige, estando entre estes a prevenção de doenças; cuidados com condicionamento físico; preocupação com o seu desenvolvimento intelectual; e, principalmente, investimento ativo na sua própria existência.



**A velhice dos homossexuais tem sido considerada por muitos como uma das fases mais ativas na vida desses homens.**

**Artigo 4**

Revisão bibliográfica da publicação sobre o envelhecimento:  
“Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento”

A maturidade pode vir acompanhada de sentimentos ambíguos, alguns até desconhecidos pelo próprio sujeito. As mudanças não são apenas físicas e o idoso poderá se dar conta de que, para um desenvolvimento emocional saudável, será necessário ajustar alguns valores e crenças cristalizados no decorrer de sua vida.

Os homens homossexuais maduros relatam que quando são mais jovens há uma necessidade intensa de viver o presente. Diferentemente dos heterossexuais, que concentram suas expectativas em constituir uma família, para a maior parte desses homens gays o importante é viver o presente, principalmente no que se refere à realização do desejo sexual. Esses homens descrevem que, quando atingem certo nível de maturidade, esse intenso desejo sexual costuma diminuir, até mesmo em função de outras preocupações relacionadas à velhice, possibilitando até uma reedição da realização do prazer, que pode estar além do ato sexual.

Como a percepção em relação ao próprio corpo torna-se mais evidente, há investimento relacionado à estética corporal, seja por meio de cirurgias ou cuidados com a saúde e as vestimentas. A preocupação com as atitudes adotadas e com a imagem busca reforçar as características masculinas, uma vez que não desejam ser ridicularizados. A respeito da escolha de parceiros, é comum que os homens gays maduros passem a se relacionar com homens mais jovens que eles, com a diferença de idade variando entre 10 e 30 anos.

O artigo demonstra que, desenvolvendo uma ampliação da consciência, é possível intensificar o conhecimento profundo de si, o que poderá ajudar os homens homossexuais a passarem por essa fase, considerada por muitos como uma das mais difíceis da vida, de maneira saudável e prazerosa.

**Sexualidade feminina e envelhecimento no mal-estar da cultura contemporânea - Ângela Mucida - 2011**

Nesse artigo se observou que a psicanalista Mucida baseia seus estudos da sexualidade na velhice a partir das concepções teóricas freudianas e lacanianas, discorrendo sobre a construção do feminino e da sua distinção do conceito de mulher. Mucida constrói um paralelo



**A maturidade pode vir acompanhada de sentimentos ambíguos, alguns até desconhecidos pelo próprio sujeito.**

entre os principais pontos abordados por Freud e a contemporaneidade das relações. Destacando que, para Lacan, falta um significante capaz de nomear o sexo feminino e o representante psíquico da falta, elegendo a condição da mulher como portadora do enigma sexual.

Aponta ainda a existência das questões sobre a sexualidade desde os primórdios da civilização e ressalta a influência dos mitos e das concepções religiosas no saber científico relacionado ao tema, e como em várias citações e personagens históricos a mulher está associada ao pecado, à ruína e ao mal-entendido. Ao mesmo tempo, a mitologia grega associa beleza à feminilidade, e esta à meiguice, à intuição, ao mistério.

Apesar de afirmar que masculinidade e feminilidade não estão restritas a aspectos anatômicos, boa parte da narrativa está baseada nas consequências da menopausa para as mulheres “maduras”. Em sua vivência clínica, percebeu diferença na vivência desse período, porém a maior parte das mulheres que pôde observar faz uma relação direta entre as modificações trazidas pelo envelhecimento e a perda dos atrativos sexuais. Neste ponto discorre sobre a indústria da cirurgia plástica no sentido de ser um recurso de resposta rápida às insatisfações e consequências para a passagem do tempo no corpo. Apresenta também a cultura americana como grande influenciadora dos ideais de beleza, juventude e potencialidade.

Conclui que não existem regras sexuais definitivas, mas regras sociais que conduzem os pensamentos e os comportamentos para cada época e cultura, que uma consciência ampliada proporcionará um autoconhecimento profundo de si, o que poderá ajudar esses indivíduos a passarem por essa fase considerada por muitos como uma das mais difíceis.

#### **Múltiplas faces da violência contra a pessoa idosa - Maria Cecília de Souza Minayo - 2014**

O artigo apresenta o conceito de violência e as diferentes formas que são direcionadas à pessoa idosa, sua natureza, seus tipos e manifestações existentes. A violência contra a pessoa idosa consiste em ações ou omissões cometidas que prejudicam a integridade física ou emocional do idoso (Organização Mundial da Saúde, 2002). Ela pode acontecer por meio do abuso físico, psicológico, sexual, financeiro, além de abandono, negligência ou autonegligência.

**Artigo 4**

Revisão bibliográfica da publicação sobre o envelhecimento:  
“Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento”

Dentre os de natureza psicológica encontram-se o menosprezo, o desprezo, o preconceito e a discriminação etária. Em relação à violência de natureza sexual, considera-se o ato ou jogo em relações hetero ou homossexuais que usam a vítima para obter excitação sexual, ou práticas eróticas e pornográficas por meio de aliciamento, violência física e ameaças. A maioria das ameaças envolve mulheres com algum comprometimento cognitivo, ou de locomoção. Outra forma de abuso encontrada é o controle da vida sexual dos idosos em instituições, exercido tanto por familiares quanto por funcionários. Neste item o idoso comumente é considerado assexuado, um indivíduo cuja sexualidade é vista como secundária. Uma prática muito encontrada com relação ao exercício deste domínio é a infantilização do idoso, que o induz a omitir suas vontades e desejos.

**Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas - Carlos Eduardo Henning e Guíta Grin Debert - 2015**

O artigo admite a existência de diversas velhices, considerando a influência dos diferentes marcadores sociais, as inter-relações na velhice, gênero e sexualidade. Citando Debert e Brigeiro (2012) que consideram as tendências contemporâneas de investigação sobre a sexualidade a partir do “processo de erotização da velhice”.

Na questão da velhice e das relações de gênero, considera-se que as mulheres experienciam dupla vulnerabilidade, tendo em vista sua condição como mulher e como idosa.

Por um lado, ressaltam-se as perdas na velhice, acentuadas por uma vivência de subempregos, salários baixos e dependência, e por outro lado, numa visão mais otimista, analisa-se que a mulher não vivencia uma ruptura tão drástica com o trabalho, suas relações familiares têm bases mais sólidas e o conjunto de cobranças se torna mais afrouxado, possibilitando uma vivência de maior liberdade.

Um dos aspectos levantados é o da androginia que caracteriza as etapas mais avançadas da vida. Os papéis sociais, os valores e as atitudes, antes considerados mais femininos ou masculinos, tendem a se misturar e apresentar “masculinização das mulheres” e “feminilização dos homens”, promovendo uma junção de comportamentos que podem ser conhecidos como “normalidade unissex da idade avançada”.

Artigo apoia-se em Debert e Brigeiro (2012) que estabelecem a relação entre gênero e “processo erotizador da velhice”, no qual se parte do princípio de que na velhice o anseio erótico é arrefecido ou nulo para um processo de inclusão na vida sexual praticamente obrigatório. Parte-se da ideia da sexualidade vista como transgressão e subversão às convenções para uma direção que atrela o erotismo a qualidade de vida, cuidado com o corpo e com a saúde, tendo como grande consequência o fortalecimento do ego.

Segundo os autores, gerontólogos e sexólogos defendem maior complexidade da exploração sexual na velhice masculina, reconhecendo características do universo erótico feminino que ampliam as possibilidades de prazer difuso e não somente focado na penetração e no prazer genital. Já para o estudo da sexualidade feminina, o artigo considera a maior liberação dos códigos morais restritivos que podem ter acompanhado a vivência feminina durante suas outras fases de vida. Considera que, para melhor compreensão das questões da sexualidade e do envelhecimento, é preciso enfrentar: questões relativas ao senso comum, a força de mercado da indústria farmacêutica e as próprias pessoas velhas e seu entendimento da associação de sexo com obrigações.

A maior parte da literatura que estuda a erotização no processo de envelhecimento considera apenas o viés heteronormativo. A relação “velhice” e “homossexualidade” mostra-se praticamente impossível de ser feita. Atribuem-se a isso as ideias advindas do senso comum, que vinculam a velhice à ausência de vida sexual e passam a ideia de que o comportamento de homossexuais está pautado na promiscuidade e na vida sexual abundante.

Ressaltam-se ainda os aspectos políticos que os idosos LGBT sofrem como discriminação de um movimento que eles mesmos ajudaram a criar e fortalecer junto aos movimentos de liberação gay. Apresenta-se também a necessidade de políticas públicas que assistam velhos e velhas da comunidade LGBT, uma vez que estes tendem a ficar mais sozinhos na velhice por não terem tido filhos e também por, na sua grande maioria, terem rompido com as famílias de origem.

**Artigo 4**

Revisão bibliográfica da publicação sobre o envelhecimento:  
“Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento”

Ano	Título Artigo	Autor e Formação	Gênero	Preconceito	Relação com Saúde	Repressão	Conceito
1996	<b>Sexualidade da Mulher na Maturidade</b>	<b>Stella Pupo Nogueira</b> Psicóloga	Feminino	A ridicularização da sexualidade dos idosos	Sexualidade relacionada com maternidade	A valorização dos papéis sociais	Libido, impulso, força da vida, energia
1996	<b>A importância do Corpo na Terceira Idade</b>	<b>Regina Favre</b> Psicoterapeuta Corporal	Geral; Feminino	A menopausa associada a perda	Mudanças corporais são inevitáveis; Menopausa”	Maior dificuldade da mulher em envelhecer	Corpo contínuo e expressivo
1999	<b>Por uma Pedagogia do Adequado Envelhecimento</b>	<b>Marcelo Antonio Salgado</b> Assistente Social	Geral; Feminino	A relação com fragilidade física e competência reprodutiva	-	Maior sofrimento das mulheres	-
1999	<b>Terceira Idade e Relacionamento de Gerações</b>	<b>Maria Aparecida Ribeiro</b> Economista Doméstica	Geral	Não é possível atividade sexual na velhice	Relaciona padrões culturais com depressão	-	Relaciona vida ativa com presença de vida sexual
1999	<b>Barreiras à Integração Social do Idoso</b>	<b>José Ramos Queiroz</b> Médico Geriatra	Homens e Mulheres	Aspectos sociais como impedimento da vida sexual; O tabu da inexistência da sexualidade	Alterações corporais; Declínio do aparelho reprodutor; Menopausa e andropausa	-	Existência de libido
2003	<b>Dançando com a Terceira Idade</b>	<b>Adriano Volnei Zago e Aline Soares Silva</b> Cientista Social	Masculino e Feminino; Relações heterossexuais	Preconceito e constrangimento dos pesquisadores ao falar sobre sexo	Busca de atividade para vencer depressão e doenças	-	Sexo como prazer e liberação de tensão
2009	<b>Sexualidade e Amor no Homem Idoso</b>	<b>Ângela Mucida</b> Doutora em Psicologia e Psicanalista	Homens e Mulheres	Velhice tratada como tabu e sinônimo de fracasso	Impotência erétil; Medicamentos	-	Crença de que há um sujeito que não envelhece; Visão psicanalítica
2011	<b>Corpo e Sexualidade nas Experiências de Envelhecimento de Homens Gays em São Paulo</b>	<b>Julio Assis Simões</b> Mestre em Antropologia e Doutor em Ciências Sociais	Homossexualidade	Disposição para se “redescobrirem” e cuidar no novo corpo	Foco na prevenção de doenças	-	Realização do desejo sexual
2011	<b>Sexualidade Feminina e Envelhecimento no Mal Estar da Cultura Contemporânea</b>	<b>Ângela Mucida</b> Doutora em Psicologia e Psicanalista	Feminino	Perda dos atributos sexuais	Menopausa		Visão psicanalítica e lacanianiana
2014	<b>A importância do Toque nas Atividades Físicas para a Terceira Idade</b>	<b>Laura Machado Silva</b> Educação Física	Geral	Dificuldade de relacionamento sem direito a vida plena e alegria	Mudanças nas terminações nervosas	Sistemas rígidos de educação	Conceitos religiosos”
2014	<b>Múltiplas Faces da Violência Contra a Pessoa Idosa</b>	<b>Maria Cecília de Souza Minayo</b> Doutora em Saúde Pública	Relações hétero e homossexuais	Vítimas vulneráveis; Idoso como assexuado	-	Infantilização	Violência e abuso sexual e psicológico
2015	<b>Velhice, Gênero e Secualidade: Revisando Debates e Apresentando Tendências Contemporâneas</b>	<b>Carlos Eduardo Henning</b> Mestre em Antropologia Social e Doutor em Antropologia Social <b>Guíta Grin Debert</b> Mestre em Ciência Política e Doutora em Ciência Política	Mulheres, homens e homossexualidade	Androginia; Anseio erótico arrefecido; Ausência de vida sexual	Aumento de cuidados com o corpo e a saúde; Indústria farmacêutica	Heteronormatividade para os homossexuais	Erotização da velhice; Fortalecimento do ego

## Resultados e análise

Os artigos analisados trataram a sexualidade na velhice como tema central ou como aspecto componente de outras temáticas. Na análise da tabela foi considerado apenas o que cada autor citou em relação ao assunto da sexualidade na velhice.

Apesar de a publicação ter sido sistematizada em 1977, foi somente em 1994 que apresentou o primeiro artigo relativo ao comportamento sexual na velhice. Notou-se uma periodicidade irregular, tendo sido os anos de 1999 e 2014 os mais expressivos na publicação de mais de um artigo sobre o assunto.

Entre as informações que dizem respeito às questões de gênero, cinco artigos referem-se a heterossexualidade e homossexualidade, cinco citam a palavra “feminino” e apenas um, a palavra “masculino”, e a referência a homens e mulheres aparece em três desses artigos.

As abordagens sobre preconceito e sexualidade na velhice aparecem nos artigos, por vezes, como uma posição não declarada, ou como um fator importante e determinante para a vivência dessa sexualidade. Tais preconceitos se evidenciam por meio das crenças de que é natural que ao envelhecer a capacidade sexual e o desejo sejam diminuídos; de que não há permissão social para a vivência plena da sexualidade na velhice; e no predomínio do entendimento de que o sexo tem função reprodutiva e, pela lógica, não seria uma necessidade do indivíduo ao envelhecer.

Os artigos destacam também que as principais relações envolvendo sexualidade seriam a capacidade reprodutora ou a função biológica do sexo, e também a perda de funções biológicas na velhice, como, por exemplo: a fase da menopausa ou andropausa, a depressão e os efeitos de medicamentos tanto para auxiliar na vida sexual quanto para o controle de doenças crônicas.

Foi possível levantar alguns pontos de ancoragem para entendimento dos fatores que são atribuídos como repressão ao exercício da vida sexual do idoso. Neste sentido, pode-se ressaltar que existe repressão desde a infância; há uma diferenciação e valorização dos papéis sociais; se considera uma maior dificuldade no envelhecimento feminino, que sempre sofreu maior repressão de seus desejos; se leva em conta a infantilização no trato com o idoso; os sistemas rígidos de educação e os conceitos religiosos, e a heteronormatividade, determinam os padrões de vida para os homossexuais.

### Legenda Tabela

**Autor e formação:** Formação acadêmica e/ou profissional.

**Gênero:** Como os autores fizeram referências quanto à forma de expressão de gêneros.

**Preconceito:** Como foi percebida a relação do preconceito com a sexualidade e a velhice, tanto mencionado na pesquisa quanto na atitude do pesquisador.

**Relação com saúde:** O modo pelo qual os artigos relacionaram a sexualidade na velhice com questões médicas e de saúde.

**Repressão:** Menções sobre a repressão da sexualidade no envelhecimento.

**Conceito:** Como o conceito da sexualidade aparece nos artigos.

**Artigo 4**

Revisão bibliográfica da publicação sobre o envelhecimento:  
“Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento”



**Muitas das questões relacionadas às perdas que acontecem nessa etapa da vida são percebidas como impedimentos e barreiras para a vivência do desejo, tendo em vista que um dos conceitos ligados à sexualidade se limita ao ato sexual e às relações genitais, desconsiderando que o desejo e a libido não têm idade, uma vez que, de acordo com a psicanálise, a libido está presente desde a infância até a velhice.**

Os autores dos artigos em questão fundamentaram seus conceitos sobre sexualidade considerando os seguintes temas: a existência da libido (cinco artigos); tendo como princípio a psicanálise (três artigos); relacionando-os com a existência de uma vida ativa (um artigo); a violência e o abuso sexual e psicológico (um artigo).

**Conclusão**

Os artigos da revista “Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento” apontam para um grande interesse sobre o tema da sexualidade na velhice, por intermédio de diversas abordagens em relação ao assunto, mas ao mesmo tempo percebe-se uma dificuldade em estabelecer vinculação mais natural entre a sexualidade e o idoso. Nota-se que o primeiro artigo a falar a respeito do tema na publicação estudada só foi apresentado nos anos de 1990, reforçando a dificuldade de abertura desse tema.

Muitas das questões relacionadas às perdas que acontecem nessa etapa da vida são percebidas como impedimentos e barreiras para a vivência do desejo, tendo em vista que um dos conceitos ligados à sexualidade se limita ao ato sexual e às relações genitais, desconsiderando que o desejo e a libido não têm idade, uma vez que, de acordo com a psicanálise, a libido está presente desde a infância até a velhice.

Percebeu-se que o preconceito aparece em todos os campos abordados como: saúde, corpo, lazer, papéis sociais representados tanto pelo homem como pela mulher, nas influências das relações familiares e na homossexualidade. Esses artigos indicaram fortemente a tendência de adotar as exigências dos padrões de beleza e juventude determinados socialmente, fazendo com que os idosos tenham uma visão restrita sobre a sexualidade nessa fase.

Referente ao tema da homossexualidade dos idosos, percebeu-se maior atenção aos estudos do gênero masculino, nos quais há uma tendência maior em viver essa fase com mais liberdade e plenitude. Em contrapartida, a homossexualidade feminina na velhice não foi mencionada em nenhum dos artigos estudados.

As questões relativas ao envelhecimento feminino aparecem principalmente relacionadas à questão da capacidade reprodutiva, fato este que é retratado, em relação aos homens, mediante a possibilidade do uso de medicamentos. O envelhecimento feminino é comumente marcado pela chegada da menopausa, ao passo que a andropausa não representa a marcação masculina para a entrada na velhice do homem idoso.

Nota-se que, na atualidade, este assunto ainda é cercado de preconceitos e tabus, apesar de as discussões terem avançado significativamente, indicando a dificuldade em reconhecer esse momento da vida. A ideia do envelhecimento ainda está associada às perdas e incapacidades, o que limita muito a expressão do desejo. Há ainda quem considere a inexistência do desejo, o que reforça os estereótipos construídos em torno do velho, referindo-se a este como: incapaz, assexuado, dependente, intransigente, conservador, além de se associar a infantilização como algo próprio desse estágio.

A sexualidade é vivida de acordo com as culturas e as regras sociais de cada época, que, por sua vez, determinam o que é aceitável, o que é tabu, o que deve ser reprimido e o que deve ser vivido. ↻

**Artigo 4**

Revisão bibliográfica da publicação sobre o envelhecimento:  
“Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento”

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- MUCIDA, A. *O sujeito não envelhece*: psicanálise e velhice. Rio de Janeiro: Autêntica, 2006.
- GARCIA-ROZA, L. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- VASCONCELOS, Naumi Antonio. Comportamentos sexuais alternativos do jovem e do velho. *A Terceira Idade – Estudos sobre envelhecimento*, São Paulo: Serviço Social do Comércio, v. 5, n. 8, p. 46-50, jun. 1994. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/538-OPINIAO+DE+IDOSOS+ACERCA+DA+VELHICE>>. Acesso em: ago. 2016.
- NOGUEIRA, Stella Pupo. Sexualidade da mulher na maturidade. *A Terceira Idade – Estudos sobre envelhecimento*, São Paulo: Serviço Social do Comércio, v. 7, n. 11, p. 13-21, mar. 1996. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/541-A+MULHER+NA+MEIAIDADE+VERDADES+E+REPRESENTACOES>>. Acesso em: ago. 2016.
- FAVRE, Regina. A importância do corpo na terceira idade. *A Terceira Idade – Estudos sobre envelhecimento*, São Paulo: Serviço Social do Comércio, v. 7, n. 11, p. 45-49, mar. 1996. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/541-A+MULHER+NA+MEIAIDADE+VERDADES+E+REPRESENTACOES>>. Acesso em: ago. 2016.
- SALGADO, Marcelo Antonio. Por uma pedagogia do adequado envelhecimento. *A Terceira Idade – Estudos sobre envelhecimento*, São Paulo: Serviço Social do Comércio, v. 10, n. 16, p. 13-20, mai. 1999. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/546-A+IDEIA+DO+TEMPO+E+O+ENVELHECIMENTO>>. Acesso em: ago. 2016.
- RIBEIRO, Maria Aparecida. Terceira idade, família e relacionamento de gerações. *A Terceira Idade – Estudos sobre envelhecimento*, São Paulo: Serviço Social do Comércio, v. 10, n. 16, p. 47-52, mai. 1999. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/546-A+IDEIA+DO+TEMPO+E+O+ENVELHECIMENTO>>. Acesso em: ago. 2016.
- QUEIROZ, José Ramos. Barreiras à integração social do idoso. *A Terceira Idade – Estudos sobre envelhecimento*, São Paulo: Serviço Social do Comércio, v. 10, n. 18, p. 45-57, dez. 1999. Disponível em: <<http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/547-ASPECTOS+PSICOLOGICOS+DA+DOR+CRONICA>>. Acesso em: ago. 2016.
- ZAGO, Adriano Volnei; SILVA, Aline Soares. Dançando com a terceira idade. *A Terceira Idade – Estudos sobre envelhecimento*, São Paulo: Serviço Social do Comércio, v. 14, n. 28, p. 55-72, set. 2003. Disponível em: <<http://>

[www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/569\\_A+NOVIDADE+NA+AGENDA+SOCIAL+CONTEMPORANEA+INCLUSAO+DO+CIDADAODE+MAIS+IDADE](http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/569_A+NOVIDADE+NA+AGENDA+SOCIAL+CONTEMPORANEA+INCLUSAO+DO+CIDADAODE+MAIS+IDADE)>. Acesso em: ago. 2016.

SILVA, Laura Machado da. A importância do toque nas atividades físicas para a terceira idade. *A Terceira Idade – Estudos sobre envelhecimento*, São Paulo: Serviço Social do Comércio, v. 15, n. 30, p. 65-81, mai. 2004. Disponível em: <[http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/565\\_ESTATUTO+DO+IDOSO+CONSTITUICAO+E+CODIGO+CIVIL+A+TERCEIRA+IDADE+NAS+ALTERNATIVAS+DA+LEI](http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/565_ESTATUTO+DO+IDOSO+CONSTITUICAO+E+CODIGO+CIVIL+A+TERCEIRA+IDADE+NAS+ALTERNATIVAS+DA+LEI)>. Acesso em: ago. 2016.

MUCIDA, Ângela. Sexualidade e amor no homem idoso. *A Terceira Idade – Estudos sobre envelhecimento*, São Paulo: Serviço Social do Comércio, v. 20, n. 46, p. 48-61, out. 2009. Disponível em: <[http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/587\\_SEMINARIO+ENVELHECIMENTO+MASCULINO](http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/587_SEMINARIO+ENVELHECIMENTO+MASCULINO)>. Acesso em: ago. 2016.

SIMÕES, Júlio Assis. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. *A Terceira Idade – Estudos sobre envelhecimento*, São Paulo: Serviço Social do Comércio, v. 22, n. 51, p. 7-19, jul. 2011. Disponível em: <[http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/423\\_ESTUDOS+SOBRE+ENVELHECIMENTO](http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/423_ESTUDOS+SOBRE+ENVELHECIMENTO)>. Acesso em: ago. 2016.

MUCIDA, Ângela. Sexualidade feminina e envelhecimento no mal-estar da cultura contemporânea. *A Terceira Idade – Estudos sobre envelhecimento*, São Paulo: Serviço Social do Comércio, v. 22, n. 52, p. 7-20, nov. 2011. Disponível em: <[http://www.sescsp.org.br/online/artigo/6436\\_O+ENVELHECIMENTO+FEMININO+EM+NOSSA+CULTURA](http://www.sescsp.org.br/online/artigo/6436_O+ENVELHECIMENTO+FEMININO+EM+NOSSA+CULTURA)>. Acesso em: ago. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Múltiplas faces da violência contra a pessoa idosa. *Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento*, São Paulo: Serviço Social do Comércio, v. 25, n. 60, p. 10-27, jul. 2014. Disponível em: <[http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/561\\_MULTIPLAS+FACES+DA+VIOLENCIA+CONTRA+A+PESSOA+IDOSA](http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/561_MULTIPLAS+FACES+DA+VIOLENCIA+CONTRA+A+PESSOA+IDOSA)>. Acesso em: ago. 2016.

HENNING, Carlos Eduardo; DEBERT, Guita G. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. *Mais 60 – Estudos sobre envelhecimento*, São Paulo: Serviço Social do Comércio, v. 26, n. 63, p. 8-31, dez. 2015. Disponível em: <[http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/627\\_VELHICE+GENERO+E+SEXUALIDADE](http://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/627_VELHICE+GENERO+E+SEXUALIDADE)>. Acesso em: ago. 2016.



**ENTREVISTA**

**SHOKO SUZUKI**

88 anos, ceramista

“O barro é vida...  
e pode ser espírito,  
também!”



Shoko Suzuki, com seus gestos simples e tranquilos, forte sotaque japonês, leva a conversa suavemente para onde deseja. Acompanhada de Ivone Shirahata, sua discípula de desde 2004, Shoko quis falar, principalmente, do *sentir* na criação de suas obras. No encontro, contou como um documentário com imagens da recém-inaugurada Brasília foi o sinal para que decidisse viver no Brasil, no início da década de 60.



**RAIO-X**

**Shoko Suzuki**

88 anos, Japão.

**Ocupação:**  
Ceramista



**A ceramista Shoko Suzuki, em sua casa durante a entrevista**

FOTOS: ALEXANDRE NUNIS

**MAIS 60** Shoko você comentou que quando viu a reportagem sobre Brasília decidiu que era esse lugar que procurava há muito tempo para viver e trabalhar. Contou que a sua intenção era começar uma nova vida, fazendo cerâmica em terras brasileiras e carregava uma dúvida. Sobre o que eram essas dúvidas?

**SHOKO SUZUKI** Sobre o valor humano. Desde que presenciei a guerra, comecei a questionar sobre esse tema e isso me fez iniciar uma caminhada para entender esse aspecto da vida. Houve um momento marcante, um bombardeio. Depois daquele bombardeio, fugimos todos e chegamos a um lugar que não fora atingido pelo fogo. Havia uma casa, estava perfeita e os moradores ofereciam lugar para os desabrigados dormirem. Dormi no chão, havia muita gente abrigada lá. Naquela noite dormi no chão. No dia seguinte, quis ver minha casa. Já não havia fogo forte e ali vi um senhor cavoucando uma coisa, desenterrando objetos. Era algo brilhante, era cerâmica e ali senti “\_ah! é vida” e foi uma sensação muito boa. Só isso, isso que tive a vida inteira, fundamentava a mim. O barro é vida... e pode ser espírito, também! Eu senti, senti apenas, não é nada de teoria. Só a vida brilhou naquele momento. Só isso.

**Foi isso que a levou a tornar-se aprendiz de ceramista?**

Sim, mas só agora entendi, aos oitenta e oito anos, entendi. Em minha vida tenho feito descobrimentos dessa maneira. Eu não queria ir à escola. Quando me vi com o barro na minha mão, sentindo calor, escolhi esse caminho.

**Foi à procura do que fez sentido para você.**

Sim, mas, em Tóquio, onde nasci, não havia quase nada de ceramista. Por que era mais urbanizada. Mas, tive um professor que dava aula na escola da cidade. De dia eu trabalhava e toda noite – até quase madrugada -, eu trabalhava no ateliê do professor.

**Foi um percurso de conhecimento compartilhado com mestres. Parece que não era comum ter mulheres ceramistas Japão, era um ofício de homens?**

Era muito difícil ter mulheres, naquele tempo. Lembro apenas de quatro, que conheci.



**“Sobre o valor humano. Desde que presenciei a guerra, comecei a questionar sobre esse tema e isso me fez iniciar uma caminhada para entender esse aspecto da vida.”**

**Bem, você trouxe ao Brasil conhecimentos milenares da cerâmica.**

Vim para o Brasil trazendo tudo o que aprendi no Japão, inclusive o projeto do forno Noborigama<sup>1</sup>, que um amigo ceramista fez especialmente para mim. Hoje mesmo, senti uma coisa que não sei dizer, vendo essas peças que fiz, agora, eu acho bonito. Acho que cheguei ao que queria.

**Foram aprendizados importantes.**

Sim, foi muito bom... esse é meu trabalho. Não fiz faculdade, escola de arte, nada. Eu não fiz nada, apenas fui olhando, descobrindo... insistentemente e sentindo!

**Shoko, percebemos em sua fala essa força viva e pulsante. Você se encontrou com a cerâmica como uma forma de vida. Força, energia, movimento.**

Sim, algo me chamou.

**Sim, e está em você hoje.**

Sim, a mesma coisa.

**Aqui no Brasil, você desejou ensinar?**

Não, eu não gosto de dar aula, não sou professora, não tenho jeito...

**Se não é professora e nem mestre, como você se denomina, diante das ceramistas com quem você compartilha seu conhecimento, a Ivone<sup>2</sup> por exemplo?**

Ah! mas ela já tinha quinze, dezesseis anos de experiência, comigo, só passei sobre esse torno manual ((risos))

**Você está sendo generosa dizendo que sua discípula veio pronta ((risos)). E você, Ivone, o que acha?**

**IVONE SHIRABATA** Entendo que muito além da técnica de tornear, utilizando esse torno milenar - que só Shoko sabe fazer aqui no Brasil -, junto a esse aprendizado, e essa passagem dessa tradição, tem o ensino para a vida. Isso foi fundamental.

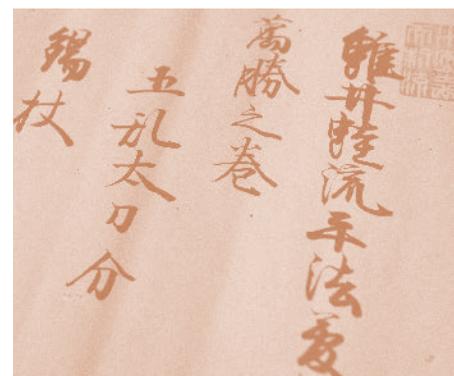
**Para utilizar este torno não basta saber a técnica, não é isso? Há uma questão de ritmo, um ritmo que não é aprendido, mas vivido. Não é saber a velocidade correta e, sim, sentir.**

**IVONE** Exato. É estabelecer o diálogo, uma conversa com a peça, com a argila. Este é um componente importante que nenhuma escola ensina, nem uma universidade. É a alma que você imprime num trabalho, ou melhor, que você consegue passar para um objeto.

<sup>1</sup> Noborigama é um tipo de forno a lenha tradicional japonês, de origem chinesa, utilizado no Japão desde o século XVII. Construído num declive aproveitando a inclinação do terreno, contém várias câmeras interligadas entre si, cada uma num determinado nível. A duração de uma queima em noborigama pode ser de até 35 horas. Por esse motivo é geralmente considerado um trabalho masculino. Disponível em <https://portugalbrasiljapao.wordpress.com/2011/10/04/shoko-suzuki-mestre-ceramista-e-artista/>. Acesso em 1 de maio de 2017.

<sup>2</sup> Ivone Shirabata, discípula de Shoko desde 2004, acompanhou toda nossa conversa no ateliê da ceramista em Cotia. Em 2015, Shoko Suzuki pediu-lhe que se responsabilizasse pela guarda e cuidado com seu acervo de obras que, segundo Ivone, além de importante valor histórico, possui, também, significativo valor sentimental.

“Outra coisa que a Shoko mostra é que nunca foi o objetivo dela se tornar uma grande artista. Não há preocupação com o produto final, mas você se colocar dentro dela.”



Você tem o seu corpo vivendo a construção daquela obra, quase que se transformando naquela peça.

**IVONE** Outra coisa que a Shoko mostra é que nunca foi o objetivo dela se tornar uma grande artista. Não há preocupação com o produto final, mas você se colocar dentro dela. Isso é outro acontecimento que a Shoko sempre menciona, como a obra toca as pessoas. Em vários momentos, ela se confrontou com essa situação, o quanto as obras dela tocam as pessoas. Tocam o coração. E ela se admira, ela se espanta da forma como toca o coração das pessoas.

**SHOKO** Esse que é outro objetivo do trabalho. Será que eu consigo fazer? Será que posso fazer? Sempre duvidando. Será que eu posso? Será que eu consigo?

Essa também é uma força? Quando há muita certeza é como se aquele algo já tivesse dado, estivesse pronto, não estivesse vivo. Na criação da cerâmica, o forno atua como o útero... Isso mesmo...

#### Como se as peças fossem gestadas

**IVONE** Fizemos uma exposição, em 2006, uma retrospectiva de Shoko. Tivemos que pedir emprestadas várias obras de colecionadores da obra de Shoko. Ela, pessoalmente, foi à casa dos colecionadores para pedir emprestado, para buscar as peças. Foi um reencontro, e lembro que na época ela dizia “\_ Parece que estou reencontrando meus filhos”.

**SHOKO** Até fiquei emocionada, sabe por quê? Na casa de um dos colecionadores que tem muitas obras minhas, quando entrei na casa dele, senti alguma coisa estava movimentando, eu ouvi vozes...

### Como as peças te recebendo

É... até sorrindo ((risos)).

Nesse momento, você sente que você atingiu, que criou a obra que deseja?, Está no Brasil desde a década de sessenta -, tinha cerca de 30 anos quando veio para o Brasil - jovem, mas com um percurso anterior. Aprendendo, experimentando. A experimentação, criação dos 30 anos era uma experiência diferente. Seu desejo e sua expressão de que não está pronto, ainda. Você nos disse “\_Agora estou chegando”. Chegando, mostra o movimento.

**IVONE** Está sempre em movimento, não é Shoko? Hoje quando cheguei, ela me mostrou peças que torneou essa semana.

**SHOKO** Sim, consegui tornear esta semana.

**IVONE** Há dois anos, Shoko teve um AVC<sup>3</sup>, em julho de 2015, depois disso ela não torneou mais.

**SHOKO** Não conseguia.

**IVONE** Esta semana ela torneou algumas peças. Ela descobriu outro jeito de tornear. Um recomeço. É um recomeço, mas também é uma continuidade. Ao mesmo tempo em que recomeça – descobrindo outra forma de usar o torno -, continua.

Uma bailarina idosa que nos concedeu uma entrevista<sup>3</sup> disse que vai transformando seus movimentos, procura outras formas. Parecido com sua experiência. Até 2015, você usava o torno de uma maneira, agora, em 2017, descobriu outra forma. Você reputa ao AVC, como oportunidade de descobrir outro jeito de fazer.

Sim, sim. Descobri. Estou programando uma nova instalação ((risos)) emocionante. Acho que vai ser bom

Você não separa sua vida, seu momento, dessa obra que você cria.

A verdade, criando a obra... pensando nisso

Quando pensamos no envelhecimento, não a velhice em si, mas o envelhecimento como um percurso de vida, nos deparamos com essa questão que as coisas não precisam estar sempre da mesma forma. Quando chegamos aos oitenta, setenta, sessenta anos, enfim, não existem apenas perdas. Você, por exemplo, está recriando.

**IVONE** Shoko nunca diz que perdeu.

**SHOKO** Há muita coisa, com a idade, eu preciso acreditar mesmo. Muitas coisas que já não preciso vão embora. Percebo que eu tenho que enfrentar, eu tenho que me acreditar. Acreditar em mim.

<sup>3</sup> Como sequela do AVC, Shoko teve uma diminuição da força nas mãos dificultando e quase que impossibilitando o uso do torno manual.

<sup>3</sup> Dorothy Lerner. Edição 66 – dezembro/2016.

**Mas não foi sempre assim? Quando você tinha quinze, dezesseis anos, quando você foi a procura de um professor? Se não acreditasse em você mesma e não fosse persistente?**

Tem muito significado. Eu nunca pensei, por exemplo, nome, eu nunca pensei em ter um nome. Eu queria e quero fazer bom trabalho, só isso.

**E você tem outros desejos?**

Eu queria ser médica. Para salvar vidas. Meu pai tinha amigos médicos e muitas vezes ele me levava de riquixá. Conhece riquixá?

**Um tipo de um carrinho, para transporte.**

**SHOKO** É. Tão gostoso ((risos)). E eu pensava, eu vou ser médica. Às vezes ele me deixava ir sozinha de riquixá até em casa. ((risos))

**IVONE** Acho impressionante como quando tocamos cada obra de Shoko, você sente a vibração, você sente mesmo. É visceral.

**Essa sua movimentação Shoko, sua fala “\_Eu vou fazer, eu vou tentar fazer, estou experimentando fazer”, esse movimento traz vida.**

**Você sente isso, Shoku?**

Acho que estava sentindo, o tempo todo, esse sentimento. Mais essa imagem do parto, meu forno como um útero. Isso é o principal. Nascimento, futuro, tudo.

**E quando você molda no torno?**

Eu não penso nada ainda, quando moldo no torno, não penso nada, há um branco na minha cabeça, de repente, um momento, pronto, aconteceu. Uma vez, sempre aqui, trabalhando, no torno, não é muito fácil fazer aquilo que eu queria, mas um dia não faço nada, nada, nada, e de repente, ah! isso que é o mundo da gente!



**“Eu nunca pensei, por exemplo, nome, eu nunca pensei em ter um nome. Eu queria e quero fazer bom trabalho, só isso.”**

**“Acho que estava sentindo, o tempo todo, esse sentimento. Mais essa imagem do parto, meu forno como um útero. Isso é o principal. Nascimento, futuro, tudo.”**

**“... quando moldo no torno, não penso nada, há um branco na minha cabeça, de repente, um momento, pronto, aconteceu.”**

**Quando conta que viu um filme sobre a inauguração de Brasília e que foi daí que surgiu a vontade de vir para o Brasil, você consegue identificar algo que estimulou esse desejo?**

**A terra...**

Não, não... Foi o momento. Paixão mesmo. Não tem explicação. Eu vi um novo mundo naquele projeto, naquele monumento. Eu senti, naquele momento, mas não tem explicação, eu senti.

**Algo que estava ligado a um nascimento, também?**

**SHOKO** Pode ser isso, pode ser. Está ligado a alguma coisa, mas eu não sei. Começar do zero.

**IVONE** O que Shoko trouxe na bagagem foram poucas coisas. Objetos, coisas essenciais o que não era essencial ficou lá. Trouxe só o essencial para começar do zero. E começou do zero mesmo. Em termos de moradia, tudo.

**SHOKO** Foi muito bom. O que eu podia fazer, o que eu fiz, essa experiência. Eu tive oportunidade de passar por essa experiência. Quanto à Brasília, eu não tenho explicação. Tive pouco tempo para pensar, e decidi, eu vou!

**SHOKO** É mesmo? ((risos)) Acho que me impressionei com as formas do Niemayer, mas eu não sabia quem era Niemayer ((risos)). Cheguei aluguei uma casinha, bem pequenininha, de pau a pique, em Mauá. Sertão de Mauá, que não existe mais. Muita coisa boa, uma lagoa, trabalhadores, mulheres lavando roupa todo dia naquela água. Nesse tempo, eu vivia descalça e elas também viviam descalças. Aquelas mulheres me ajudaram muito.

**Quando chegou ao Brasil, foi morar direto em Mauá?**

Não, aluguei casinha lá na Vila Olímpia. Depois mudei. Na colônia japonesa, sabendo que eu era ceramista, todo mundo perguntava “\_Mas, o que é cerâmica?” Não sabiam! Ficavam espantadas com meu trabalho.

**A arte impulsionando sua vida.**

**IVONE** É o próprio jeito de Shoko viver. Sempre vendo uma possibilidade de melhora. Isso é algo que Shoko sempre coloca para quem está ao seu lado “\_Vai ficar bom, vai dar certo, estou melhorando”. Um movimento para frente.

**As possibilidades de transformação, de aprender a fazer algo de outro jeito, de outra forma. Deixar de pensar na perda. Pensar na possibilidade. No que pode ser. Grata por nos ter recebido.**

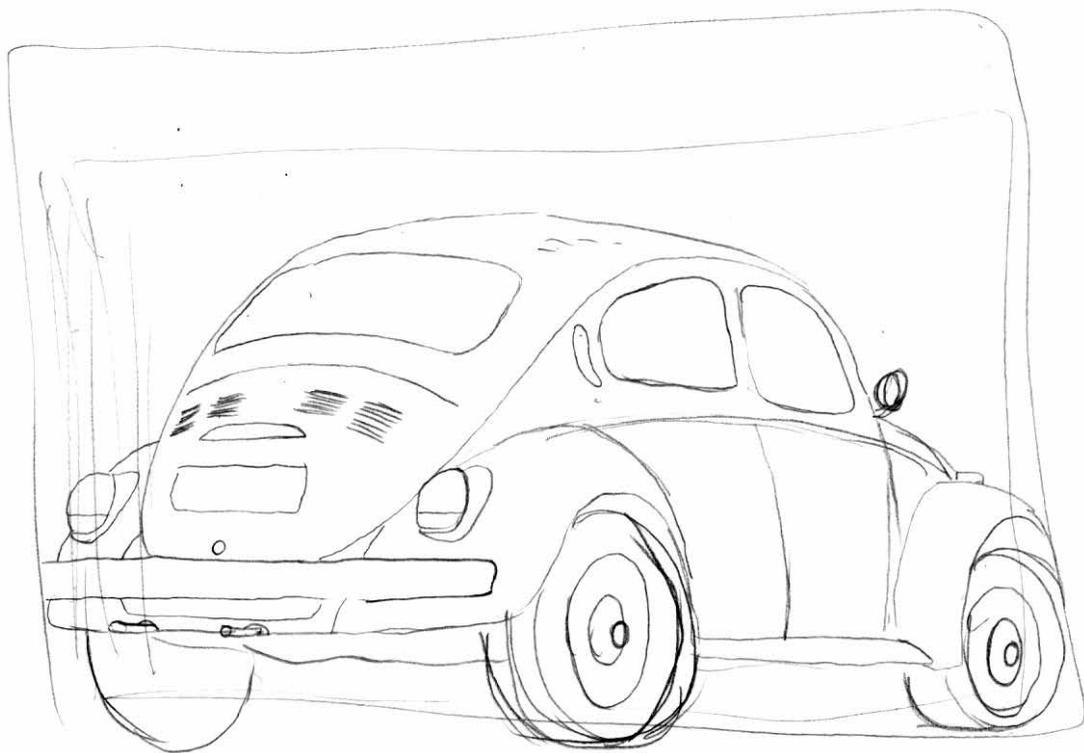
Muito obrigada também.

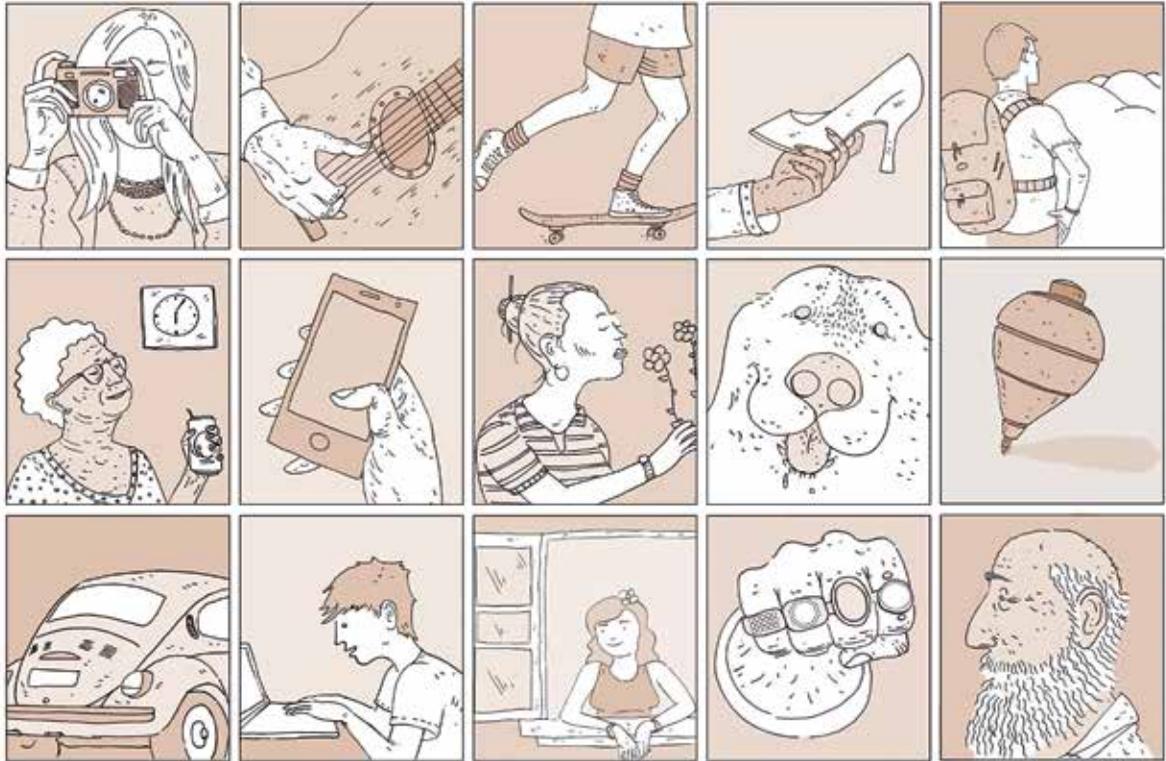


**ILUSTRAÇÃO**

# Memórias

/por Leandro Cortazzo Lobo





## **RAIO-X**

### **Leandro Cortazzo Lobo**

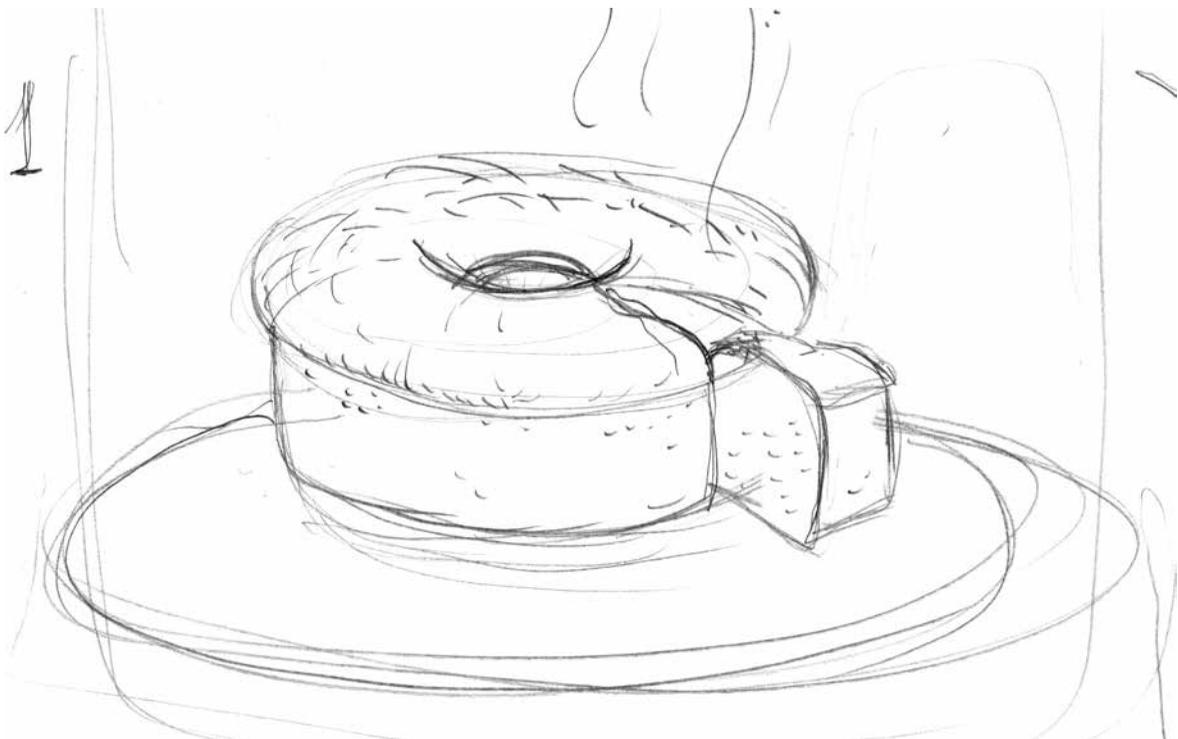
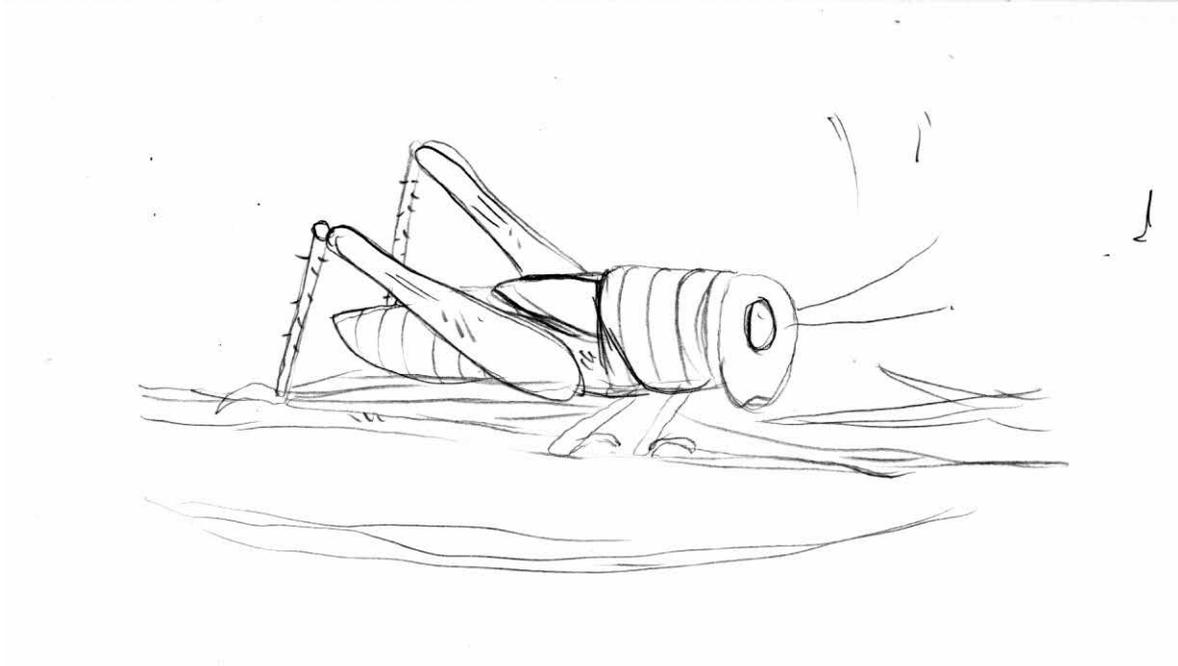
Nasceu em 1985, nascido em São Paulo, criado na pacata Santa Cruz do Rio Pardo

Gradudou-se em Design Gráfico pelo Centro Universitário Senac

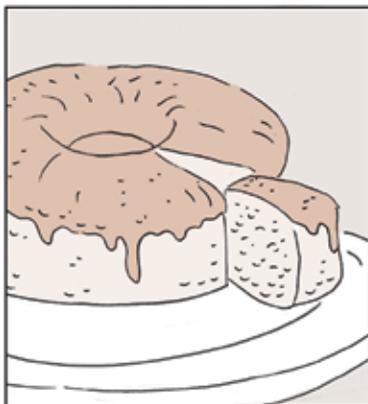
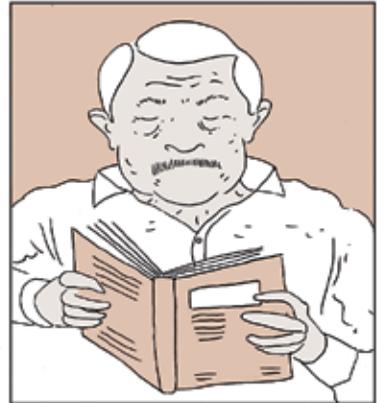
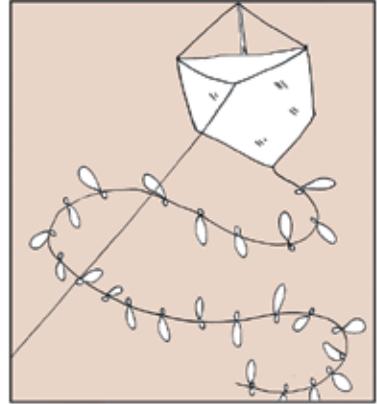
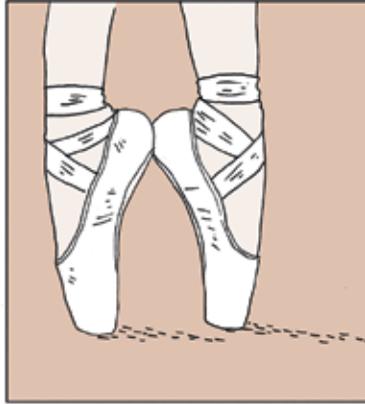
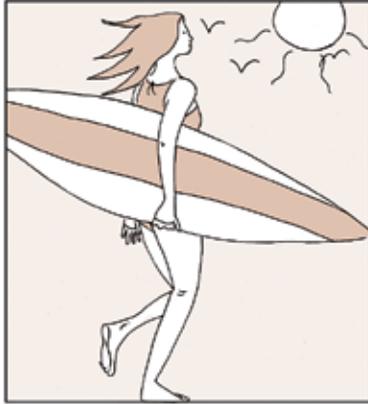
Especializado no setor cultural, atua através do Estúdio Diálogo, escritório multidisciplinar fundado em 2007 com parceiros da faculdade.

Entre seus últimos trabalhos estão o projeto visual do Sesc Jazz & Blues e ilustrações para o festival de rock interiorano, Rock Rio Pardo.











## PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

# Protagonismos

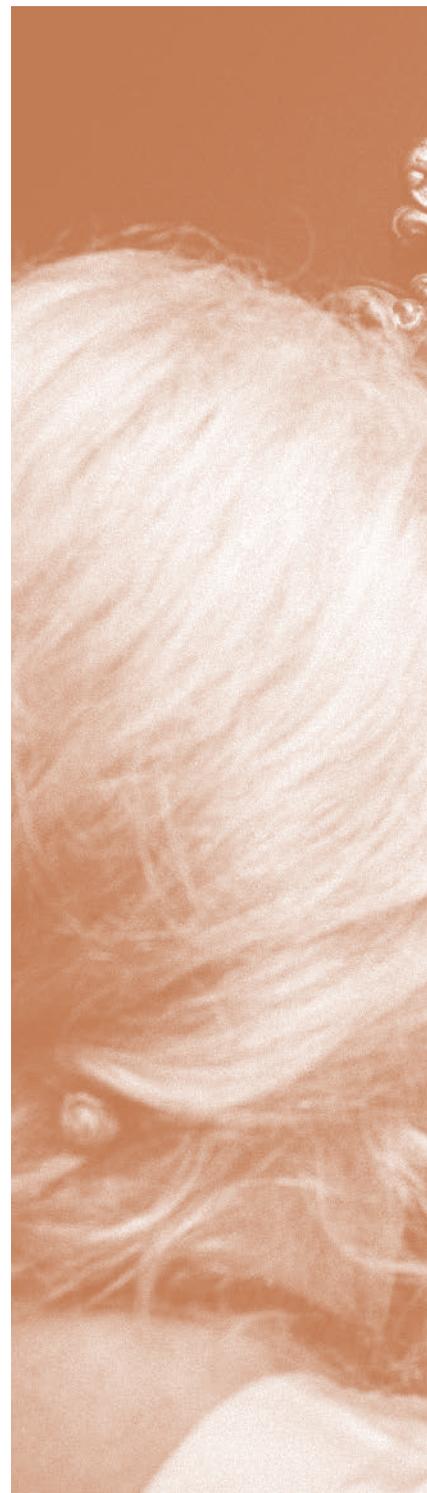
*“Conforme você vai mudando, descobre novas formas de se expressar..”* (Dorothy Lenner)

por Ana Luisa Sirota de Azevedo



A programação artística do Sesc Ipiranga vem propiciando pontes, por meio das ações do Programa Trabalho Social com Idosos valendo-se, principalmente, das diretrizes da transversalidade, da valorização da pessoa idosa e da ampliação do atendimento. Por meio de duas chaves principais: o envolvimento da comunidade presente nas atividades cotidianas da Unidade e evidenciando o protagonismo de artistas idosos nos projetos realizados.

*Wabi Sabi*, ocupação cênica centrada na figura de Dorothy Lenner, bailarina octogenária de origem romena com trajetória que inclui ter atuado ao lado de figuras como Sábato Magaldi, Décio de Almeida Prado e Takao Kusuno. A ocupação, que podia ser visitada como um espaço expositivo, idealizado por Hideki Matsuka e Ricardo Muniz Fernandes, foi ativada por performances protagonizadas por Dorothy, ao lado ainda das dançarinas Beatriz Sano e Júlia Rocha e do compositor, arranjador, bailarino e coreógrafo Ramiro Murillo.





**RAIO-X**

**Ana Luisa Sirota de Azevedo**

Coordenadora de Programação do SESC Ipiranga. Formada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas pela UNESP e especialização em Literatura pela PUC SP

analuisa@ipiranga.  
sescsp.org.br

Partindo deste conceito oriental, que versa sobre adaptabilidade, sobre a descoberta da beleza na imperfeição e a aceitação do ciclo da vida e da morte, pautado por memórias, objetos e a materialização da trajetória de Dorothy, o projeto privilegiou em seu processo aproximar os grupos frequentadores das atividades oferecidas ao público idoso regularmente, criando uma proveitosa interrupção na rotina. Uma destas ações foi a oficina para produção coletiva de um adereço central da performance executada por Dorothy, a releitura de um quimono, extremamente adornado, que entre as performances fazia também parte da exposição dedicada ao projeto.

Durante a oficina, além das trocas que naturalmente acontecem por meio das conversas e da partilha de saberes em torno das habilidades manuais exigidas para a execução do trabalho, soma-se uma visita de Dorothy ao grupo, que permitiu uma efetiva aproximação ao universo da artista e a consolidação do vínculo com o projeto em curso, para além do convite para assistir à performance realizada em sessão extra, no período da tarde, exclusivamente para participantes do Programa Trabalho Social com idosos, concluída com um bate-papo que marcou

o fechamento deste importante ciclo para a programação da Unidade do Sesc Ipiranga.

Mais um exemplo de envolvimento nestas duas chaves de leitura do Programa Trabalho Social com Idosos foi a exposição Universo, da ceramista de origem japonesa Shoko Suzuki. Também octogenária, Shoko não só participou ativamente como coordenou os trabalhos de montagem da delicada exposição que ocupou diversos espaços do Sesc Ipiranga. A exposição teve por objetivo apresentar retrospectiva de seu trabalho e abertura de seu processo criativo. Aqui, as ações voltadas aos idosos foram compostas por oficinas de cerâmica ministrada por uma das alunas e discípulas de Shoko, Ivone Shirahata, além de encontro aberto com a artista.

Segundo Dorothy Lenner, "A arte não tem idade". Ainda em depoimento à equipe do Sesc Ipiranga, Dorothy afirma: "Conforme você vai mudando, descobre novas formas de se expressar e se adapta às circunstâncias". Com as ações aqui compartilhadas, o Sesc pretende não destacar a atuação dos idosos das demais faixas etárias, mas evidenciar que criação e fruição fazem parte de todas as etapas da vida e que são, sobretudo, motivo para se estar junto, dividir leituras e ampliar universos simbólicos. ☺





## RESENHA/FILMES

# Sobre as nossas finitudes.

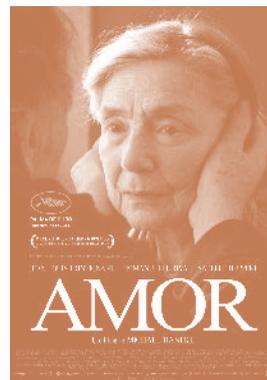
*“a dor e a delícia de ser o que é”*

por Lucy Franco



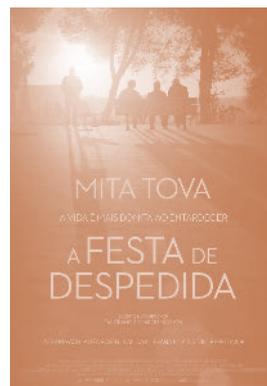
Para refletir sobre as questões que dão sentido à vida e ao mesmo tempo sobre as condições que podem levar um sujeito a desejar acelerar sua morte, vou apresentar alguns aspectos de duas produções cinematográficas que considero significativas sobre o tema.

Trata-se do filme francês *Amor*, de Michael Haneke, e do israelense *A festa de despedida*, de Maymon e Granit, nos quais cada um a seu modo aborda de maneira



### **Amor**

(Fra/Ale/Áustria). 2012.  
Dir. Michael Haneke. Dur. 127min. Drama.



### **A festa de despedida**

(Ale/Israel). 2014.  
Dir. Sharon Maymon e Tal Granit.  
Dur. 95min. Comédia/drama.

### **RAIO-X**

#### **Lucy Franco**

Psicóloga, pós-graduada em Crítica de Cinema pela FAAP, com mestrado em Comunicação Visual pela Universidade Anhembi Morumbi. Atualmente trabalha na área socioeducativa do SESC 24 de Maio.

[lucy@24demaio.sescsp.org.br](mailto:lucy@24demaio.sescsp.org.br)

delicada e singela o tema da eutanásia<sup>1</sup> ou, mais precisamente, os difíceis processos que levam à finitude e o direito de cada um escolher o momento da sua morte para vivê-la de maneira digna.

Então, vamos ao primeiro filme, o sombrio *Amor*, que apresenta a vida de um casal de velhos, de classe média, bastante cultos, casados há muitos anos, que aproveitam a vida, frequentando concertos de música clássica, que adoram.

O convívio entre eles é amoroso, têm uma filha musicista que vive viajando e os visita pouco. Tudo parece tranquilo, até o momento em que a mulher sofre um acidente vascular que deixa graves sequelas no que tange à mobilidade e à fala, comprometendo completamente sua antiga autonomia e a qualidade de vida.

Seu marido passa a cuidar dela, com extrema dedicação e carinho, sem esconder a tristeza profunda por ver sua companheira da vida toda em situação tão delicada e esmorecendo a cada dia. A situação se complica tornando necessária a contratação de uma enfermeira que o auxilie na lida diária dos cuidados com a casa e a mulher.

O público e os personagens vão sendo tomados por um clima de nostalgia, de algo que se perdeu nessa trajetória, talvez o próprio sentido da vida. O que se renuncia, então, é a grande solidão que marca esse período da vida do casal, a filha não suporta ver a mãe naquele estado, mal consegue

visitá-la e, quando o faz, preocupa-se apenas com o futuro econômico da família e critica o tratamento dedicado à mãe, pois considera que ela deveria receber cuidados especializados em uma clínica, ideia essa totalmente refutada por seu pai.

O filme prossegue, demonstrando a coragem e o sofrimento do casal que a cada dia se depara com a decrepitude crescente e a impotência em reverter uma situação que só se agrava; a mulher sente-se envergonhada e humilhada por se ver presa numa relação de dependência do companheiro e da enfermeira.

Nesse momento há uma cena emblemática, quando ela pede ao marido que pegue o álbum de fotografias, pois gostaria de rever algumas situações da história familiar passada. O que ela procura afinal, senão cenas que provavelmente foram muito significativas e que permitem rememorar, pelo menos por um instante, o prazer de ter construído experiências importantes junto aos seus?

Ao longo do filme, a situação torna-se ainda mais sombria, o sentimento é de limite e impotência, a mulher continua acamada, pronunciando repetidamente a palavra “dói”, ao que o marido prontamente responde, oferecendo seu carinho e cuidado.

Mas, nessa situação, valeria a pena perguntar o que de fato dói tão insistentemente? Para além da dor física, parece machucar ainda mais a ausência de sentido, a consciência dos limites impostos pela doença, a característica irreversível da situação e, por que não dizer, a imposição contundente da própria finitude.

Então, nesse clima de sofrimento, ao se confrontar com o “sem-sentido” do sofrimento da esposa que continua a gritar exaustivamente “dói, dói, dói”, o velho decide intervir na situação com o propósito de diminuir o sofrimento da companheira, deixá-la descansar em paz e encerrar sua trajetória dignamente.

<sup>1</sup> Segundo o professor de filosofia Faustino Vaz, no artigo *O problema ético da eutanásia*: “O termo ‘eutanásia’ significa literalmente ‘morte boa’ ou ‘morte feliz’. É verdade que os casos reais envolvem dor e angústia. Mas o significado literal do termo capta um importante aspecto da eutanásia: a morte que dela resulta é para benefício do paciente. Podemos então dizer que a eutanásia consiste em produzir ou acelerar intencionalmente a morte de alguém para seu benefício. Parece haver uma diferença entre produzir e acelerar. Produzir, neste caso, implica matar; acelerar implica deixar morrer”. Disponível em: <<http://criticanarede.com/eticaeutanasia.html>>. Acesso em: 4 jul. 2009.



## **Um luto que provavelmente ressignificará toda uma vida em comum, redimensionando a questão da morte e do processo de morrer.**

Para isso, depois de lhe contar uma breve história sobre seu passado longínquo, joga o travesseiro sobre ela e com o peso do próprio corpo provoca sua morte por asfixia.

A mulher resiste por alguns segundos, trata-se de uma atitude repentina, violenta, dura e quase cruel, que, no entanto, revela-se libertadora para ambos, na medida em que põe fim ao sofrimento e marca o início do luto definitivo pela perda da companheira e, sobretudo, pelo fim de um convívio que atribuía forte sentido à sua existência. Um luto que provavelmente ressignificará toda uma vida em comum, redimensionando a questão da morte e do processo de morrer.

Uma das cenas finais traduz generosamente com uma bela metáfora a atitude do velho em relação à esposa: trata-se do momento em que uma pomba adentra o apartamento e ele a aprisiona com um cobertor, acariciando lentamente a ave, libertando-a em seguida no jardim. Impossível não associar que, ao asfixiar a mulher, ele também procurou libertá-la da prisão na qual estava encarcerada e sem nenhuma perspectiva de saída.

Nesse caso, ao interromper uma situação trágica e irreversível o personagem retoma as rédeas da sua própria história ao respeitar e reconhecer a legitimidade de uma morte digna para alguém que ele tanto amou ao longo da vida.

Já no filme *A festa de despedida* o tema da eutanásia<sup>2</sup> também é tratado de maneira séria e relevante pelas problematizações que propõe, mas mantém um clima mais leve em sua abordagem.

Trata-se de um grupo de bons e velhos amigos bastante divertidos, que convivem em um residencial para idosos em Jerusalém, e se deparam com as doenças que acometem gradativamente cada um deles.

Sendo assim, o grupo de idosos passa a questionar o sentido da vida, do ponto de vista de quem acredita estar chegando ao fim dela, principalmente quando isso inclui ter de enfrentar doenças degenerativas que muitas vezes colocam os pacientes em situação de descontrole, humilhação e vergonha.

Os personagens passam a assistir ao sofrimento crescente daqueles com quem compartilharam boas histórias e que participaram ativamente de momentos importantes de suas vidas, o que se caracteriza como uma dor sem precedentes,

2 Sugiro a leitura do artigo publicado no jornal El País – Caderno Ciência. “Eutanásia: Quem decide como devemos morrer?”, de Milagro Perez Oliva. Edição: 1 de abril de 2017. 19h24 BRT. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/31/ciencia/1490960180\\_147265.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/31/ciencia/1490960180_147265.html)>.

pois significa presenciar a debilidade e a perda gradativa da autonomia que era essencial para garantir a qualidade de vida desses sujeitos, na qualidade de seres desejantes.

Morrer é inevitável, nossa única certeza ao longo da vida, mas padecer lentamente numa cama de hospital não é fácil, envolve dor, consciência das inúmeras perdas e o enorme sentimento de impotência, além da vontade de acelerar o processo doloroso da morte, pois, conforme nos diz um dos personagens do filme, “posso simplesmente morrer ou sofrer e morrer”.

Diante de tais inquietações, o grupo de idosos constrói uma máquina para acelerar a morte daqueles que optam por morrer antes de estarem completamente inconscientes de sua situação e debilidade.

Trata-se de um equipamento singular, produzido de forma artesanal e doméstica, que com intenção altruísta dos criadores auxilia o processo da morte, desde que justificadamente solicitado pelo paciente e contando com sua participação ativa.

Ou seja, o grupo grava uma videodeclaração com cada pessoa, que reafirma diante da câmera sua decisão de antecipar a morte, e depois disso a própria pessoa aciona o botão que fará a descarga da substância que provocará a chamada “doce morte”.

Essa situação não é tranquila no filme, pois gera muitos debates, inquietações, dúvidas e inclusive acusações de assassinato por parte dos personagens. Enquanto alguns condenam a

utilização do equipamento, outros passam a se beneficiar com esse “serviço prestado”, atribuindo um valor financeiro para cada solicitação, numa atitude antiética que gera certa desestabilização do grupo como um todo.

Já os doentes solicitantes dessa “ajuda” se sentem aliviados com a possibilidade de exercer conscientemente seu direito de usufruir um equipamento que os libertará do aprisionamento que uma doença terminal poderá provocar.

O principal ponto comum entre as duas produções está na ideia de uma morte que liberta. Ambos os filmes questionam o sentido da vida e reconhecem que estar vivo vai além de apenas prolongar a sobrevivência do paciente em sofrimento, a todo custo, por egoísmo ou capricho; seria um benefício para quem afinal?

Os dois filmes nos dizem que a vida só vale a pena ser vivida quando cada um reconhece suas potencialidades, exerce seus desejos, alimenta projetos e principalmente quando as relações levam os sujeitos a compartilhar “a dor e a delícia de ser o que é”.

Afora isso, pensando nas situações vividas pelos personagens, parecia restar apenas a dor de estar “vivo” e o desejo real de abreviar o processo lento e doloroso da morte, perante a impossibilidade de continuar existindo como sujeito pleno de sua própria história.

Então, pelo menos duas perguntas vêm à tona para nossa reflexão: Qual o sentido de encerrar uma vida de maneira pouco digna, numa situação



**Os dois filmes nos dizem que a vida só vale a pena ser vivida quando cada um reconhece suas potencialidades, exerce seus desejos, alimenta projetos e principalmente quando as relações levam os sujeitos a compartilhar “a dor e a delícia de ser o que é”.**



**Todos reconhecem o valor da vida vivida e veem se aproximar o fim, então, talvez, como última oportunidade de fazer uma escolha importante e consciente, decidem ser os autores de sua própria morte.**

de sofrimento, tristeza e falta de consciência, vivendo situações constrangedoras e de impotência? Reconhecer que é chegado o fim da jornada e morrer tranquilamente não seria algo desejável para todas as pessoas em situação de extrema vulnerabilidade?

Para os personagens, a decisão de antecipar a morte vem do medo de ter de enfrentar um futuro ainda pior em função da doença, sem autonomia e sem projetos. Todos reconhecem o valor da vida vivida e veem se aproximar o fim, então, talvez, como última oportunidade de fazer uma escolha importante e consciente, decidem ser os autores de sua própria morte.

Essas reflexões deixam entrever o quanto a questão da eutanásia é polêmica. Trata-se de um tema espinhoso que envolve questões éticas, religiosas e ideológicas, e, portanto, demanda muito debate e reflexão em diferentes fóruns, que possam auxiliar na proposição de leis que considerem a questão dos direitos civis, a diversidade de opiniões, o respeito às escolhas e à liberdade que cada ser humano deveria ter, para tomar as rédeas de sua existência.

Depois de analisar os filmes, é importante considerar que não existe uma receita certa para viver a finitude, a impotência e as limitações com as quais nos depararemos ao longo da vida, pois cada ser humano é único

e construirá de maneira muito particular sua história, então tudo que vier pela frente dependerá dos contextos, das escolhas e dos posicionamentos desses sujeitos diante da complexidade que é viver.

Vale lembrar também que há uma tendência social de pensar as questões da doença e da morte de forma reducionista, quase sempre associadas unicamente àqueles que tiveram uma vida mais longa, mas o que temos visto é que essa relação de causa e efeito nem sempre se confirma.

Portanto, é essencial que o debate sobre a prática da eutanásia se dê com respeito à ética e que seja pensado de forma abrangente, para além da velhice, pois todos estamos sujeitos a enfrentar a finitude, à nossa própria maneira, em qualquer fase da vida.

Sendo assim, deixo aqui a sugestão de outros filmes que poderão aquecer ainda mais a reflexão, a partir desse outro olhar; são eles: *A menina de ouro*, de Clint Eastwood (2004); *Mar adentro*, de Alejandro Amenábar (2004); e *Como eu era antes de você*, de Thea Sharrock (2016). Esses filmes, assim como vimos em *Amor* e *A festa de despedida*, também discutem a questão do direito à morte digna, porém na perspectiva de que estar vivo de fato, para velhos ou jovens, está diretamente relacionado ao desejo e aos diversos sentidos que produzimos na relação com o outro.

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS REVISTA MAIS 60: ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

A revista *mais 60: estudos sobre envelhecimento* é uma publicação multidisciplinar, editada desde 1988 pelo Sesc São Paulo, de periodicidade quadrimestral, e dirigida aos profissionais que atuam na área do envelhecimento. Tem como objetivo estimular a reflexão e a produção intelectual no campo da *Gerontologia*, seu propósito é publicar artigos técnicos e científicos nessa área, abordando os diversos aspectos da velhice (físico, psíquico, social, cultural, econômico etc.) e do processo de envelhecimento.

### NORMAS GERAIS

Os artigos devem seguir rigorosamente as normas abaixo, caso contrário, não serão encaminhados para a Comissão Editorial.

- Os artigos não precisam ser inéditos, basta que se enquadrem nas normas para publicação, que serão apresentadas a seguir. Quando o artigo já tiver sido publicado deve ser informado em nota à parte sob qual forma e onde foi publicado (Revista; palestra; comunicação em congresso etc.)
- Ao(s) autor(es) será(ão) solicitado a Cessão de Direitos Autorais conforme modelo Sesc São Paulo – quando da aceitação de seu artigo. Os direitos de reprodução (copyright) serão de propriedade do Sesc São Paulo, podendo ser reproduzido novamente em outras publicações técnicas assim como no Portal Sesc São Paulo [www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br)
- Os conceitos emitidos no artigo são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da Comissão Editorial da Revista.
- Todos os artigos enviados, e **que estiverem de acordo com as Normas**, serão analisados pela Comissão Editorial que opinará sobre a pertinência ou não de sua publicação. No caso de aceitação do artigo, o(s) autor(es) será(ão) contatado(s) pelo correio eletrônico e terá(ão) direito a receber 01 (um) exemplar da edição em que seu artigo for publicado.
- Os artigos devem ser enviados para o endereço eletrônico [revistamais60@sescsp.org.br](mailto:revistamais60@sescsp.org.br)
- Os artigos devem conter enviar uma breve nota biográfica do(s) autor(es) contendo: o(s) nome(s); endereço completo; endereço eletrônico, telefone para con-

tato; se for o caso, indicação da instituição principal à qual se vincula (ensino e/ou pesquisa) e cargo ou função que nela exerce.

- Os direitos de reprodução (copyright) dos trabalhos aceitos serão de propriedade do Sesc, podendo ser publicados novamente e o autor também autoriza disponibilização no site [www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br)
- Os trabalhos aceitos serão submetidos à revisão editorial e apenas modificações substanciais serão submetidas ao(s) autor(es) antes da publicação.

### APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

- a) Os **ARTIGOS** deverão ser apresentados em extensão .doc ou .docx e devem conter entre 20.000 e 32.000 caracteres, sem espaço, no total. Isto é, incluindo resumo, abstract, bibliografia.
- b) O **RESUMO** deve apresentar de forma concisa o objetivo do trabalho, os dados fundamentais da metodologia utilizada, os principais resultados e conclusões obtidas e conter cerca de **200 palavras**. Deve vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as palavras-chave.
- c) O **ABSTRACT** também deve conter cerca de 200 palavras e vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as keywords.
- d) O **ARTIGO** deve conter: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão ou Considerações Finais, *não necessariamente com essa denominação*.
- e) As referências bibliográficas, notas de rodapé e citações no texto deverão seguir as normas da *ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas ou as Normas de Vancouver*.
- f) **CATEGORIAS DE ARTIGOS**: Resultados de pesquisa (empírica ou teórica), Relatos de experiência, Revisão de literatura.
- g) **ILUSTRAÇÕES**: As ilustrações (gráficos, fotografias, gravuras etc) devem ser utilizadas quando forem importantes para o entendimento do texto. Pede-se que fotos (mínimo 300 dpi), mapas, gráficos ou tabelas tenham boa resolução visual, de forma que permitam a qualidade da reprodução. As ilustrações deverão ser numeradas no texto e trazer abaixo um título ou legenda, com indicação da fonte/autor.
- h) **FOTOS**: No caso de utilização de fotos (necessariamente em alta resolução, mínimo de 300 dpi) devem vir acompanhadas de autorização de veiculação de imagem do fotografado e com crédito e autorização de publicação do fotógrafo. (Modelo Sesc São Paulo).



O Sesc – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O Sesc de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o Sesc São Paulo conta com uma rede de 40 unidades, disseminadas pela Capital, Grande São Paulo, Litoral e Interior do Estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia e cinema.

---

#### **CONSELHO REGIONAL DO SESC – 2014-2018**

**Presidente** Abram Szajman

**Diretor do Departamento Regional** Danilo Santos de Miranda

**Membros Efetivos** Benedito Toso de Arruda, Carlos Roberto Moreira, Cícero Bueno Brandão Júnior, Eduardo Anastasi, Eládio Arroyo Martins, Euclides Carli, João Herrera Martins, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Luiz Carlos Motta, Manuel Henrique Farias Ramos, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Rafik Hussein Saab, Roberto Eduardo Lefèvre, Rosana Aparecida da Silva, Wallace Garroux Sampaio

**Membros Suplentes** Ailton Nunes de Matos Junior, Aldo Minchillo, Alvaro Luiz Bruzadin Furtado, Antonio Cozzi Júnior, Arlindo Liberatti, Arnaldo José Peralini, Atílio Machado Peppe, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Edison Severo Maltoni, João Eliezer Palhuca, Paulo Roberto Gullo, Pedro Abrahão Além Neto, Reinaldo Pedro Correa, William Pedro Luz

#### **REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL**

**Membros Efetivos** Abram Szajman, Ivo Dall’Acqua Júnior,  
Rubens Torres Medrano

**Membros Suplentes** Costábile Matarazzo Junior,  
Vicente Amato Sobrinho

# mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

Volume 28 | Número 67 | Maio de 2017

## NESTA EDIÇÃO:

Uma análise dos avanços e desafios nas pesquisas sobre a Doença de Alzheimer é tema do artigo de capa de Marimelia Porcionatto, Professora Associada Livre Docente do Departamento de Bioquímica da Escola Paulista de Medicina (UNIFESP).

Os preconceitos e estereótipos que cercam o processo de envelhecimento são discutidos por Gisela Castro, em “Precisamos discutir sobre o idadismo” e por Gleicimara Araujo Queiroz Klotz, em “Percepção estética do envelhecimento feminino” e, ainda, uma revisão bibliográfica da revista “Mais 60: estudos sobre envelhecimento” traz um levantamento dos artigos que abordam outro tema importante na reflexão sobre a velhice: a sexualidade.

Nas seções *Painel de Experiências* e *Resenha* o envelhecimento é abordado sob a perspectiva das linguagens artísticas, a partir da prática nas ações voltadas à pessoa idosa no Programa *Trabalho Social com Idosos* e na forma como o cinema acerca-se do tema.

Uma entrevista com Shoko Suzuki, ceramista, completa esta edição que traz, ainda, proposta de um ousado diálogo: como a linguagem dos quadrinhos interpreta o artigo “Dificuldades e desafios na busca pela cura da doença de Alzheimer”, por meio da obra de Leandro Lobo.

[sescsp.org.br](http://sescsp.org.br)



Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em

